

a. guerra santos

APOLO

ROMANCE



APOLO

ROMANCE



Título: APOLO

Género: Romance

© a. guerra santos

ISBN: ()

Depósito legal: ()

ACADEMIA DO PENSAMENTO EDITORA

(marca registada no INPI)

academiadopensamentoeditora@gmail.com

facebook.com/academia do pensamento editora

tel. 919973044

Agradecimentos:

Manuel rodrigues

Ana Carolina, Maria Poppe, Conceição Camelo,

Karina Melo, Rita Benis, Carlos Patrão, Miguel Guilherme,

Nuno Godinho, Pedro Oliveira

« Há três tipos de loucura
produzida pela inspiração divina,
a mania profética ou filosófica,
a mania erótica e a mania poética »

Cai na cama não vencido pelo cansaço mas em desalento, a sua memória apaga-se lentamente, algo o invade e toma conta de si, uma sensação doce envolve o esquecimento, será isto parecido com o instante que antecede a morte, se assim for não é mau de todo pensa ele e adormece.

Um corpo morno encosta-se, um traseiro generoso que arrebita certos apetites, mas logo os afasta, não é o momento, fica-se pela ideia do encaixe perfeito e pelo sentimento de que não há nada mais reconfortante... o apartamento é um open space adaptado, uma antiga escola de arte, um armazém londrino em Briklane, poder-se-ia descrever minuciosamente o local mas talvez não sejam oportunos pormenores que não acrescentam nada ao enredo, embora sejam importantes os tempos de suspensão, aqueles em que alguém se ajeita ou desiste, lê sem digerir, depende do adiantado da hora ou dos motivos que levaram o livro a abrir-se, estamos em Londres portanto, mas ele não se lembra como é que ali foi parar, porque na realidade não se lembra de nada que não seja o passado imediato, o tempo começa quando dá conta do momento e as palavras nascem do interior, um novo corpo dentro de outro, aquilo que para alguns poderá parecer confuso é para outros absolutamente natural, habituou-se a isso já não se lembra desde quando, se foi há muito ou pouco tempo ou mesmo naquele instante, portanto a importância que tem o tempo é

muito relativa, um pensamento que não deixa de ser apaziguador, imagine-se estar sempre a começar de novo sem memórias do passado à excepção daquelas que começam assim que acaba de acordar.

Ela olha-se ao espelho e vê reflectida ao fundo a imagem dele a dormir. Chega de madrugada e agora para acordar é que vai ser bonito, os convidados prestes a chegar, e ainda por cima o Tony que veio com ele dorme também esparramado no sofá. Isto de não ter quartos nunca me agradou esta falta de privacidade desabafa em voz alta e pareceu-lhe que o marido levantou ligeiramente a pestana mas logo voltou a fechá-la, se calhar está a fingir para não ter que me aturar, calça os sapatos de sola vermelha e fica logo mais animada. Na cozinha onde está o pessoal do catering a ultimar os preparativos da festa, não tem a certeza se a ideia do sushi não será comentada como estando fora de moda, mas não lhe quis fazer a desfeita depois dele a muito custo ter concordado com a ideia da recepção ao primo que vem instalar na City o seu escritório de investimentos, na verdade não era só primo foi também seu amante em tempos que já lá vão, mas isso ele não sabia, eram coisas que só a si diziam respeito, sorri quando descobre que o staff de fita ninja na cabeça é quase todo brasileiro.

Só quando ouviu a voz é que percebeu que estava acordado, levanta ligeiramente a pálpebra esquerda e dá conta que já antes de lhe ver as curvas e o recorte da lingerie por baixo do vestido em malha estava com uma ereção dormente, continuou de olhos fechados até ouvir o toc-toc dos saltos altos a

afastarem-se. Quem seria? provavelmente a sua namorada ou idilicamente o amor da sua vida, tinha de arranjar forma de despertar normalmente da maneira que se estava à espera, como era hábito seu de forma que ninguém estranhasse, mas como se não sabia nada sobre si próprio e muito menos sobre ela. Invade-o a curiosidade de como seria fisicamente, acaricia a face escanhoada onde não se revelam os anos, as mãos suaves nunca souberam o que é trabalho pesado, as primeiras impressões que tem de si não desagradam, pelo que lhe é possível perceber era alguém bem instalado na vida, o pijaminha de marca e o volume proeminente da barriga de menos agrado é o pouco que descobre por agora, deixa-se ficar deitado e pensa que não há nada mais fascinante que nascer de repente, uma ideia que não lhe era de todo estranha, quem já teria sido antes de ser o que é agora? uma questão inglória por que como já é sabido não se lembrava de nada, mas nunca é demais afirmá-lo por que isso condiciona tudo principalmente o que virá a fazer da vida. Traz gestos que não lhe pertencem sem falar dos pensamentos, tem uma ligeira impressão no cérebro, ouve vozes distantes e adormece novamente.

Ela abana o amigo do marido sem qualquer afecto ou no mínimo a ternura que inspiram certos bêbados, ele desperta com sabor amargo na boca, que horas são pergunta sem razão nenhuma, já é tarde e temos a festa responde ela na tentativa de se ver livre do emplastro que tem na sala, a sério? não me lembro de nada diz ele a massajar as têmporas com os dedos indicadores, ela encolhe os ombros pouco disposta a encetar

diálogo com um palerma em ressaca, ele levanta-se disposto a contradizer a má impressão que de certeza causa nela mas dá-lhe uma tontura e cai sentado no sofá, o vômito vem-lhe à boca e por pouco a sua imagem não fica manchada para sempre, vou pedir para te trazerem um café, ela afasta-se e ele pensa ainda bem que não gosto de mulheres.

Quando acorda já de noite a atmosfera é mágica, as luzes no espaço poderiam ter sido pensadas por ele, what the fuck... são as primeiras palavras que se ouve a dizer, a voz não lhe desagrada, é grave, por instantes antes do som sair receou ter voz aguda e a entoação afetada, e esta língua, seria a sua língua materna? eleva-se ficando primeiro de cócoras em cima da cama, uma imagem pungente se alguém visse, onde é que ela andar? pisa o chão pela primeira vez, depois de analisá-lo como se fosse necessário escolher o local exato onde pousar o pé, adiantando depois o outro com a mesma cautela. Segue depois os passos que pelos visto sabem o caminho para o banheiro, é estranho o pensamento e a fala manifestarem-se em línguas diferentes. Pigarreia quando entra e a encontra sentada na sanita, impedindo-o de cuspir, naturalmente ela diz passas-me o papel, estende-lhe o rolo preto pousado na mesinha de apoio com alguma admiração, e a escarreta empastelada na boca, não olhes para mim a ideia foi tua, ela limpa o sexo à sua frente puxa o autoclismo e as calcinhas de renda para cima, ao mesmo tempo ele engole o escarro, mas algo se passa porque fica corada a olhar para o seu sexo que lentamente cresce, o constrangimento é mútuo e ele não acha

isso normal num casal aparentemente moderno, ela disfarça e diz despacha-te que eles estão a chegar.

Ajeita as almofadas confusa e sem querer admitir bastante excitada, sentia pela primeira vez desde a adolescência as virilhas húmidas, o que é que se tinha passado naquele momento? era como se o tivesse visto pela primeira vez de pau feito, solta duas sonoras gargalhadas, os homens são tão estranhos.

Nada como um duche morno para arrebitar o corpo e amolecer o sexo que persiste em manter-se de pé, a sua vontade tinha sido saltar-lhe para cima, mas a cerimónia falou mais alto, afinal não a conhecia de lado nenhum, tinha de dar tempo ao tempo mas a ideia ficou por ali a cirandar como se soubesse que se ia realizar em tempo e modo oportuno, naquele momento o importante é que finalmente se ia olhar ao espelho. Começou a chegar gente quando ainda se estava a vestir desanimado com o que de si lhe foi dado a ver no reflexo de corpo inteiro que havia numa das paredes, aquilo a que ela chamava vestiário era um armário num dos cantos da sala encoberto por um biombo oriental atrás do qual vestia agora as cuecas da marca "just because", podia ter escolhido alguém mais bonito mas nem sequer se lembrava do momento e do critério que tinha usado para escolher aquele corpo ao qual tinha de se afeiçoar se não queria viver um pesadelo. Finalmente pronto, vestido com um fatinho escuro de bom corte e por baixo um pullover macio de decote em bico que não lhe ficava nada mal, a vontade em encará-la novamente excitava-o. A festa decorria

fluida, a fluidez das conversas sem interesse, não teve de fazer grande esforço para não revelar que era um homem novo, ia descobrindo aos poucos algo sobre si e aqueles que faziam parte do seu mundo, Ela a sua mulher era uma famosa produtora de moda, o mais fashion que se possa imaginar e que não tardaria a descobrir com tudo o que de preconceituoso isso significava, aliás naquele universo escancarava-se a perversidade tão própria do ser humano, os convidados e amigos pelos vistos dividiam-se entre investidores como eles próprios se apelidavam e os outros que se apresentavam como artistas, de vários géneros, da moda às artes plásticas com alguma música à mistura e tudo o que de excêntrico o estatuto arrasta, escritor para já só descobrira um que era ele próprio. Gostei muito do seu último romance tinha dito o homem, falando baixo como quem não quer a coisa e antes de meter um croquete na boca. Por alguma razão obscura via-se que uns dependiam dos outros e o mundo resumia-se a essa troca de privilégios, o poder de sustentar e o gozo que se tira da vida só possível em quem é sustentado, alguns presentes de copo na mão conversavam nos cantos com pouco à-vontade, veio a perceber serem os políticos, aqueles que a sua inteligência decidiu ascender às classes dirigentes como única forma de sobrevivência possível, mas que como ele próprio por razões diversas no intimo perguntavam-se o que estavam ali a fazer. Por várias vezes teve vômitos mal disfarçados mas atribuiu à ressaca os sintomas do enjoo, as conversas eram uma enorme teia de lugares comuns por isso ficou com a sensação de que

daqueles espécimens nada de bom a humanidade herdaria. Sejai bem aparecido, há séculos que ninguém te vê então o que é que tens feito pergunta-lhe a figura de túnica de seda branca com o véu a tapar parte do rosto e ele sem saber que responder encolhe os ombros, queres algo para reanimar diz ela com um brilhozinho nos olhos azul-fulminante, pode ser responde curioso com o que isso significaria, ela pede-lhe a mão e encaminha-o para a casa de banho com o sorriso cúmplice da sua mulher quando se cruzam no caminho.

Ele não está nada bem desabafa para si própria, pode ser que aquela aparição o espevite, quem será a vacarrona, deve dormir com um príncipe árabe em troca das mamas xl implantadas na clínica do Bahreim, nem sabe a figura que faz com aquela roupa a roçar as buzinas nas pessoas sem dar por isso, que insensibilidade, onde é que deixei o meu vodka... finalmente eis que chega o convidado principal, um provinciano afogado em peneiras como o marido dizia, dor de cotovelo claro da excelente figura do primo duvidoso da mulher, welcome to my world, thanks prima.

No mesmo instante no outro extremo do salão enquanto esperavam que um grupo de gays retocasse a maquilhagem e saísse do wc, fez a descoberta de que os seus pensamentos eram em português, que língua estranha e ao mesmo tempo tão familiar, era estranho também como rapidamente tinha aprendido a controlar o desejo, a sua vontade reprimida por uma pretensa imagem de homem respeitável resistindo ao impulso de sair dali para fora, bater com a porta. No entanto

mantinha-se hipocritamente resignado com esperança de um afortunado conjunto de circunstâncias resultar numa momentânea explosão de afectos dentro do polibã... um sujeito que já várias vezes lhe tinha despertado a atenção pela forma como insistentemente o observava sem se aproximar pisca-lhe o olho a sair do urinol, um ligeiro arrepio atravessa-lhe a espinha, só faltava que naquele filme fosse dos que dá para os dois lados, e quando deu por isso já estava trancado e a berbere escandinava fazia dois riscos no vidro do lavatório com a alva (de claridade indecisa) face destapada, ele assoou-se ao papel negro com estranha familiaridade e com a nota enrolada que ela lhe passou snifou a linha branca que lhe estava destinada.

O House progressivo inunda a sala com sons electrónicos que agitam freneticamente os corpos, todo o mundo dança agora em estranha comunhão esquecendo quem são e libertos fugazmente da construção que fizeram de si próprios ao longo da vida, a maioria está perdida de bêbada acusando o adiantado da hora. De olhos esbugalhados observa a figura coberta que desenvolve a seguinte teoria sentados no parapeito da enorme janela em arco da antiga oficina de desenho, ao fundo na noite o pepino erótico (erotic gherkin) liberta fumo para o céu. Nós não somos filhos de Adão e Eva diz ela... ai não? então somos filhos de quem pergunta ele, do arcanjo Samuel responde e destapa a cara para dar uma passa no cigarro levemente opiado. A manhã nasce em tons de cinzento depois de azul e gradualmente pinceladas de luz pintam o dia a cores,

a mulher desapareceu e o primo também, porque será que tem tanta certeza de que entre eles se passa algo mais que amizade, um instante de clarividência e ela insiste, Eva do Samuel teve Caim do Adão pariu Abel foi o principio da desgraça, havia algo nas suas pupilas que as fazia mover constantemente, talvez fosse a intensidade crescente da luz ou a sua direcção a razão daquele olhar crepitante que o hipnotizava, estava apaixonado por aquela imagem divina e talvez por isso sentiu-se na necessidade de quebrar o encanto da pior maneira, se bem me lembro Caim matou Abel, ela solta uma estridente gargalhada e diz afinal não estás amnésico de todo, vamos dançar. Depois de ter sido completamente possuído pela aparição na pista de dança descansa agora no sofá, exausto, praticamente já não está ninguém na festa, a deusa do Islão foi-se embora e os empregados recolhem a loiça, um deles aproveita o charro esquecido no cinzeiro e guarda-o na orelha à carpinteiro, procura a cama com os olhos e quando a encontra ao fundo da sala o desejo de se deitar nela parece uma odisseia impossível, mesmo para o filho de um anjo que supostamente terá asas invisíveis até então desconhecidas. Fecha os olhos por um instante mas quando os abre já é noite de novo, e não ainda. Que noite é esta que saltou um dia? o silêncio é bem vindo, onde andará a mulher, afinal está deitada na cama a seu lado, ganha coragem para beijar os cabelos de ouro adormecidos na almofada, não se lembrava de alguma vez ter estado com uma mulher, por mais esforço que fizesse não conseguia lembrar-se de nenhum acto

mais íntimo fosse com quem fosse, de repente ela senta-se e pergunta que horas são, oito e meia responde ele a olhar para o relógio no pulso.

Não o reconhece, está diferente, o que é que se passará, nem parece o mesmo, até está mais sexi e a ideia excita-a, deita-se em cima dele beija-lhe a boca e com a mão encaminha o sexo duro que lateja para dentro dela, ele imediatamente atinge o orgasmo ela ri-se e pensa afinal continua o mesmo precipitado. Felizmente é escritor não precisa de fazer nada e mesmo que quisesse não saberia que fazer, mas o que faria normalmente antes de ser quem era agora? o busto de Apolo em gesso revestido com uma patine platinada recupera o olhar penetrante que perdeu no dia em que ficou ali esquecido, pescoço hirtos com um sorriso sarcástico nos lábios finos olha de viés para o mortal que o observa. Etimologicamente o seu nome significa «o deus da morte súbita», na Ilíada as suas flechas levam a doença e a morte ao campo dos Aqueus, mas Apolo é também o símbolo da sabedoria, essa dupla significação talvez seja a razão da sua loucura como dizia Platão «os bens maiores vêm-nos através da loucura que é concedida por um dom divino» diz em voz alta. O que é que disseste? pergunta Ela da cozinha enquanto prepara o pequeno almoço, e ele responde quase aos gritos «É tempo minha querida, é tempo. O coração pede descanso. Os dias escoam-se um após outro, e com cada hora vai Um pedaço de vida; mas entretanto tu e eu Juntos planeamos viver... todavia vê! É então que morremos. Não existe felicidade na terra: existe no entanto paz e liberdade. Há

muito que anseio conhecer um destino invejável: há muito que, escrevo exausto, contemplo a fuga para um longínquo domicílio de trabalho e puro deleite». És um poeta darling, o poema é teu pergunta ela a fritar o bacon, escreveu Pushkin para a mulher em mil oitocentos e trinta responde ele admirado consigo mesmo, desculpa não te ouvi e o toucinho fumado estala em agonia... como sabia isto permanecia um mistério, a sua memória só reteve o conhecimento teórico, e apagou tudo o que dissesse respeito à vida, o que viveu, que espécie de loucura é esta pergunta a si próprio. Não se sentia seguro da sua habilidade para escrever, duvidava até que possuísse essa capacidade, não se lembrava de nada que tivesse escrito. Talvez tivesse o dom de descortinar os artifícios da vida e uma disposição inata para o exercício criativo, mas naquele momento nada disso lhe parecia plausível, a mulher traz-lhe o sumo de laranja à cama e ver o seu corpo roliço através da túnica translúcida excita-o. Quem era a encapuzada com quem passaste a noite a conversar e a dançar? pensei que fosse tua amiga diz admirado e calam-se por momentos. Nunca a vi mais gorda mas ela parece conhecer-te bem e a forma como se relacionam parece bastante íntima, disse-o aparentando naturalidade mas no íntimo via-se que o facto a incomodava, será que ainda o amava, então porque é que andava enrolada com outro. E tu onde é que foste, procurei-te em toda a casa... não desconverses estive na festa a noite toda, as suas maçãs do rosto ruborizadas trouxeram-lhe à memória a traição de Eva, embora neste caso nenhum dos dois tivesse a consciência

limpa, será que Adão a tinha?

Que grande maluco lhe saiu na rifa cogita ela no duche, porquê ele e não outro qualquer, uma amiga tinha-lhe dito que os portugueses eram todos loucos e se calhar por isso é que eram tão bons na cama, infelizmente nisso ele não fazia jus à fama e para mal dos seus pecados também ela tinha uma costela lusa por isso adorava sexo, os homens são é todos loucos desabafa para o sabonete escorregadio e embriagado entre as suas pernas.

Uma das coisas que sentia era a ausência de respostas e não sabia se já sentia isso antes, veio-lhe à ideia uma memória inventada, perdido na floresta subiu à árvore mais alta e o que viu a toda a volta perdida no infinito, era mais floresta. Quem sou eu? pergunta ao amigo sentados no sofá a dividirem o charro, Ela foi trabalhar e o Tony chegou logo de seguida, o que queres que te diga sei lá és um gajo porreiro, mas se tivesses que me descrever a alguém o que dirias? deixa-me pensar um bocado e já te digo, saca do telemóvel e diz que vai ligar ao namorado, levanta-se e procura um lugar com alguma privacidade mas naquele espaço só mesmo na cozinha, ele aproveita e vai procurar a carteira nalgum bolso dos muitos casacos que tinha, mas não a encontra e isso é preocupante porque na verdade nem se lembra como se chama. O amigo volta e interroga-o, o que é que procuras? não sei da minha carteira responde a abrir gavetas, tu não te lembras do que aconteceu na outra noite pois não? ele olha para Tony e o seu olhar dá a resposta, escusas de procurar porque deitaste-a

fora, atiraste-a ao rio, disseste que com aquele gesto tornavas-te outro e ias começar tudo de novo ...que drogas tomámos? o costume nada de especial, mas não te lembras de nada mesmo pergunta o amigo preocupado, para te ser franco nem sei qual é o meu nome.

Mas como é que isso é possível? estou-te a dizer perdi a memória não me lembro de nada, não tenho a mínima ideia de quem sou, não te conheço de lado nenhum. Tony deixa-se cair no sofá, incrédulo, por momentos passou-lhe pela cabeça que o amigo estivesse louco, completamente passado, observou-o com atenção como se o seu corpo ou os gestos confirmassem a insanidade. Não acreditas em mim? era uma pergunta desesperada cheia de autenticidade, não sei que te diga deixa-me pensar e levanta-se disposto a fazer uma chamada, que cena.

Sabes apetecia-me mesmo era dançar, dois ou três dias sem parar, tenho uma vontade irresistível de entrar em transe, talvez as memórias voltem, embora não esteja seguro de as querer de volta, seja o que Deus quiser o que preciso mesmo é de passar para outra dimensão, o que é que achas? Não sei darling responde ela desinteressadamente e ele fica logo irritado, não se tivesse tornado outro aquela resposta teria consequências graves, e nem de propósito para complicar as coisas acrescenta, vai tu com o teu amigo Tony vocês andam sempre juntos. A gota de água transbordou do cálice, já percebi tu queres é ver-me pelas costas, assim tens mais espaço para comeres o primo dispara à queima roupa. Ela tem um choque

elétrico que lhe atravessa o corpo todo, fica hirta e não responde logo, estava o caldo entornado, és um ordinário já não gosto de ti, ele sorri, tu é que provocaste estavas à espera de quê, ainda por cima insinuas que sou panasca, só por isso devias levar um bolheto. Não acredito estás a ameaçar bater-me, o que é que se passa contigo estás estranho nem te reconheço. O que é que eu te disse, perdi a memória, fuck, estive a gastar o meu inglês para o boneco? Calma darling estás muito nervoso até me assustas, que medo. Eu não estou nervoso e pára de me chamar darling... a forma como ele se virou e deu as costas ao diálogo, vestido de lantejoulas como um verdadeiro toureiro, foi a imagem que ela viu e achou estranho estar a tripar sem ter tomado nada. Eu vou contigo tu és o meu matador agora mostra-me a tua bandarilha e atirou-se indecorosamente para o sofá, a ele os remorsos subiram-lhe à cabeça, aquela era a mulher da sua vida.

Já estava tudo planeado, tinha feito uma pesquisa na net e o resultado teria de ser comunicado aos companheiros de viagem, que duvidava gostassem da ideia, mas a sua determinação era total, ia voltar a Portugal embora não se lembrasse de alguma vez lá ter estado. Mas então não há festas noutra lado? exclama o Tony surpreendido, não sei se me apetece ir lá neste momento, tens lido os jornais? aquilo por lá está um caos, anda tudo às cabeçadas, Ela concorda com gestos de cabeça, ouvi dizer que vai haver um festival na Roménia, isso é muito interessante nunca lá fomos e quando é que é? Parem, está decidido partimos para Lisboa logo à noite,

já reservei os bilhetes usei o teu cartão de crédito. Não! grita Ela toda excitada, tenho de ligar para a revista, fazer a mala, olha para o Tony e acha-o estranhamente calmo, o que é que tens? ele levanta-se e num tom formal de alguém que descobriu algo crucial para o desenvolvimento dos acontecimentos profere, isso é tudo muito bonito mas esquecem-se de um pormenor importante, a carteira dele com todos os documentos foi pelo Tamisa abaixo. Quando o amigo disse «a carteira dele» pensou quem sou eu? como é que me chamo saiu assim fora de contexto, eles ficaram a olhar para ele, hesitavam e entre os dois passou-se algo que lhe passou ao lado, então Ela disse chamas-te Apolo, o Tony ri-se enquanto Apolo finalmente nomeado adentra-se definitivamente no corpo do eleito. Toca a campainha e Ela vai abrir a porta enquanto eles rodam a garrafa de vodka, quando volta traz a carteira do marido na mão, vieram trazê-la parece que caiu em cima de um barco de passeio chamado «Princesa do Tamisa», amazing até estou todo arrepiado diz o Tony. Afinal sempre vamos hoje, guarda a carteira babe, não quero saber o nome que tenho nos documentos, esta aventura vai chamar-se «Apolo in Olisipo». Estou toda arrepiada darling.

Instalado na camioneta voadora da Ryanair receia abrir o livro que supostamente escreveu, Tony tenta implantar-lhe a memória inventada de que já foram amantes, até podia ser verdade se não fosse para si um facto tão desinteressante, ele percebe isso e desiste rapidamente, o interesse também não era elevado. Ela adormeceu profundamente de cabeça

encostada à janela, a noite é negra sem luar e estrelas que a pudessem embalar, o amigo lê o Lonely Planet de Spain & Portugal e comenta, ao ler isto fica-se com a ideia que o teu país é tipo Marrocos, vocês têm assim tanta influência árabe? Mais do que se quer fazer querer, um problema mal resolvido, aliás é um problema porque a questão nunca se resolveu, quem somos nós? Um povo de comerciantes sem dúvida diz o amigo inspirado, por isso é que tens um ar um bocado amerceeirado

Fuck you Tony.

“EXPERIÊNCIA COM O TEMPO”

«Euculpio aproxima-se de porto seguro, nunca um estuário fora tão limpo como aquele, as suas águas de tão cristalinas reflectem luz celeste como espelho mágico onde bate o sol. Euculpio gosta de se pendurar na balaustrada e imaginar-se golfinho furando ondas do mar com crista de espuma, chocam nas do rio expelem gotas de cristal "some times wind blows and misteries of love came clear" falava-se em milagre, dizia-se que aquela água-benta já tinha sido esgoto, uma onda salta ofendida sobre o mar tranquilo. Passa a ponte antiga como se atravessasse as muralhas em ferro de um castelo magnífico. A luz mudou, nova atmosfera protege a paisagem a partir dali, o cheiro a especiarias tinha vindo das costas de África e veio para ficar. A vela latina remendada ensoberbe-se na perspectiva da presença de tantas semelhantes que flutuam no Mar-da-Palha para onde se dirigem na procura de um lugar mais calmo que as margens-cidade que os intimida, a Euculpio e à sua jangada. Do Porto de Lisboa soam as boas vindas à sua entrada, algumas gaivotas acompanham o destino da embarcação, os seus guinchos completam o barulho da vida. O nosso herói está emocionado, as lágrimas juntam-se na fronteira da barba; mesmo sabendo os custos que a emoção traz não perderiam aquele momento por nada. Aquela parte é a mais crítica pela fúria na água provocada por alguma caravela despropositada no fausto e no tamanho, dali não se voltava a

partir para parte alguma, estava-se no paraíso, fim da carreira. A segunda ponte parece que tinha sido construída com o propósito de evitar a bandalheira, não fosse ela e o estuário estava cheio de carcaças gigantes dos outrora chamados petroleiros, coitados "Todos saberemos o quanto é difícil arranjar lar quando já não se é preciso" a partir dali o rio é dos pequenos que fazem naquela zona a sua vida e chamam à foz do Tejo maré urbana (com certo fascínio). Euculpio interroga-se, já em direcção a Alcochete, se a forma como vê tudo será a verdade ou apenas uma possibilidade. Acosta pelo areal adentro à custa da velocidade que lhe deu o vento, os bidões ficam praticamente fora d'água. Salta do deck para a areia e espera as tonturas do não pisar terra ao fim de certo tempo, espreguiça o corpo, dá passinhos em bicos-dos-pés "É mágica a firmeza do chão". Caminha calmamente em direcção ao café da aldeia, persegue-o uma frase: Mulher alguma é tão virtuosa que por uma paixoneta de fresca data, se não deixe arrastar até à loucura...»

O que podia acrescentar àquilo que aprendia, uma questão que por vezes se colocava, monólogo interior, o eco da mente crescia em forma de bola de sabão, respostas prontas opinião formada realmente não existia. Os eus eram mais que muitos, antes do renascimento que era prova viva, para além de Jesus o verdadeiro, o que realmente foi herdeiro do espírito-santo. Não fala de objectivos, prefere processo, inevitavelmente interrompido com o fim da vida enquanto alma & corpo, dito simples quando para além do entendimento se tem a

experiência. Sobreviveram poucos (os tais eus) a maior parte afundou-se no pecado, à custa da disciplina e do ritual a que deu trabalho percebendo finalmente a sua real importância, diluíram-se na totalidade do kosmos. Phobos | vulgares | divorciados diz com carinho não fosse atraído no terreno biológico | físico onde moram. Dantes também ocupavam a mente, o intermédio, interferiam na vida impunemente justificavam a psicologia impediam qualquer relação com a alma entretendo o corpo basicamente, sexo, drogas, o social. A profunda relação entre alma & corpo, de amor que sabe à partida não existir para sempre (por isso a saudade dos portugueses faz-lhe todo o sentido) é celestial, onde se situa toda a teologia e onde mais gosta de estar, ajuda-o a aceitar [entender?] a tal inevitabilidade, deixar de existir, embora sentisse como se já alguma vez tivesse sido aquilo que é - diz em elogio fúnebre à conversa consigo. Cansado, falava em círculo, duvidoso nas intenções “Não há pachorra”. Agora conversa com outros conforme caminha na corrente humana que é a vida, tudo muito simples. Nisso irritam-no certos poetas que complicam tudo. Um espírito mais atento percebe rapidamente que ele ainda está baralhado daí para a frente, se estivesse no campo-de-batalha faria um relatório sumário da situação onde se omitem as reais intenções e as baixas no pelotão. Tem pena de não saber contar uma história, desfiar o enredo minuciosamente «Por um tempo amaciado de degelo de fins de Novembro, cerca das nove da manhã o comboio do caminho-de-ferro Oriente - Tomar aproximava-se a todo-o-

vapor de Alverca. Tinha o nariz largo e achatado as maçãs do rosto salientes os seus lábios finos formavam a cada instante um sorriso descarado, sarcástico, mesmo malvado, mas a fronte era alta e bem desenhada compensando a rudeza da parte inferior do rosto...» para quê escrever nove da manhã, não estaria ali por acaso «...acentuada numa noite sem dormir» é fundamental rematar. Inventar sai logo precipitadamente, entreter cola-se, distrair encosta-se “Quéquéisso? vademetro”... delira. Tem dúvidas, muitas dúvidas, não pode deixar de admitir, transbordam da mente saltando para o colo da rapariga, sentada em frente, enjoada com o olhar dele fixo nas suas pernas. É indiferente o que possam pensar dele quando adormecido, pelos solavancos da carruagem o fio-de-baba no sono de extremos, quase estalactite, pende do lábio, o que para os outros parece desleixo é para ele sinal de descanso, que pena aquele “Voltem sempre” surgir a todo o momento, em pleno sonho-sexual, com a rapariga já ao contrário, lá ouve inevitavelmente o rapaz com gravata “Posso ajudar?” a voz terrivelmente parecida com a dele... tinha que mudar de emprego!.

Estava a afastar-se de si para além da descolagem necessária do eu naquilo a que chama “Passo da floresta com Jünger a meu lado” adora conversar seja com quem for que simpatize consigo. O vizinho Rato espreita da marquise quando sai para passear Evita a cadela rottweiler mais inteligente do mundo cão. A aldeia tinha qualquer coisa de Ramallah para além do caos na construção, não se pode dizer que as pessoas sejam

parecidas com as do telejornal (talvez um pouco) mas nunca em parte alguma além de, e talvez nisso a semelhança, o conflito é pulsão constante, estar sentado em barril de pólvora (imagem que lhe agrada) provavelmente fora de prazo porque sempre foi assim, geralmente não acontece nada (na aldeia claro), nem pode, porque a vizinhança fecha-se no quintal-de-si-própria, raramente sai à rua e se tem de o fazer há que tirar a capa ao carro estacionado na garagem que é também museu bric-a-brac, ostentados troféus das conquistas na vida como o aparador alentejano há muito substituído pelo armário de fórmica. Entristece-o os passarinhos em gaiolas minúsculas presas a uma relação, mas esses ao menos pela disciplina da prisão respeitam o descanso obrigatório dos animais, na escuridão da garagem, não é como certos galos que sempre que se viram para o lado da janela do galinheiro vêm o candeeiro da rua nascer no horizonte e logo o fôlego de sempre, apesar das insónias, canta a alvorada às duas da manhã, pela quarta ou quinta vez. Agora raramente olha para si, se por um lado isso anima a humildade, por outro preocupa, pelo desinteresse crescente, a boa-aparência “Deve ser por isso que os santos têm mau aspecto” modéstia aparte também se começava a sentir despojado. Às vezes pensa se o seu fim não se dará na presença da televisão do café “Tem algum mal se morrer esquecido pelo resto do mundo? em paz, sem ser confrontado ao vivo com a alienação geral. Se Deus é simplicidade não deixará de reservar ao Rato um lugarzinho com vista no céu, não será como a da mercearia que tem

sempre tudo reservado quando lá vou ao pão por atraso do padeiro, que mais que o lucro gosta de ter a conversa em dia que se lixe o horário da distribuição” Pitrolino! o grito vinha da rua onde a correr chegou, lá estava ao fim de tantos anos, não o via desde a infância, com as coisas do costume, tinha agora mais referências da globalização, animava a carripana as cores da roupa dos chineses. Vive na Europa mas ali ao lado está Marraquexe, o fado já não se ouve tanto, à malha ainda se joga em frente ao Cortel, felizmente o sino da igreja não foi trocado pelo som do tamagoshi. Na sua aldeia sente-se bem, ainda não chegou o PDM, pode-se abarracar, construir deck-de-caravela no quintal, com vista para o tejo entre marquises de alumínio e condomínios por acabar, onde sentado na cadeira de praia escreve no bloco-de-notas «Se tornar a expectativa um pouco inferior à realidade sentirei o arrepio suplementar da maravilha, mas se tiver tido o cuidado de tornar a realidade um pouco menor do que a expectativa situo-me no limiar da magia. A aldeia ficou bonita quando nevou, mas agora estamos na primavera com um toque de cor-de-rosa culpa do flamingo que disfarça pavoneando-se na estrada de alcatrão, veio ver os ninhos por estrear no topo das torres de muito alta tensão. Tudo é tão diferente do Monte-Estoril onde morou antes, o que florescia eram câmaras, alarmes e as sebes metálicas nos jardins. Aqui ninguém tem nada que valha dinheiro, quanto muito, de vez em quando roubam as flores-campainha em frente à casa dos malucos pensando que é erva-do-diabo, prima da de Sintra donde veio também o enorme cacto todo

ratado. Além disso não tou a ver mais nada pa'gamar, não serão com certeza os carros antigos com inspecção aprovada à custa da amizade, só se for para colecção. Aqui mora pouca malta nova, preferem as urbanizações com vista para o Trancão o mais perto da Expo que conseguiram arranjar, eles é que sabem quais são os sinais da modernidade» ele deixa-se estar e já se esqueceu de num andar ter morado. Pouco mais há a dizer e ainda bem que não há enredo saído do tal barril como testemunho de em aldeia tal se ter instalado a batalha campal, também infelizmente não podia garantir que a pobreza na terra fosse opção.

«Era bom se houvesse paz em vez do gladiar, a missão fosse proteger o solo sagrado, equilíbrio sustentado, se pela razão não dá use-se a fé, e se à fé não convir o peso? pobres de nós que nos resta nascer viver morrer em esperança do perdão seja lá isso o que for, fique pelo menos a vaga presença do arrependimento, arranjam-se formulas para tudo» quando a letra se transformava sabia que o texto estava a fugir para algo diferente que de um modo geral tinha mãozinha da demência, gostava mais da legibilidade na escrita, escreve em rodapé «A única garantia real do mistério é a nitidez () da pessoa em que se instalou um espírito» já centrado no que lhe interessa realmente continua «Em torno do espírito transformado o fio-condutor não sinaliza presença, nenhuma luz vista em si, um só pólo não dá faísca, mas isso não chega, falta pompa e circunstância, fogo-de-artifício, convencer rei e plebe não é possível se só houver bondade. Deixemos o bobo esquecido

por enquanto» continua «E o rebuliço, àgitação d'alma, bater-os-sentidos-em-castelo, subir à torre, ver noite clara, onde tudo pode acontecer, caminho de conto-de-fadas onde horror é objectivo e disso beber a dor, saciar a vontade e como sempre em herói[na] morrer, ou, fulano tal enlouqueceu» descansa a a caneta, não-racionaliza, quer dizer o não também é hiper, depende do grau de invenção e como sempre do que anda a ler, de qualquer maneira soava-lhe a libertação fosse de que género fosse. Quantas vezes aspirou enlouquecer, fusível queimado, não a loucura que agora é bem e se vê em quase tudo, o louco simplesmente vê o contrário em tudo “A esferográfica? púzia aqui” diz em voz alta com sorriso sarcástico «Se m'apetecer encharco-me em ronsonol e pego fogo» escreve sobre ressonância de isqueiro a acender.

Dantes achava que parte das suas dúvidas eram no fundo excesso de informação que não lhe permitia focar, agora dúvida se não será a sua ausência a falta do tal fogo-de-artificio a causa principal, embora isso seja para ele uma questão lúdica, não é obra fácil assumir a diferença e chamar-lhe loucura. De volta à escrita «dantes pensava...» escreve em caligrafia diferente que rapidamente abandona «...com esforço talvez pudesse chegar mais perto Dele, afinal é Ele, através do Espírito Santo que nos eleva a Si» pobre eu demorava demasiado tempo a decidir-se encontrar pistas, lembra-se do monstro da Bela num livro de que não se lembrava do nome, e escreve no canto superior direito da folha «Além de feio, infelizmente também sou estúpido». Início | renascimento [o

seu] os passos são os da floresta à Luz da montanha «Teofânio Jesus é meu companheiro» em caligrafia ilegível repetindo a frase ao longo da guia imaginária do alinhamento do texto à esquerda. Também tem nas mulheres que respeita companhia celestial. Ao infinito vai-se só mais ou menos preocupado com a teologia e a mística mas isso antes da morte «O corpo em desascensão leva o eu que em breve ressurgirá noutro movimento de vida qualquer e esquecido de tudo» folheia o bloco e encontra a frase que procurava transcrevendo-a «Faz todo o sentido o esquecimento no renascimento» e assim sucessivamente, calpas e calpas “Até nem é mau de todo voltar sempre à casa de partida” fala para o sol que se alaranja. Dadas as limitações atrás referidas a aprendizagem é lenta, mas o facto de saber ser a vida que o entrega realmente a essa possibilidade é demais . Não quer ver p'ra trás nem deseja obter nada p'rá frente. Diverte-se com a publicidade, eu estou aqui, o espírito santo ser banco, o logo das amoreiras ser a alface, são graçolas de alguma tresloucada divindade para o fazer sorrir, concentra-se no papel «Correntes de amor ascendentes e descendentes, brisa que era vento antes de chegar à costa, escadas rolantes no metro, olhos da alma ouvem anjos até serem vencidos por buzínadelas no chiado, os ouvidos são olhos» é isso que pensa, sente-se abençoado, que não tem nada a ver com estar feliz, embebedar-se-á o resto da noite no Bairro-Alto...

De manhã não se lembra nitidamente do que se tinha passado, não fosse o bloco teria perdido bastante material de trabalho.

Desceu a encosta com a Evita sem trela até à estação onde geralmente se despediam aos beijos na boca, ela voltava (sabe-se lá porque caminhos) para casa e passava o resto da tarde esparramada na varanda “Sê boazinha! lembra-te que te acham uma fera, devias andar açaimada, só com bondade desarmas o pessoal” gostava de falar com ela, olhar aquele focinho de uma beleza assustadora.

«A velocidade do alfa pendular traz arrepios de suicídio» certas manhãs pressentia o género de desconhecido que iria encontrar. Guarda a molleskin no bolso do blusão, demorou séculos a decidir-se faná-la, mas a esperança consolava a causa justa de no fim do calvário poderem vir a ser as ladras honestas “Bom dia menina Rosinha” cumprimentava assim a brasileira do café na estação, que está longe de reconhecer o humor do pátio-das-cantigas. O dia de folga era para vagabundear, almoçar na sopa dos pobres, pendurar-se no eléctrico, pedir esmola para comprar um presente à cadela. No comboio para o Oriente recomeça logo a escrever «Do que recupero na Alma daquilo que experimentei [Alma&Corpo] o bom e nem tanto, ocorrem duas possibilidades em universo infinito | antagónicas | sinto obrigação de escolher a qual me entrego» senta-se nos degraus da igreja envelhecida poisa o boné a seu lado, observa a escadaria “Se começasse a correr pelas escadas acima seria muito bem capaz de o fazer, não é isso que importa, o que é notável é já não ter vontade disso” recebe alguns euros do estranho mundo que tem pena de si. Vem-lhe à ideia “Feliz aquele que era antes de chegar a ser”

acesso de pequena loucura inferida nos sintomas pelo que anda a ler, Deus perdoe quem desilude os iguais quando diz louco com falta de convicção, na palavra ainda duvida. Puxa do bloco (o que gosta daquele elástico), saca do lapinhos atrás-da-orelha, sente-se inspirado « Esqueci-me dos dias, não sei se era nôte ou dia quando aconteceu, perder-me-ei nas horas não sei se será cedo ou tarde quando voltar a acontecer. Depois morreu e é então que se passa a ser intemporal». A sua companhia é ler livros difíceis que rouba nas livrarias aos quais não dão o devido valor (alarme). Tira da mala-das-farramentas «Diálogos sobre a Fé» pareceria um cliché entregar-se à "«Espera de Deus» ali na escada da igreja. Hoje o impulso de escrever sobrepõe-se à leitura, afia mentalmente a ponta-de-carvão com o chino «Sou reencarnação em mim mesmo desta vez percebi, sou visitado por outros eus que reconhecem em mim uma espécie de deus, mas não é bem assim, é mais deixar de possuir, de pertencer aqui, olhar o infinito, ver a Luz que ilumina o mundo inteiro» é pena ele não se deixar iluminar, viver nas trevas... a visita do que não deve escrever obriga a uma anotação emoldurada nas costas da folha «Não é culpa do eterno se um indivíduo se engana a si mesmo» quanto a si, sente fogo e conserva-o até que tudo se alumie, mas não quer obter porque não deseja, nem qualquer vitória lhe agrada, pensando bem talvez deseje o nascimento de um pensamento como filho para criar «Je veux plonger mon âme. Entregar-me à revelação | Olá estado-de-graça que também eleva a Deus» assim mesmo, experiência vivida, acreditem ou não reza

sozinho em qualquer lugar. Por hoje chega!

«Último pensamento: A senhora minha mãe costumava dizer pior que uma mulher neurótica só mesmo um homem cusca. Julgava-se a si própria e mais grave condenava também o senhor seu marido ao triste destino que os consumiu no sofá da sala a ver telenovelas. Dificilmente alguém dura muito, sempre à espera que os personagens finalmente se revelem não estúpidos, apesar do esforço infrutífero e por mais talentosos que sejam os actores»

«Anotação final: Temo que haja almas sem espírito, órfãs de sentido, errando eternamente na ilusão do encantamento burguês, por exemplo»

«Elegia: Mãe perdoa a falta do bater calmo do coração quando encostavas a cabeça no meu peito e choravas a ausência de um amor ao qual a minha figura se assemelhava tenuemente»

Gostava de um dia escrever algumas linhas de rara beleza literária iria reconhecer nisso alguém além de si, uma prenda de Deus, mas cada um cumpre rigorosamente o seu destino, queira ou não, carrega a cruz | caneta | pincel | nada, com uma missão que nunca saberá de antemão qual é. Aquilo que parece um presente d'Alma também pode significar mortificação pró corpo, alguns santos que o digam, anota «Ágape dissociada tem tendência para se envolver com Tanatos, eu divorciado tenho tendência para me envolver com taradas a quem revelo medo do meu potencial e grandeza» hoje mais uma sexta-feira treze começou bem, ceara com Judas, não o inventado pelos apóstolos a quem Jesus não disse tudo, que

lhe disse o seguinte “O facto de termos sido treze á mesa não significa nada, podíamos ter sido dois ou três, por que o verdadeiro azar é eu lá ter estado. Achas normal ninguém me ter entendido além do dgiz'es? Tem calma com o tempo... mas demora há mais de dois mil anos a descoberta da verdadeira grandeza da minha traição pá!! Toda a aprendizagem é lenta, incrível era se precisamente hoje o padeiro viesse a horas e desanuviasse o ambiente” como era hábito enraizado tudo isto se passa de madrugada sentado na cadeira-de-praia antes de ir para o trabalho. Matutava numa ideia que naquele instante se tornou clara, a imagem que tinha de Cristo, no fundo, era a que tinha de si próprio, modéstia à parte, quando se imaginava santo, a bênção da alegria e bondade na pobreza, mais que estar feliz, levitar por momentos sentir a leveza da divindade, tristeza sossegada no sofrimento e na dor da humanidade, onde se sentia na obrigação de pertencer, fazer parte dessa fusão maravilhosa de almas e corpos com tendência sem excepção para o abuso de poder, mas onde felizmente a alma pode fugir do corpo, e mais preocupante, onde o corpo pode escapular-se da Alma. Anota as possibilidades no caderninho habitual, primeiro escreve tudo em letras caixa-alta, repete em minúsculas que são recebidas pelas maiúsculas com desdenho «U/u us pequenos podem c'us grandes - tiaguinho ferreira» escreve a vermelho em frase (símbolo) de rodapé. Tem actualizada uma vaga ideia do que se passa pela televisão, através de imagens sem som que vê nos plasmas da loja no trabalho, entre colegas que conversam sobre o que

supostamente entendem assim de repente e julga que nunca passará desse nível, sobre um determinado circo de celebridades, e desgraças muitas desgraças, condenam a corrupção associada a qualquer político com certo interesse invejoso. Geralmente limita-se a ouvir na falta de alguma tarefa a cumprir nesse momento que o tire dali. Tem pudor em revelar aquilo que a ele interessa, não é boa ideia entregar-se seja a quem for, os seus interesses aquilo que o entretém nas por vezes penosas horas do turno. Hoje por exemplo está desejoso que chegue a meia hora do almoço para copiar a descrição do quadro do príncipe para o bloco e sobre ela reflectir na possibilidade do suicídio logo à tarde:

«...mal a cruz lhe aflorava os lábios, o homem abria os olhos e animava-se por alguns segundos, mexia os pés, andava. Beijava a cruz ansiosamente, apressava-se muito a beijá-la, como se tivesse pressa de não se esquecer de levar consigo alguma coisa de reserva, para o que desse e viesse, mas era improvável que consciencializasse, nesse instante, alguma coisa de religioso. E era assim até ao cepo... é estranho que nestes últimos segundos as pessoas raramente desmaiem! pelo contrário, a cabeça vive e funciona intensamente, talvez com muita, muita, muita força, como uma máquina em funcionamento; imagino que os pensamentos latejem e latejem, todos inacabados, e talvez sejam pensamentos ridículos, despropositados: aquele que está ali a olhar tem uma verruga na testa, o carrasco tem um botão de baixo enferrujado... e, no entanto, sabe e lembra-se de tudo; chega-se a um ponto em

que é impossível esquecer, e é impossível desmaiar, e é em torno dele, desse ponto que tudo anda e tudo gira. Pensem só que é assim até ao último quarto de segundo, quando a cabeça já está sobre o cepo, e ele espera, e... sabe, e de repente ouvirá por cima de si o deslizar da lâmina! ouvi-lo-á infalivelmente! eu, se estivesse lá deitado, pôr-me-ia expressamente à escuta e ouviria! talvez seja apenas uma décima de instante, mas ouve-se, infalivelmente! e imaginem só, ainda há até hoje quem discuta a hipótese de que a cabeça, se calhar, mesmo quando cai sabe, ainda por um segundo, que caiu - mas que consciência! e então se forem cinco segundos!... Desenhe o cadafalso de maneira a que seja visto nitidamente e de perto apenas o último degrau; o criminoso a pisá-lo; a cabeça, o rosto pálido como papel, o padre a estender-lhe a cruz, o homem que estica ansiosamente os lábios azuis e olha, e que... sabe tudo.

A cruz e a cabeça - eis o quadro; o rosto do padre, do carrasco, dos dois ajudantes, e várias cabeças e olhos em baixo - tudo isso pode ser pintado como que em terceiro plano, numa neblina como acessórios... é esse o quadro»

A cabeça pende para trás em transe literário, encosta-se ao tronco da árvore encantada em fibra de vidro cuja copa de folhas artificiais cobre a esplanada onde está sentado. Maravilhado, apesar da estranha floresta ser no terceiro andar do shopping. Acorda para uma determinada realidade que lhe diz já estar atrasado, não quer acreditar que depois disto na mesa em frente de pernas abertas a observá-lo está a sua

chefe mostrando as cuecas, sem querer, reparou que tinha deixado duas folhas em branco antes da cópia, fecha o bloco preocupado.

Regresso a casa no papel de alegre despedido afinal era esta a ideia para ele de suicídio, malandro precavido pois ainda não havia um mealheiro vazio. Que mais podiam esperar, não era esse o seu valor? três euros à hora dava-lhe liberdade total para em qualquer altura os mandar bugiar. Suspeitou que a chefe não entendesse assim talvez por ter a razão comprada por mais alguns e[uros, mas o que o entusiasmou no diálogo foi a vaga presença do desejo entre ele e a gaja, a troca de telefones no final da reunião. Já na vila antes da escalada para a aldeia passa na retrosaria, entre toda a confusão do dia foi-se afirmando a ideia de uma experiência... Com flanela preta a tapar a cabeça e o tronco de maneira que a face fica ainda descoberta para possibilitar escrever no bloco «Exercício.1 - execução com venda escura» o pano cai, o começo de uma experiência é precioso define os acontecimentos numa determinada corrente de sentidos, pensamentos entrelaçados, o seu grau de tensão depende da presença da morte ou não, o arrepio no corpo neste caso denunciava de imediato a sua presença, também tinha a ver com a luz, falta dela, pelo menos era o que julgava precipitadamente sem experiência do contrário «Primeira anotação: É agradável olhos abertos não verem nada» Enquanto escreve uma pulga salta do pano para o papel «confirmo: pulgas dos gatos sentem uma particular atracção pela folha em branco e denunciam a decadência no

comércio local»

«Primeira visão: Duas crianças chegam-se a mim e confessam: temos andado à procura de uma pomba, vamos libertá-la, infelizmente não a encontramos ainda» apesar de profundo, se fosse a vocês ia procurar girinos no riacho, por enquanto ainda tendes essa liberdade, responde mentalmente. Na intimidade aguarda que o escuro lhe traga uma grande claridade, não admite a hipótese do nada ter o mesmo tédio do existir.

«segunda anotação: No escuro vai longe o meu olhar»

Fica-se por aqui.

Na barraca de faturas encostado ao balcão a vida continua sem dar por isso, o conhecimento avança, afasta-o da realidade, simplesmente passeia o olhar por cima da multidão que não deixa passar o seu ar ausente com qualquer coisa de demente “Coitado, aquele não é o filho da Eugénia e do Valente?” (verseja-se com o que não tem graça). É tão bom voltar p'ra casa, o velho foi-se, a mãe no lar, o puto dança na pista sem saber quem é o pai. Afasta-se, ainda não é desta que encara a vida de frente, gostava era de viver sem o corpo presente, poder tornar-se parte integrante daquela família emigrante que a felicidade visitou em noite de arraial, comer a Silvye enrabar a Jenni “Que disparate” diz em voz alta, porque é que não se chama Manuel Maria du Bocage? entretém-se assim às dentadas na fatura enquanto Miguel & André cantam l'ennui. Apesar de tudo, da metafísica, da fé, do isolamento, embora não se comparem aos do passado ainda tem medos, é sobretudo o que confessa a rezar, o medo em pensar nisso,

encarar o facto, sentir temores no corpo, na mente, nos joelhos, as pernas a fraquejar não é experiência que recomende nem a um inimigo, se os tivesse. Por vezes sentia-se perto de entender a lógica do medo, pensava que os receios eram desvios de caminho, inconscientes de si, entravam noutra realidade ou mecanismo de pensar, a engrenagem contrariava-se nas forças com risco de desconjunção, numa imagem neo-realista, com fumo e metal fundido, homens-de-pó na história da cultura burguesa que da popular só conhecia cânticos e rituais ligados à natureza. Agrada-lhe a ideia de reconstruir o passado “Fazer filmes” resmungava para si ciente da limitação da memória. O que gostaria era de sentir na pele o braseiro da metalúrgica, ensurdecer (mesmo) com o guinchar do ferro, o suor a ferver desliza pelo rosto, isso não ser só uma ideia, como um gesto de caridade, que pena não poder ser sofrimento, experiência vivida, só aí se poderia testar, não seria missão libertar os outros era imprescindível salvar-se a si... havia ideias que se recusava a perder, pediu desculpa ao cliente que regateava o preço de um leitor e correu como louco para a casa-de-banho, como a frequência embora intermitente era habitual os colegas atribuíam as maratonas a um mal no fígado associado a certa tendência alcoólica, embora nunca o tenham visto beber era o que constava e pronto. Sentado na tampa da retrete, a bronquite asmática assobia ligeiramente, abre o bloco e escreve «quando a mentira começa a dar-nos prazer, falemos a verdade para lhe mentirmos, e quando nos causar angústia, paremos, para que o sofrimento nos não

signifique, nem perversamente, prazer...» ele realmente não sabia o porquê da necessidade em registrar aquilo mas à vontade de escrever sobrepôs-se o alívio após tê-lo feito. Repete em voz alta “para que o sofrimento nos não signifique nem perversamente prazer” que leveza sentia no corpo, ao ponto de lhe apetecer voltar à loja e propor ao cliente chato fazerem um trambique (talvez uma troca de caixas de dvd) no último dia de trabalho.

with hush of my lips

«Quando alguém se forma por si próprio é justo que não se sinta na obrigação de se justificar seja a quem for, a menos que seja escritor sempre um fingidor. Dona Beatriz Simões Carneiro, mulher grande, diminuiu drasticamente com o meu crescimento, senhora discreta possuidora de viuvez misteriosa, chamava-a de Titiza na temporada que lá passei. Por razões que a minha razão desconhece tratou-me sempre de forma estranha, como se já fosse adulto, digo agora, que em criança todos os tratamentos parecem normais, até dormirmos juntos, nos primeiros dias chegado á ponta da cama em risco de queda (um par de vezes) provocava o riso da velha. O inverno chegou gelando a casa, o nossos corpos aproximaram-se gradualmente até que se tornou natural dormirmos enroscados quer chovesse ou fizesse sol, a intimidade tornou-se tal que adormecia com a cabeça pousada no peito com seios descaídos para os lados, os dedos tacteavam no escuro à procura do queixo com barbicha. A sua língua eram rezas misturadas no discurso afiado, sabia tudo sobre todos na graça

do seu bairro, de Sapadores à Paiva Couceiro rezava o terço a caminho de receber a pensão, na volta comprava-me sempre qualquer coisa, tecido às riscas largas o padrão favorito na época que por encanto tornava-se calção, lápis-de-cor ou berlindes que entretinham a solidão "se não me encontrares neste lugar procura noutra estarei em qualquer sitio à tua espera!" murmurou no dia em que me foram buscar» agora sentado na paragem em frente ao prédio demolido adivinha-se nos alicerces a construção de mais um mamarracho, ouve sussurrar qualquer coisa invisível...

Em Alhandra a contemplar o tejo na sua interminável vontade de se apresentar ao mar [infinito] um dia limpo, a leveza que dá a mente sem compromissos, nem que seja por alguns dias, é uma bênção que agradece e faz-se merecedor escrevendo algo simples.

«A jangada chama-se Fé, construída em madeira de pinho barato sobre bidões patrocinados por uma gasolinera desactivada, a imagem: uma varanda contorna o barracão tipo sala-de-estar, mastro ao meio, lá em cima a bandeira branca com a fé a letras azuis, na cabina o comandante sentado ao volante, o leme é de Fiat cento-e-vinte-sete, da chaminé no alto desce corrente que o capitão regularmente puxa oferecendo ao céu som de cargueiro -ummmmmmm- saído por magia do tubo-de-escape, Nossa Senhora é figura de proa contornada a mangueira-dura light e sem ninguém ver o sorriso ilumina-lhe a face onde a água que a molha se torna benta apesar da sujidade. Tinham combinado nesse dia um grupo de gente

onde até havia um ex-presidente, juntarem-se a águas de Espanha e com a Fé correrem os portugueses do Mar da Palha, contavam com o apoio dos peixes que roubaram chapas de ferro nas ruínas da Lisnave e selaram os tubos de esgoto espalhados nas margens, a conduta principal só ficou tapada com a ajuda preciosa, imagine-se, de uma baleia que cumprido o serviço à saída na foz levou uma chumbada a mando do Porto de Lisboa. Mas valeu a pena, uma mancha cristalina empurrou a água castanha que se diluiu no horizonte, de repente o rio azul e o mar verde juntaram-se e o estuário ficou de cor indefinida, até se tornar transparente, revelando destroços de antigas caravelas afundadas desde o terramoto. As pessoas corriam para as margens, o povo amandou-se à água, com gritos de alegria. Os automóveis pararam nas pontes a ver a Fé passar ao sabor da corrente»

Se Apolo utilizasse somente a razão era-lhe indiferente o regresso a Portugal, era como se visitasse o país pela primeira vez, embora no pensamento disparassem imagens sem nexos, como uma projecção de slides do passado em casa de alguém que acabamos de conhecer, e cujo sentido de organização seja o acaso, a visão aérea de um cristo-rei, uma cozinha rural e as bolachas em cima da mesa, uma praia a perder de vista e uma placa com o nome «fonte-da-telha», um funeral, uma manifestação e alguém de megafone grita em silêncio alguma palavra de ordem revolucionária, aqui e ali aparecem imagens sexuais, demasiado rápidas e obscenas para se identificarem protagonistas. Quando estão quase a chegar revolve-se-lhe o estômago, um aperto no intestino começa a incomodá-lo, não tens aí nada para a ansiedade? pergunta ao amigo que lê a revista-de-bordo há mais de duas horas. Estou a lebrar completamente ainda só li duas páginas diz o Tony enquanto abre a sacola Lv. e tira da latinha hello kitty o comprimido. Tens de engolir a seco que elas já não te vão dar água, estamos mesmo a aterrar, aquele elas vinha inferido dos sintomas de desprezo que lhe inspiravam todas as mulheres, Apolo dá uma cotovelada a Ela, wake up we're landing now.

Enquanto esperam na fila para entrarem no país Tony fica indignado por não ter roaming, Ela descansa numa das pernas

e apresenta uma imagem desleixada, mas em Londres era moda a badalhoquice. Apolo hipnotizado pelo olhar sedutor do George Clooney no anúncio da Martini sente alguém tocar-lhe no ombro, quando viu a hospedeira pensou que se tinha esquecido de algo a bordo. Bem vindo em nome da air portugal gostaria que me acompanhasse, aonde? pergunta mal-humorado, este meu colega encarrega-se das malas se lhe der os tickets da bagagem, dos seus acompanhantes também claro. Não temos bagagens responde Apolo, e era essa a causa do seu mau humor, tinham-se esquecido delas no comboio para o aeroporto, exageraram nos riscos e saíram no terminal demasiado acelerados. Na sala vip das chegadas estão uma série de personagens desconhecidos, nem reconhece a figura frágil do seu editor que se adianta de mão estendida. Quando recebi o email fiquei muito contente, é para nós um prazer recebê-lo, Apolo fuzila Ela com o olhar, ela encolhe os ombros e sorri.

Porque é que o avisaste da nossa vinda? pergunta ele de rompante para quebrar o silêncio instalado entre eles desde a cena do aeroporto até chegarem ao hotel que lhes foi destinado pela editora, ela olha para ele com frieza e o facto de ele estar nú em frente a ela agrava a dimensão daquele olhar, fica embaraçado, não esperava o silêncio como resposta, corre para a casa de banho com uma súbita vontade de cagar, ela segue-o, ele senta-se na sanita o mais à-vontade possível. Como é que foste capaz de abandonar o teu amigo pergunta irritada, mas eu não o abandonei justifica-se com o intestino a

pedir-lhe força, eles disseram que não tinham lugar para ele, que só tinham reservado quarto para nós, o que é que querias que eu fizesse, ele que se desenrasque, não é nenhuma menina, os dois sorriram ao mesmo tempo. És cruel disse ela, nem os teus amigos respeitas, ele levanta-se e diz assim não há condições, para já não o conheço de lado nenhum e além disso um homem já não pode fazer as necessidades descansado, sonoras gargalhadas ecoaram, vê lá o que é que há que se beba no mini-bar.

Não sabia que falavas português, isto dito já esparramado na espreguiçadeira à beira da piscina, Ela a seu lado pára de espalhar o creme nas pernas e não quer acreditar nas palavras dele. O corpo dela excitava-o, era apetecível, os pêlos nas axilas e a penugem loira a fugir da tanga para as pernas também não eram indiferentes ao olhar lascivo dos empregados do hotel, habituados a servirem só clientes completamente depiladas, talvez os excitasse o facto da lingerie virar fato de banho. A minha mãe é portuguesa e é muito tua amiga sabias, agora finges que não a conheces, até onde vais levar esta brincadeira? só nesse momento é que ele percebeu que ela não acreditava nele, achava que era tudo uma invenção. E agora o que é que fazemos desanuvia o ambiente, o que tu quiseres responde ela para selar a paz, mas não te esqueças que às seis horas tens a conferência de imprensa, ele num impulso senta-se, e o que é que eu vou dizer? é como se tivessem convidado o primeiro que lhes passasse à frente para falar de uma obra que lhe é

completamente estranha, não digas nada responde ela enquanto se estira na espreguiçadeira...

E pode?

Tony aparece disposto a um jogo de emoções, disfarça que está amuado. Trouxeste as tuas coisas? nós pedimos uma cama extra no quarto diz Apolo amigavelmente agitando a caipirinha para derreter o gelo e oferecendo-a ao amigo. Se vocês soubessem, arranca Tony com novo fôlego, andei às voltas no centro histórico e aquilo está tudo em ruínas, que medo, se não fosse um rapaz que conheci e me deu boleia até aqui, não sei onde tinha acabado, nalguma pensoleira a cheirar mal e violado por um marinheiro.

A razão é um labirinto, que se vai construindo e onde o homem se perde, vão-se erguendo muros desde que se nasce, é isso que sente. Vai-se perdendo a liberdade que se tem não sendo ninguém conforme a razão avança, e por onde anda a espiritualidade pergunta-se, acredita nos desígnios de Deus ou não? tem o poder de adivinhação do verdadeiro Apolo ou fica-se pela razão, é o que ele pensa sentado à secretária virado para a plateia praticamente vazia do pequeno auditório. O editor faz a apresentação, e foca o interesse sobretudo no facto de ele ser um escritor que se impôs no mercado português vindo de fora, a extraordinária particularidade de ter sido editado no Reino Unido antes de o ser no país da língua em que escreve, ele ouve com toda a atenção a história pela primeira vez, e sorri, o editor estica-se e tenta analisar a sua obra na perspectiva da razão que leva um escritor a escrever, perdido

num universo de referências que alicercem os textos, as influências de determinada escrita, que para Apolo eram completamente escusadas. Ela olha para ele sentada na primeira fila de pernas abertas sendo visível a ausência de cuecas, por isso a ereção dormente volta, Tony sentado na cadeira ao lado, muito direito e com a excessiva atenção de quem não está a perceber nada. Apolo repara que pousada na mesa à sua frente está a sua obra completa, três livros dentro de uma caixa e o título da coleção «Monasticon – Trilogia», terceira edição, quantos livros vendidos significaria isso, o primeiro romance chama-se «Espelho de Clar» um aparelho antigo que os médicos usavam para iluminar as operações delicadas, um objeto familiar que não conseguia encaixar no passado, era como se o tivesse visto pela primeira vez e também sem saber de onde reconhece-o, evita dar uma vista de olhos ao interior e passa ao seguinte que se chama «Esperança – Novela» na capa um quadro de moldura dourada com a estampa de uma Santa, por último «Experiência com o Tempo» que começou a ler no avião na versão inglesa, tem uma vontade irresistível de comparar os textos, mas é interrompido no devaneio pela pergunta direita a si de uma jornalista, a sua vinda tem alguma relação com a vontade de contribuir de alguma forma para a resolução da grave crise que o país atravessa? surpreendido com a questão só lhe resta uma opção, ser completamente honesto, não, vim a uma festa! um misto de desilusão e perplexidade instala-se na atmosfera da sala, imaginou que se tivesse dito vim para a festa poderia

ser mal interpretado considerando que a situação do país era muitas vezes comparada a um arraial, sente-se na obrigação de dizer mais qualquer coisa mesmo que não apeteça. Eu acho que a seu tempo o país vai encontrar uma solução, provavelmente vítima do acaso e da necessidade entrosados, porque é assim que quase tudo se resolve, não há fórmulas racionais que resolvam o caos, dantes ainda se aceitava a ideia que tudo o que nos fugia ao controlo eram desígnios dos deuses, confiava-se nos adivinhos, agora quer-se encontrar uma justificação racional para aquilo que se faz e acontece sem razão nenhuma. Provavelmente ninguém gostou da resposta porque a reunião acabou logo a seguir, agradeceu aos jornalistas, aos seus leitores e ao editor, despediu-se dizendo que a partir daquele momento iria desaparecer, aproveitar o prazer que lhe dava o facto de no seu país ser um estranho.

“EXPERIÊNCIA COM O TEMPO”

Desce o crepúsculo... nada de especial além de, por ser cedo, as luzes na rua estão apagadas o que acrescenta um aire melancólico ao cenário, Anónimo regressa a casa depois da missa, os cheiros da cidade substituem gradualmente o incenso no olfacto e o cheiro da água-benta “A água não tem cheiro” respondera ele em tempos a um seu noviço que tinha cheirado o mesmo, embora a resposta tivesse sido uma advertência às aspirações santas do puto, não deixou de o impressionar essa sensibilidade recíproca e não deixava de se culpabilizar por o rapaz ter abandonado a igreja pouco tempo depois “A vida torna-nos falsos, mentimos em tudo, simplesmente para adaptar os sentidos ao contexto” entra na rua do comércio e já não o espanta as lojas estarem quase todas abandonadas, vende-se aluga-se trespassa-se são hoje as legendas nos vidros das fachadas, nos interiores esquecidos ainda alguns artigos nas prateleiras, o correio por abrir espalhado no chão, pó cobre o cenário como um verniz-do-tempo (baço), toda a desolação é a decoração das montras apagadas, alguns resistentes mantêm porta-aberta não tanto pelo negócio, mais por aquilo ser a razão da sua existência, uma desesperada tentativa de parar o tempo, e a patriótica vontade de resistir à invasão dos chineses que florescem, apesar da desilusão, nos escombros daquilo que em tempos foi a principal rua da vila e que hoje se resume a dois restaurantes (chineses) duas lojas

(chinesas) um merceeiro com preços duvidosos da sua honestidade ou reflexo do desespero, a droguaria onde predomina o plástico e os toscos fogareiros à porta da loja mais como objetos de decoração do que assadores de sardinhas. Àquela hora não há movimento e suspeita que de dia também não, a luzinha que ilumina Nossa-Senhora na bandeira da porta da funerária continua acesa em sinal de que não morreu por completo o negócio "Ainda há esperança de vida" diz a sorrir "A luz pelo menos está paga" estas observações animam, têm o efeito contrário ao que seria de supor, por haver nele o conhecimento que "O tempo não pára" imagina crises semelhantes com o fim das descobertas, a revolução industrial, os cravos de abril e agora a economia global, este pensamento dá-lhe uma ideia, se do passado não havia registo, imagens daquela rua, irá ele perpetuar com a câmara digital da igreja, o momento presente, a agonia do local. Avança determinado em executar o plano já amanhã, tinha de requisitar a máquina às beatas da sacristia que achavam tudo delas, inclusive ele próprio, e se aos santos só lhes restava adoração, imagem estética, a si tentavam o auto-sacrifício através do pecado da carne, sempre rejeitado, o que Anónimo não seria nunca "santo do pecado" benze-se, tivessem elas paciência, mas que o deixava em situação fragilizada porque a opinião das devotas tinha o bispo em grande conta e não sendo ele colaborador dos caprichos das viúvas estas também não dariam de si boa opinião, aliás o rol de queixas proliferava e era difundido no meio da coscuvilhice "Não atende as nossas preces, não se

ajoelha à Virgem Maria, não se benze sempre que entra na igreja, retirou o cristo ficou só a cruz, não fala de politica, aliás pouco diz e até se recusou a abençoar a nova Câmara Municipal, chamou-lhe mamarracho em frente ao Presidente...” se terminássemos a lista, a conclusão que tiraríamos de tanta má informação seria a de que o homem era ateu. Foi omitido de propósito o mais importante que pelo tipo de pecado merecia só por si um capítulo, Anónimo não estava só, no Registo Civil nada constava, já tinha sido confirmado pelas mais influentes autoridades eclesiásticas, mas vivia acompanhado por uma mocita e deus lhes perdoe, que ele próprio tinha criado e hoje é mulher feita, poderia haver aqui uma relação paternal era defendido por alguns fiéis liberais, tese que desmoronava quando na missa a rapariga estava, logo a aura de Anónimo resplandecia quase como um milagre... o cabelo escorrido chegava à cintura, o peito era abençoado cor de canela, os gestos de princesa, e que bela a maneira como rezava ajoelhada sozinha no banco corrido mesmo que a igreja estivesse quase cheia, o lenço que cobria a cabeça, da mais fina cambraia, era véu que ocultava a face de rara beleza, não querendo exagerar, a perfeita imagem de uma Santa, e era de facto assim que ela se chamava. Como não podia deixar de ser inspirava nos homens o pecado do desejo e nas mulheres o da inveja, mas pouco mais se sabia dela, raramente saía de casa e se o fazia, pasme-se, cobria a cara com véu de muçulmana. Ele abre a porta de casa e é logo assaltado por dois braços de mulher, do beijo a face recupera a cor que fica bem na barba

grisalha, a casa tem um calor natural, Santa gracejava “o clima do paraíso” a sua voz era cristal tocado pelos anjos, “As velas também ajudam” dizia Anonimo comprazido com o lar, mas irmã daquele sentimento de prazer era a tristeza no olhar, a sua alma tinha vergonha por aquela paz não ser a de toda a humanidade, quanta desgraça partilhava aquele momento “Tanto sofrimento no mundo” rezingava, o que cada vez era mais frequente, Santa acalmava-o “Não te preocupes, é da idade” o riso de um grito só fazia estremecer os poucos móveis da sala-de-comer onde sentado escreve «Querido Padre Tó. Quanta saudade dos serões no seu televisor panorâmico, o terraço onde contemplávamos o céu, as trovoadas em Moçambique. Enternece-me o passado não do que lembro, mas do que vejo e sinto, o pôr-do-sol e nós encostados à muralha do forte, as crianças a brincar junto aos nossos pés molhados, a maré subir e o nosso riso aumentar com a dificuldade em dali sair. Vejo tudo em tons d' África. As irmãs da missão, todos os ilhéus que parece que conheço um a um, e aqui entre nós, o que alguns vão achar sacrilégio, o chamamento da Mesquita.

a Santa está bem, recolhida no nosso “santuário” aqui é tudo muito diferente, fechado, cada vez o compreendo mais na decisão de não voltar, mas o padre sabe do meu tormento “Por mais que pertença, por Alma, à linhagem dos Santos, não encontro repouso senão junto aos meus semelhantes” cito isto inspirado no melhor amigo que tenho dentro de mim.

Padre quero pôr-lhe uma questão, na formação dos catequistas

invariavelmente a dúvida que persiste é “Como hei-de pensar Nele? Ele o que é?” e a isto eu não consigo responder senão “Não sei” o Padre o que diria?

Que a Graça de Deus esteja eternamente em si.

Abraço amigo do p. Anonimo»

Na realidade ocultava a difícil situação em que se encontra, o relacionamento com a instituição agravara-se, os apoios escasseavam, os pedidos ignorados, o rebanho dispersava, a sua paróquia era um fracasso “Também não foi por acaso que o colocaram numa tão problemática” julgara o Padre Tó no jantar de despedida “Embora na verdade seja irrelevante, porque o mal persiste como força dominante e vai destruindo lentamente a mente humana” levanta-se num repente desafiando a idade, dirige-se à estante tira o livro delicadamente, alterando a energia na sala, por momentos distrai-se folheando-o, encontra o que pretende, mostra a página escolhida a Santa “Leia a menina que os olhos já me atraíam” senta-se um pouco triste, dá mais um golito no vinho-da-eucaristia e fica à espera “Pertença a uma geração que herdou a descrença na fé cristã e que criou em si uma descrença em todas as outras” eleva o tom de voz lembrando-se que ele era surdo “Os nossos pais tinham ainda o impulso Credor, que transferiam o Cristianismo para outras formas de ilusão. Uns eram entusiastas da igualdade social, outros eram enamorados só da beleza, outros tinham fé na ciência e nos seus proveitos, e havia outros que, mais Cristãos ainda, iam buscar a orientes e ocidentes outras formas religiosas, com que

entretivessem a consciência, sem elas oca, de meramente viver. Tudo isso nós perdemos, de todas essas consolações nascemos órfãos. Cada civilização segue a linha íntima de uma religião, que a representa: passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdê-las a todas. Nós perdemos essa, e as outras também.”

Anónimo partiu de madrugada pressentindo que não voltaria a ver o ser humano que conhecia mais próximo de um santo, também esquecido no seu tempo. Não fosse a sua audácia e coragem, que o tornavam inconveniente nas escassas visitas oficiais dos membros do governo organizações não governamentais e outras instituições, todos homens com ar muito colonial “Que alimentam o ego com a desgraça dos povos” às quais ele não tinha pejo em pedinchar constantemente, apesar dos esforços dos visitantes para mudar de assunto, passaria fome, embora isso não fosse para ele grave comparado com o futuro das crianças do orfanato da sua exclusiva responsabilidade, tinha cento e vinte filhos adoptivos, de todas as idades, ao mais novo, Tomás, os ratos gostavam de roer as mãos que ele todas as noites ligava com as ligaduras surripiadas no hospital, um caso estranho que o fez consultar o feiticeiro que tinha uma sabedoria popular de aspecto prático e vaticinou “Há crianças que nascem para sofrer” e ele respondeu “Vaita f... seu ignorante” o que fez perder alguns prováveis fiéis da etnia. Era das poucas pessoas que faziam Anónimo rir às gargalhadas como quando cumprimentou o primeiro ministro de Portugal “O seu apelido é

do Fundão, o seu pai não tinha problemas com o álcool?” e ao que parece era verdade. Missa-do-galo (na igreja sem tecto), sua encenação, começava com cânticos e danças tribais, entravam nativas com plumas rodeando-o, não se via até chegar ao altar pois a sua altura não chegava ao metro e trinta. Estas imagens acompanhavam o afastamento da ilha passada a ponte, Anonimo com os olhos húmidos ria de felicidade abraçado à sua Santa que partia com ele no chapa aos solavancos. “Preciso muito da fé” é a frase de que se lembra sentado no altar enquanto dona Isaura da peixaria lê alguns trechos da Bíblia mal-e-porcamente, apesar de naquelas almas não haver a mínima hipótese de redenção, com a aproximação da morte tornavam-se bondosas, algumas em desespero, sabendo no fundo que os seus males passados não teriam perdão, tornavam-se fanáticas, desgastavam os pés da virgem com tantos beijos, pede para eles o melhor possível mas de certeza poucos ou nenhum atingirá o "Reino dos Céus" ele próprio duvidava de si, porque o seu pecado não era aquele que se pensava, a sua verdadeira angústia sentia ser o não se ter entregue completamente a Deus, tinha-se também dedicado à sua Santa, mas se Ele perdoasse “Quem sou eu para julgar nos outros os critérios do Seu perdão”. Aquilo que julgara ser mais um pretexto para contestação, a missa em latim, devolveu algo de celestial ao ritual vivido por todos "A reza torna-se incompreensível perde a crueldade das palavras antigas. O som divino acelera o estado alterado que aproxima Deus. Ainda há alguém inteligente na igreja” pensa em segredo antes de dar

por terminada a missa “Vade in Pace”.

A resposta «Querido filho, a sua última carta deixou-me preocupado, espero que esteja tudo bem consigo e com a nossa Santa, os quais estimo como filho e neta que a nossa condição não permite ter, com excepções, que não me cabe a mim julgar, como vê não perdi o sentido de humor, embora a idade pese e deixe-me ligeiramente preocupado com o futuro dos meus petizes os quais começo a baralhar os nomes, talvez por isso falo da idade. É também o cansaço pois chegou a cólera e tem havido muitas mortes, principalmente no interior na missão do padre Bruno, que chora todas as noites, coitado, não é fácil ver morrer a família que Deus lhe deu. Mas chega de desgraças, o vosso problema é de outra ordem Graças-a-Deus. À sua questão só posso responder com as palavras de um mestre seu homónimo, ele responde assim “... Tratando-se das criaturas e suas obras – sim, e até as obras do próprio Deus! - pode um homem, através da Graça, atingir a plenitude do conhecimento, e é bem capaz de pensar nessas realidades, todavia, em Deus mesmo, nenhum ser humano pode pensar. Portanto, eu desejo abandonar tudo o que posso pensar, e escolher para objecto do meu amor exactamente o que não posso pensar. Porque Deus pode muito bem ser amado, mas não ser pensado. Pelo amor Ele pode ser apanhado e retido, mas já pelo pensamento, não, nunca...”

Ilha-de-Moçambique

p. António Lopes

ps- Obrigado pelo aparelho, mas confesso, não o consigo usar,

parece que estou dentro de um transístor, ponho-o quando for a Nampula visitar o Bispo, acho que me andam a enganar, juro tê-lo ouvido dizer que ia vender a cruz de pedras-preciosas que traz ao peito para me ajudar, o padre Bruno diz que isso é mais um disparate meu, mas ele é a atirar para o comunista, já não sei em quem acreditar, mas que a Eminência é meu amigo não tenho dúvidas, deu-me uns sapatos que o Bruno diz serem usados».

Santa adormecida no sofá é musa na carta ao papa “Está quase terminada, mas como é que faço para a entregar pessoalmente?” uma ideia arriscada, mas de outra forma dúvida que alguma vez Sua Santidade lhe ponha a vista em cima. Ouve gritos lá fora, levanta-se destranca a fechadura e senta-se em frente à lareira, uma sombra abre e fecha a porta encostando-se a ela ofegante “Desta já te safaste” diz o Padre sem se virar “Nem mi fale padre! eram mais di vinte” ri-se mostrando uma dentadura branca “Há cerveja no frigorifico e depois diz-me a que se deve tão ilustre visita” aconchega o fogo e puxa o outro cadeirão para perto do lume a pensar no inesperado visitante que se aproxima “A nossa santa dorme! queria pedir para me lançar o I-Ching” senta-se com à-vontade “Padre estou numa grande aflição! perdi a minha vida, não resta nada. Pensam que sou um fantasma mas não passo de uma sombra” aproxima-se do fogo e fica dourado “Mas como é que isso te aconteceu?” pergunta Anónimo não deixando de achar cómica a estranha personagem “Muito problema, muita falta damizade, quando dei por eles, o corpo e a alma, estavam

a fugir cada um pra seu lado... como é que uma coisa destas pode acontecer? e agora quéqueufaço? ajudi-mi Padre!” o que Anónimo vai fazer a seguir pode parecer cruel, mas que saiba é a única solução; tira a chave que traz sempre no bolso do colete, abre ligeiramente a porta da arrecadação “Entra rapidamente” o vulto desliza para dentro, fecha a porta “No escuro a sombra não existe. Aí está uma coisa importante que não nos ensinam no Seminário” pega na Santa ao colo com bastante ligeireza e dirigem-se para o quarto.

Mais cedo ou mais tarde vai-se ter de contar um segredo que nem se quer pensar se chega aos ouvidos da Igreja, mas é importante e não se deve esconder nada, muito menos o que é determinante nos acontecimentos futuros, Santa é uma bruxa ! E porque não dizer feiticeira, é mais místico, poder-se-á argumentar, é uma questão de contexto, inter-acção com o cenário, respeito às origens, o nosso imaginário é o da Inquisição e a nossa terra muito diferente de Avalon “Mas não é uma bruxa-má, que as boas também las há ... que é que o menino queria? filha da mãe-de-santo de Nacala, coitada caiu em desgraça quando pariu uma filha mulata. Essa miúda criou uma lenda à nascença, os padres ficam todos contentes , porque a lenda diz que é filha de um branco chamado Jesus. Bastante trabalho me deu desfazer algumas suspeitas que a tua Santa e a deles é a mesma...” palavras antigas do Padre Tó que recorda enquanto conversa com dois jovens que se preparam para o casamento “Duas almas que se ligam uma à outra na presença de Deus, é isso um casamento religioso, a

vossa união é abençoada pelo Espírito Santo. E o que significa isso? podeis perguntar e eu respondo-vos não penseis nisso. Senti no dia da vossa união o fulgor da sua Luz” tinha enorme prazer em passar a mensagem mesmo que ela, a maior parte das vezes passasse ao lado. Chegada a hora da cerimónia pairava no ar qualquer coisa mágica que o deslumbrava desde o acto da Ordenação, ainda hoje sente a pedra fria, estendido no chão, logo nesse dia foi pecador, os seus pensamentos não eram em Jesus mas na Maria da Conceição, rapariguita da aldeia de seus pais que lhe tinha roubado o coração d'ouro que pertencera a sua mãe, nesse instante perdoou-lhe essa desilusão, que não era de todo estranha ao acto da sua entrega a Deus, estes pensamentos deliciosos, o silêncio, eram julgados pelos jovens noivos como momentos de oração.

Os seus olhos têm encanto, de Santa, são dominantes como os da cobra que fixa a presa, embora não seja uma boa comparação, definem a dimensão do seu poder. As suas orelhas, se observarmos com atenção, mexem, acompanham os ruídos estranhos a que nós comuns mortais chamamos barulho de fundo, para ela parecem ser sinais vitais, como os felinos. A ler parece um scanner, Anónimo desconfia que decora os livros todos que lhe passam pela mão “Nisso há que ter cuidado que pelos livros também anda a mão do diabo” e na sua biblioteca cabe quase o mundo todo, a única coisa que possui, andam consigo de missão em missão e agora olha para eles alinhados nas prateleiras do armário que é também contentor quando se fecha, uma invenção sua, mandado fazer

em pau-santo.

A situação agrava-se, lê a carta do superior hierárquico que o adverte ou faz um ultimato, os seus textos nunca são claros, dava a entender que havia algum mal-estar no meio devido à sua situação particular, através da transcrição de algumas parábolas Bíblicas a que poupo os leitores, fazia passar a ideia que a rapariga não seria tolerada por muito mais tempo. Anonimo compreendia as razões, não podiam abrir excepções ou arriscavam-se que o mesmo alastrasse a outras Paróquias "Que vamos fazer? meu irmão" terminava a missiva num tom de igualdade nada habitual, atenuante num eventual escândalo "Onde vou buscar força para me separar do amor?"

Santa tinha o seu altar a um canto da sala, lamparina acesa onde nunca faltava azeite, iluminava praticamente todos os deuses "Ponto-de-encontro da divindade" dizia Anonimo. À socapa, para não dar o braço a torcer, rezava ali de vez em quando. A Cruz de madeira objecto de culto dominante, que ela própria fez. Buda foi pendente de porta-chaves por isso tem uma argola na tola. Shiva sentada no pedestal segura nos braços duas preces, a de Pessoa e um poema de amor anónimo. O pêndulo que a entretinha nos passeios de domingo em visita a Conventos "No de Tomar há um ponto no bar em que o pêndulo fica maluco. Em Mafra segui pelos corredores o fantasma de um escritor". Nossa Senhora da Conceição é o objecto de culto preferido, é que Santa pertence a uma comunidade - o Santo Daime. Anonimo tinha participado na cerimónia religiosa, bebeu "ayuashca" alucinou que nem um

perdido, gregoriou-se como um bêbado mas teve uma revelação, viu a imagem da mãe que morreu à sua nascença "Valeu!" mas para um teólogo (que ele se considera) aquilo nunca deixará de ser um pouco patético, opinião que guarda para si, ela é que sabia as agulhas com que se cosia, não lhe passa pela cabeça orientar a sua vida, a dele já era o que era. A relação ficou tensa, ela pressentiu antes dele o drama no ar "Que fazer meu Deus? eu amo-a, não consigo viver sem ela" sofria, e por mais que pensasse só via uma solução, despir o hábito "Mas Pai, não sei fazer nada!" via-se a trabalhar nas obras, acartar tijolo com o corpo curvado, adivinhar o ar triunfante do encarregado, a quem no confessionário tinha admoestado, o putanheiro. Visões do inferno que o levaram à cama em muito mau estado, febril chamava pela Santa como se ela já tivesse partido "Está muito fraco" disse o médico um pouco incomodado com o local da visita e uma certa pressa em despachar a consulta. O que vou contar é da mais extrema intimidade e peço à leitora (os homens foram-se, há muito fecharam os livros e os olhos também) guarde segredo. Dorme na posição-de-morto, Santa aproxima-se com um frasco vazio na mão, dá-lhe um beijo prolongado na boca. Acorda, sente-se curado. "Não te aflijas paizinho, estarei sempre aqui" pega na mala e sai. Ele não sabe que o mesmo se passa connosco, Anónimo chora.

*

Dedicou-se por completo à "Acção-Pastoral" e, pela primeira vez na vida a si próprio. Organizou chás de beneficência com

as acólitas que, compradas pela atenção, abriram mão de pequenas fortunas em donativos para causas nobres engendradas por si. Com os homens começou a ir à caça que felizmente escasseava. Apesar de participar nas patuscadas não tinha espingarda, usava o portátil, enquanto os camuflados se embrenhavam na mata da ilusão de rambos à portuguesa, entretinha-se na net ou elaborava novos planos beneméritos no quentinho do Cayenne pertença do pato-bravo-mor. Tornou-se parte integrante dos copos-d'água com direito a discurso antes dos noivos o que aumentava a tensão entre os presentes que fingiam ser o que não eram, não podiam, nem sabiam. Os seus fatos são agora Armani, na garagem da Câmara descansa um Silk oferecido pelo Presidente e que ele usa nas escapadelas com algumas viúvas para fins-de-semana em Fátima. Com o passar do tempo, em digamos três anos, ficou um rico padre, com retiro no Brasil, a ilha em Hangra-dos-Reis, um negócio da china. Os políticos tinham-no em grande conta pois com visão estratégica, encostara-se antecipadamente ao que, enganando as sondagens, se tornara vencedor (as reuniões pastorais foram da mais extrema influencia no resultado das eleições). Há mais, o que é chocante está por dizer, refiro-me à parte sexual, que por incrível que pareça tornou-se o seu ponto-forte. Como por formação nunca se dedicava a nada de olhos fechados, utilizou o que de ensinamentos transmite certa literatura, e se antes a sua imagem de amor estava ligada aos românticos por obrigações pastorais, ficou deslumbrado com os clássicos e os diferentes graus de perversão que certos

escritores inventaram, e eram hoje o Cânone Ocidental. Foi renascimento acompanhado por certos amigos de peito, o rebatismo assistido; Balzac segurou-lhe a cabeça, Sade verteu a água, Petrónio abençoou-o, Ovídio secou-lhe a cabeça. Tornaram-se famosas as suas carícias entre as mulheres, desconfia-se que até em alguns homens e, benza-o Deus oxalá esteja enganado, certas crianças (se de facto alguma coisa aconteceu a culpa foi dos gregos que partilharam com ele noites inteiras sem dormir em êxtase e prazer). O sagrado envolveu-se com uma certa neblina que escondeu a Ilha-de-Moçambique na nuvem do não-saber e o seu forte cárcere do pensamento numa determinada Santa. Em Anónimo confirmou-se a frase de um velho amigo abandonado na estante “Faz todo o sentido o esquecimento no renascimento” . Outrora tinha ao peito a Cruz-de-Cristo, agora tem tatuada à volta do braço a coroa-de-espinhos que ele próprio desenhou. O que achou a Igreja de tamanha mudança? surpreendam-se, abençoou a entrega do irmão à causa Católica-Apostólica-Romana, por mais incrível que pareça, falava-se nos corredores do Patriarcado de uma eventual recompensa consagrando-o Bispo-Auxiliar. Se durante anos conjecturou planos que o levassem à presença do Papa, pouco tempo depois da reviravolta recebeu convite oficial do Vaticano, que de certa forma o deprimiu porque para ser honesto já não tinha nada para dizer ao que devia usar sandálias de pescador, quanto muito “Deus nos perdoe, onde nos viemos meter...”

Encontramos Anónimo embalado pela música na inauguração

do novo órgão, patrocinado pela multinacional que explora os lugares-de-garagem na outrora catacumba da igreja, ele próprio tinha-o comprado, em segunda-mão com preço de primeira, num leilão camarário, o recheio do Convento abandonado que iria ser recuperado para condomínio privado cujo claim era “Sossego e Silêncio”. Surpreendente foi a forma como pedinchou o bônus, dois castiçais banhados a ouro cujo destino seria naturalmente o altar mas que serviram de moeda-de-troca com o Rolex que agora usa no pulso, proposta sugerida pelo Barata da ourivesaria local “Os castiçais no altar não durarão muito tempo, alguém se encarregará de os roubar. Esta belíssima jóia pelo menos estará segura na sua santa mão” há negociantes que têm sentido inato para descobrir a fraqueza do cliente, e a de Anónimo é os relógios (ou o tempo?). Como todos os padres tem a sua devota predilecta; a Milu cabeleireira de quem só ama o peito hiper-abençoado onde descansa a cabeça nas tardes de domingo, com o caniche ao colo entretém a imaginação. Talvez devesse abrir aqui parênteses para fazer realçar que à semelhança do carisma dos Santos também ele emana segurança e personalidade. Os seus gestos, especulava-se, não eram de plebeu o que se veio a clarificar quando no Jornal Regional saiu a sua árvore genealógica; ambos os avôs constam no Anuário da Nobreza de Portugal e por absurdo que pareça ao século vinte e um, isso na província ainda faz a diferença. Por mais que os empresários se transformem em dirigentes desportivos com mais súbditos que a maioria dos principados, que os

autarcas dêem o melhor de si para se aproximarem da nomenclatura, todos sabem, no fundo, que nunca passarão de fidalgotes burgueses patéticos. Anônimo tem esta visão aristocrática da vida social, muito influenciado pelo seu amigo o Príncipe Lampedusa. Tem também consciência da futilidade destes pensamentos serem a forma que a mente encontrou para se distrair a si própria já que ele é um caso perdido "Esta é a forma de estar, o modo de vida mais próximo do pecador consciente, que o irracional perde-se em desespero na vida-da-perdição" ele é prova de que a mente pode (ou julga) ignorar a Alma, perder o sentido da eternidade e chamar a isso liberdade do pensamento, sonha que a sua se vai cansar daquela vida e espeta-lhe um dia destes um cancro. Acorda transpirado, toma o ansiolítico o qual vive agarrado ao seu dia-a-dia e que por vezes o transforma no verdadeiro chato. Por herança sagrada, na vida há sempre um ou mais segredos, talvez seja assim em toda a gente e nós pensamo-lo como exclusivo nosso "Talvez seja aquilo a que se chama intimidade, a relação que o corpo tem com a alma, uma relação a dois, secreta - só isso". Apesar da armadura-de-defesa andar sempre com ele, uma seta atravessou-lhe o colete de aço do peito. Nas festas da vila o Bispo honrou o povo local com a sua santa presença. Esperava-o no altar da igreja no fim do tapete encarnado que começava no passeio, o ponto exacto onde o Mercedes descarregava a encomenda, Sua Eminência percorreu a passadeira com passos curtos experientes. Anônimo beijou-lhe a mão e quando se endireitava olhou para o colar ao peito, a

cruz de diamantes, a mente transbordou imagens do passado, desatou a chorar e tal foi a comoção geral que o Bispo abraçou-se a ele comovido perante "O milagre da fé testemunhado neste irmão" se ele soubesse a verdade o choro seria lágrimas-de-crocodilo, porque o que Anonimo realmente sentiu foi; remorsos, saudade e solidão.

"Quanto tempo aguenta um homem viver assim?" perguntara-se deitado na cama a fumar um cigarro às escondidas, depois da prescrição do médico, repouso absoluto, na presença do Bispo que aliviado já se tinha pirado. A esse acontecimento chama "Dia-da-recaída" e espera que não se repita.

Tornou-se devoto de Nossa-Senhora-da-Conceição, tal ímpeto de adoração elevou-a a Rainha-Santa. Juntou vinte e duas coroas da mais fina filigrana que alternavam na sua cabeça iluminada a laser que ele mandou instalar e que transformou as missas em autênticas performances visuais que deixavam os fiéis em êxtase abrindo a porta à alucinação colectiva. Começou a cheirar a exagero para alguns religiosos cultos, mas felizmente eram poucos e todos seus amigos, alguns eram abusados, mandavam bocas à encenação, chamavam-lhe foleiro e infalivelmente lá vinha a crítica à sua coluna na «Família Cristã»; dizia o padre da paróquia mais próxima, ordenado à pouco tempo e por isso defensor da integridade na igreja "Como é que o menino escreve uma crónica com o título «Pobreza Abençoada» ou como a anterior « A miséria tem de ser salva» e vive na maior opulência?" Anonimo respondia calmamente "Nada disto é meu, eu só uso, faz toda a

diferença”. Entretinham o serão com “Conversas gregorianas” berrava o padre Abílio, da paróquia mais pobre da região, sentado no chão da sacristia com a garrafa do vinho da missa na mão, perdido de bêbado canta a Avé Maria, depois de se ter gregoriado todo. “Os padres são humanos, não nascem do chão igual a erva-ruim, como andam p'raí a dizer alguns chefes nas aldeias” (sermão do padre tó na missa-do-galo).

João De Silentio confessa “absolutus, confectus” num tom angustiado e com qualquer coisa de perdido, mas isso não acontecia por acaso, a sua natureza não reconhecia aquele modo de vida, era o que achava desde o principio o irmão Anónimo a quem ele se queixava “De repente tive o estranhamento! em tudo, o sítio, ela, aquela pose que não reconheci, e a voz irritante” Anónimo sorria perante o sofrimento do amigo “Estás a rir? eu estou a sofrer. Que raio de amigo és tu? ...Verus” responde seguro da palavra “Deixa-a não oiças mais nada, conspectum alicuius fugere, ex oculis alicuius abire” De Silentio olha-o incrédulo “É isso que tens para me dizer? o teu conselho?” a conversa descarrilava para o confronto, onde nenhum deles gostaria de cair “Calma, só quero o teu bem e não te vou roubar o sofrimento e o luto paliativos do eu, mas tu sabes que vamos continuar, aconteça o que acontecer que não seja mortal estamos aqui”... “De pedra-e-cal. Tu és demais” responde De Silentio com visível ironia “Não estavas à espera que aturasse pieguices pois não? eu sei que custa muito, absolvi confici, mas só podes encarar como a morte-espiritual-do-amor-terreno e aguardar o renascimento da

paixão em Deus, ou pode ser noutra santa qualquer, espero que não volte a ser o caso” com risinho sarcástico. “Sem perdão” murmura o amigo “O que não dá é para viver em curto-circuito, dois pólos que se tocam com risco de queimar o fusível” tocam-se e fogem os dois polegares “Sabes que senti isso na última conversa que tivemos, o enredo emaranhou-se de tal forma que por um momento julguei-me louco, sem fé, mas fui salvo pelas Nossas Senhoras da Tristeza, a das Lágrimas, dos Suspiros e das Trevas, belas mulheres diga-se de passagem! Deus me perdoe. E o que elas vão buscar! eu nem sabia que havia culpa nisso, a rotina imagina! se sempre foi claro, gosto da rotina religiosa e estou casado com ela, porra” benze-se e vai à cozinha buscar uma cerveja. “Tá de volta a chuva a Coimbra irá lavar-te o pecado” dito em frente à janela. “Não tenho essa confiança, sabes disso” De Silentio aproxima-se “Mas não deixa de ser uma possibilidade, se fosse a ti oferecia o teu corpo nu a ela” por momentos os dois calaram-se e imaginaram-se prostrados de braços abertos para o céu lavando os pecados no átrio da Sé. “A minha alma responde perante quem, a igreja, Deus?” perguntas de retórica pensam “O Espírito Santo” Anonimo acha chegado o momento de confrontar o amigo “O celibato!, andamos a fugir ao inevitável entre nós. Esqueçamos as opiniões exteriores, não sabem do que estão a falar, amandam bitaques profanos para o ar e se for preciso em pleno telejornal. Eu falo de Fé meu irmão, de entrega total, renúncia (renúnciação). Tu sabes que toda a privação traz animi pax que essa benção nos sirva de

consolação”

De Silentio meneia a cabeça envergonhada “De facto, tudo isto é escusado não me aproxima de nada bom. Estou possuído pelo ciúme, paixão, a libido, o que eu odeio a emoção!”. Anónimo entusiasma-se com as falas do amigo “Os arquétipos dominantes têm uma força bestial, estão em tudo, alimentam-se dos últimos resquícios animalis” “Achas que estamos em vias de extinção?” “Rezo para que isso não aconteça. A que horas é a audiência? a chuva parou”.

Anónimo tem uma particularidade chata, está sempre a fumar. Gostava de saber se no imaginário do leitor essa imagem existia antes de a revelar, mas no fundo não tenho nada a ver com isso porque todos sabemos que é remota a hipótese de o meu Anónimo ser o mesmo que o seu. Tenho sempre a sensação quando estou a descrever alguém ou um lugar que estou a dar demasiado ao leitor a quem gosto de exigir participação no acto de criar enquanto está a ler, é esse um dos prazeres da escrita, quando é boa (não digo que seja o caso a modéstia proíbe-me o opinar), dá a possibilidade ao leitor de inventar o perfil dos personagens e praticamente tudo o resto que fica por dizer. O cinema já não é assim diria mesmo que é oposto, inimigo da imaginação. Tem outros atributos; veículo de informação, em casos muito raros ferramenta do conhecimento e até objecto de culto “A contemplação da natureza por exemplo, só por si não me satisfaz, tem de ser rica em mais coisas além das visuais e olfactivas, um cheirinho de recordação, musa da meditação, apoiar a faculdade do

pensamento conforme a orientação que lhe for dada, enchê-la de fantasmas e muitas outras possibilidades metafóricas. Que a minha contemplação seja o pic-nic das quatro operações da Alma, Inteligência, Entendimento, Fé e Suposição” diz para a Milú, que o cravou para a levar ao Cabo Espichel, à beira da falésia mais a atirar palavras ao vento do que outra intenção qualquer.

“Padre, eu me confesso , pequei” o tom de voz é transparente, quase cristalino “Sentes que agiste mal, é isso minha filha?” pergunta sem procurar adivinhar quem está no outro lado do confessionário “Não! sinto que agi bem, mas o meu bem é sofrimento para a outra parte” murmura um pouco hesitante. “Estás a falar de quem?” por momentos o silêncio, nenhum dos dois diz nada. “Abandonei o meu paizinho” o arrepio começou nos pés... “Diz o que sentes, deixa sair o que te oprime a Alma, é para isso que aqui estou, para te ouvir. O meu papel não é condenar, existo para te ajudar” a rapariga desata num pranto há muito contido. Anonimo espera paciente, embora não suporte a lamechice “Nós eramos tão felizes, vivíamos os dois na nossa casa fosse ela onde fosse isso não importava porque lá dentro só havia paz amor e bondade, e padre, sabe o que me impressiona mais? o tamanho das tardes. Nunca mais o tempo foi assim, tão lento e calmo. A solidão acompanhada é tão diferente da solidão só” já não chorava nem sequer soluçava e poderia jurar que ao dizer aquilo a rapariga sorrira “E o que é que correu mal?” perguntou hesitante. “Nada, nada, era tudo perfeito, só que comecei a sentir que a vida que vivia não era

minha, era dele, eu era apenas uma parte, importante isso é verdade, do seu universo, da sua constelação. Não sei explicar padre... um elemento na composição em que ele era o maestro” Anonimo não quer acreditar no que ouve, seria possível uma pessoa enganar-se tanto? “E ele percebia isso?” perguntou ansioso “Quando caiu em si refugiou-se na cama. Ficou bastante mal, e eu senti-me culpada de não ter dito nada, mesmo sabendo que ele percebeu a mudança que em mim se deu. Foi tão difícil dizer-lhe adeus” volta o pranto. Se vos disser que o tempo parou, não vão acreditar, mas olhem à vossa volta e perceberão que nada mudou de há uns instantes para cá. Está tudo na mesma, excepto para Anonimo que nesta paragem a vida virou-se ao contrário “Santa?” murmurgeme “O meu nome é Marta”.

Andou uns tempos abanado, a Marta ser Santa foi uma revelação do diabo, como é que aquilo lhe passou ao lado? toda a sua história é fruto da imaginação e do pecado, que para elas não existia, simplesmente chegara a altura de saírem-de-casa do pai. Era nele e na sua condição que estava enraizado, tanto era pecado ser casado como ela ser filha dele. Como sempre Ele é que tem razão, porque desde o primeiro dia lhe tinha ensinado que só perde quem tem algo que perder e se ele é padre é porque nada quer ter!

De repente ficou tudo muito claro...

Apolo impõe a si próprio a moderação, porque sabe que por natureza é imoderado, exorta o domínio de si, mas os seus atos teimam em ser incontrolados, desafiam-no, provocam-no, insistem em desobedecer-lhe, essa ambiguidade é um enigma para ele. A partir de hoje dir-me-ei claramente tudo o que quero saber, desfaço enigmas, com um discurso simples, como é justo dirigir a palavra a quem se ama. Não sabia que pensar do que ele próprio tinha escrito, das histórias de vidas que talvez tivessem sido suas, teve um arrepio, a ser verdade surgia na sua mente um problema, organizando os pensamentos várias hipóteses eram possíveis, ou aqueles textos pertenciam exclusivamente ao personagem que agora encarnava e nada tinham a ver com o seu verdadeiro passado, e a palavra verdade sugere algo que não existe, ou então aquelas histórias eram o testemunho que deixava a si mesmo em cada vida que viveu, o que afirmava o compromisso de ter de escrever sobre o que vivia agora, um escritor que escreve para si mesmo, todos os seus livros serão uma única história de vida, a sua. Em que altura, em que momento, em que tipo de sono abandonava a vida e começava outra? e assim sendo o que representaria para si tudo no presente senão uma breve fantasia, sim porque teria de ser breve fazendo fé de tudo o que tinha escrito as suas vidas tinham sido curtas, ou então o tempo teria outro significado daquele que se julgava, mas o que é que

ele julgava do tempo se até então não tinha pensado nisso, ou teria? seria que este raciocínio se teria dado também nas suas vidas passadas? uma confusão! saiu-lhe em voz alta e em desabafo, que o levou à conclusão que para tudo era preciso calma, dar tempo ao tempo... as gargalhadas inevitavelmente surgiram, estou completamente louco e isso resolve todas as questões.

«...de repente ficou tudo muito claro» Ela acendeu a luz de cima, acorda darling temos de nos ir embora, a nossa reserva foi cancelada, nada que não estivesse à espera depois daquela conferência desastrosa, espero que saibas o que andas a fazer, porque eu confesso-te darling estou completamente à nora. A culpa em grande parte também é tua diz Apolo, quando abriste as pernas daquela maneira, e sem lingerie para obscenizar ainda mais a coisa, deste a machadada final na minha eventual relação com o editor, Ela olha para ele visivelmente divertida, foi para te agradar estúpido... está bem mas podias era ter reparado que o homem sentado a meu lado iria forçosamente ver o mesmo que eu, a mais bela floresta do planeta, algo para que um vulgar mortal não está preparado... mas está tudo controlado não te preocupes diz ele enquanto veste as cuecas, as mesmas do dia anterior porque não tem outras. Comemoram os acontecimentos com dois riscos generosos antes de abandonarem o hotel.

Instalados provisoriamente numa pensão no Intendente em que o quarto tem sete camas, três beliches alinhados com os pés para a porta e um divã ao canto logo a seguir ao lavatório,

congemina os três um plano para a sua estadia. Não tenho dinheiro nenhum diz o Tony deitado na cama de cima de um dos beliches, eu tenho os cartões mas não sei os códigos diz Apolo deitado na cama de baixo, tenho quinhentas libras na conta desabafa Ela a lavar cuecas e meias no lavatório, mas estou feliz afirma Apolo sentado com a cabeça a roçar no teto falso, a mim a decadência excita-me diz Tony enquanto faz com o corpo e os os braços um estremecimento feminista de excitação, o taxista enganou-nos bem, quando lhe pedimos para nos levar a uma pensão barata nenhum de nós imaginava um pardieiro como este, isto é o bairro das prostitutas e dos toxicod dependentes, vocês viram o ambiente na rua, não podia ser mais degradante, o que ele viu em nós foi uns camones drogados... e não é o que nós somos pergunta Apolo.

“EXPERIÊNCIA COM O TEMPO”

Assistir ao "último suspiro" não era para ele novidade, embora a sua especialidade não fosse medicina conhecia bem demais o movimento hospitalar. Vê a morte nascer no paciente terminal "Fim" diz em voz alta "Há em mim vagamente a ternura de um alívio não sei bem de quê" levanta-se, e nesse movimento dá por terminada a leitura.

No caminho para casa procura a palavra do dia para anotar no diário e reflectir sobre ela - **Inveja** - Lembra-se de uma frase "Quando olho Cristo pregado na cruz cometo o pecado da inveja"...

Já em casa com a sopa á frente procura no dicionário:

Inveja - desejo de possuir algo que outra pessoa possui ou de usufruir de uma situação semelhante á de outrem; cobiça
sublinha semelhante :

cobiça - desejo veemente de conseguir alguma coisa; ambição;
avidez

deixa-se ir :

avidez - desejo veemente e insaciável

insaciável - que nunca se farta ou contenta; ávido; sôfrego
só mais um pouco, até acabar o caldo:

sôfrego - que come ou bebe com sofreguidão ou avidez;
desejoso; ansioso "de origem obscura" sorri:

ansioso - que sente ansiedade; inquieto; perturbado; desejoso
Pára, até aqui não descobriu grande coisa.

Vai beber o café á tasca da esquina. Um anjo improvável encostado ao balcão sussurra-lhe ao ouvido "já te viste ao espelho? és um lindo reflexo" Volta para casa apressado:

Sinónimos de **inveja** - asto (?); azedume; ciúme; cobiça; emulação; ferro; invidia; livor; raiva; zelotypia

Solta um grito, sentia que estava a chegar ao que queria:

ciúme - inveja de alguém que usufrui de uma situação ou de algo que não se possui ou que se desejaria possuir em exclusividade... sublinha duas vezes todo excitado ...; sentimento de posse em relação a algo ou alguém; sentimento gerado pelo desejo de conservar alguém junto de si ou de não conseguir partilhar afectivamente essa pessoa; sentimento gerado pela suspeita da infidelidade de um parceiro (do latim zelumen de zelu-inveja). Estava esclarecido, anota no diário:

- Inveja é pecado / ciúmes de Deus.

Vai para a cama mais descansado, julga ele, passado uns momentos lá vão os seus passos apressados no corredor tirar a dúvida:

asto - não consta no dicionário de língua portuguesa, 2004 - Porto Editora. "Chiça" diz irónico quando se olha ao espelho da casa-de- banho a mijar com a mão contrária.

.....

Diário. 13 de outubro 23.30

Como é claro hoje para mim o sacrifício religioso, a disciplina na fé, o poder da oração, ferramentas de redenção, armas da privação. Quando Deus deixa de ser uma ideia, começa o caminho do calvário "Os passos da cruz".

Perdão Virgem Santíssima sou um pecador de quem não te deves aproximar, punhas em risco a tua virgindade, mas ó Glória mesmo que não chegue próximo de ti, o simples vislumbre do Bem torna o que vejo em algo muito Belo. À Luz divina sobre a terra não se inibe a indiferença dos humanos, para Ela um simples piscar de olho do Espírito Santo vale mais que todas as conquistas terrenas. O sol sorri a quem olha para si, poucos reparam nisso e se alimentam da sua Luz, mas há quem o faça e são esses os que admiro verdadeiramente de todo o coração.

Acolhe no Teu seio a Alma que vi hoje abandonar o corpo.

Não me esqueci de tomar os remédios.

.....

O cliente do palácio no Príncipe-Real gostava de clássicos, a empregada de sempre recebe-o com a frieza habitual e não o acompanha ao quarto do patrão, poupa a escadaria já de si bastante gasta pelo tempo, cheira a perfume antigo. Começava hoje a leitura de um novo livro, sempre um momento solene, a escolha, a justificação da mesma, era algo que lhe agradava ouvir da voz rouca do "seu Senhor", a sua vista cansada era para ele uma benção "O menino vai perceber que este romance é a bíblia das constelações nos românticos futuros" e dissertava sobre a figura do escritor com a pretensa necessidade de ser precisa uma biografia que acompanhasse o esplendor da obra. O *cha-i* servido como uma saudade colonial. Livro aberto, começa assim:

«Eduardo – assim chamaremos a um rico fidalgo na flor da idade – tinha passado na estufa as melhores horas de uma tarde de Abril, prendendo enxertos recém-obtidos em jovens caules. Já dava por finda a sua tarefa e guardava as ferramentas nas respectivas caixas...»

Pára de ler inesperadamente o que não era seu hábito "Algum problema?" pergunta o velho ao pensativo leitor "Nada, desculpe" continua lendo num tom forçado... Mais lá para a frente:

«...- Viste minha mulher? Perguntou Eduardo preparando-se para retirar.

– Está lá em cima nas instalações novas – respondeu o jardineiro – hoje fica pronta a cabana de musgo que mandou construir junto ao muro de rocha, defronte do castelo. Ficou muito bem, e o senhor há-de gostar. Tem uma vista esplêndida; lá em baixo a aldeia; um pouco á direita a igreja e por cima do campanário o olhar perde-se ao longe; em frente o castelo e os jardins.»

Uma tosse artificial interrompe a leitura "Hoje não está nos seus dias, o que se passa homem de Deus?" o leitor bebe um pouco de chá tentando não perder a compostura "Mal-estar, mas não se preocupe, deixe-me acabar a primeira página":

« - Muito bem respondeu Eduardo -; perto daqui vejo o pessoal a trabalhar.

– A seguir – prosseguiu o jardineiro -, á direita, estende-se o vale e para além das férteis pradarias arborizadas divisa-se um magnifico horizonte. A vereda pelas penhas acima ficou

muito bonita. A senhora compreende as coisas; dá gosto trabalhar debaixo das suas ordens.

- - Pois então vai dizer-lhe que tenha a bondade de esperar por mim – disse Eduardo – diz-lhe que quero ver e admirar a nova obra.»

Finalizou visivelmente indisposto, após um curto silêncio diz "Importa-se que me ausente por meia-hora para assunto de nosso proveito? compreendo o seu espanto, mas prometo que não se vai arrepender".

Com passos apressados desce o Chiado e entra nos antigos Armazéns, volta com a mesma pressa cortando pelo Bairro-Alto, chega ao quarto ofegante, senta-se, descansa um bocadinho perante o ar atónito do cliente. Recomposto abre o livro novo que traz na mão, com os olhos procura consentimento, começa a ler:

«Eduard – é este o nome que daremos a um rico barão nos seus melhores anos - Eduard passara, no seu viveiro de plantas, os momentos mais belos de uma tarde de Abril, a fim de enxertar em troncos jovens alguns garfos de plantas que acabara de receber. Terminara havia pouco a sua tarefa, metera os utensílios todos no estojo e observava o seu trabalho com satisfação, quando o jardineiro apareceu e se regozijou com o afã interessado do seu amo.

- Não viste minha mulher? - perguntou Eduard, enquanto se preparava para seguir caminho.
- Está do outro lado, nas novas áleas – retorquiu o jardineiro.
 - A cabana de musgo que ela construiu encostada à parede

de rocha, em frente à mansão, fica hoje pronta. Ficou tudo muito bonito e vai agradar a Vossa Senhoria. A vista é admirável: lá em baixo a aldeia, um pouco à direita a igreja, cuja agulha da torre quase passa despercebida ao nosso olhar; em frente o castelo e os jardins.

- Muito bem – respondeu Eduard – a alguns passos daqui, pude ver a nossa gente a trabalhar.
- Depois - prosseguiu o jardineiro - à direita, abre-se o vale e vemos, por cima de densos bosques, e ao longe, o horizonte sereno. O caminho pelos rochedos acima está bastante bem arranjado. A senhora percebe do assunto; é um prazer trabalhar sob as suas ordens.
- Vai ao encontro dela – disse Eduard – e pede-lhe que espere por mim. Diz-lhe que desejo ver a sua nova obra e que quero regozijar-me com essa sua criação.»

O leitor juraria que viu uma lágrima deslizar na face rugosa do homem, a leitura prosseguiu ininterruptamente até final da tarde. Na despedida o cliente preencheu o cheque com uma quantia extraordinária "Compre todas as novas traduções que conseguir com este dinheiro, o critério é seu, este é daqueles momentos que gostaria de ter uma nova vida pela frente. Vamos usar o tempo que nos resta na releitura como uma ressurreição. Obrigado" a sorrir "Sabe que tinha pensado um dia deixar-lhe a minha biblioteca, salve alguns dos portugueses, com o resto aqueça-se no inverno" O leitor já a retirar, virou-se e disse "Quando lhe ler os gregos nem vai acreditar!"

.....

Diário. 14 de outubro 14.27

Custa-me aceitar as leis dos homens e dos seus deuses, pago o preço de questionar as suas verdades com solidão, tivesse a certeza que outros têm de serem leis divinas e não seria desprezado pelos meus irmãos, mas infelizmente penso o contrário, acho que a maioria são ou transformaram-nas em exclusivos interesses terrenos, é pena porque no princípio as coisas foram alicerçadas em bons princípios, que se perverteram em construções de poder.

Um país em que praticamente tudo tem de voltar a ser traduzido, diz muito sobre o seu atraso, é triste.

.....

A sua vida é ler. Do resto do mundo tem uma vaga e nebulosa ideia como se olhasse através do vidro embaciado na cabina do duche. Um dia tem esperança de encontrar o tal livro de *Jugo de La Raza* que anuncia a morte do leitor no final da leitura...

.....

Diário. 17 de outubro 19.44

Hoje uma antiga professora a quem ando a ler Bouvard&Pecuchet perguntou-me num intervalo da leitura se eu era cristão(?) felizmente estes encontros não têm ansiedade, tive espaço para reflectir e responder "Sou primeiro que tudo religioso, mas cresci com a cruz pendurada na parede da minha Alma" a senhora deu um gritinho e soltou "Magnifique" com

enorme sonoridade "Não exageremos" respondi lisonjeado "Vous êtes trop jeune pour comprendre tout mon ravissement" respondeu a acender o sg gigante no anterior.

.....

Tudo aquilo que existe, que é presente, lhe parece obscuro, mesquinho, insuficiente, inferior. Só se consola pensando que todo o presente não passa de um fastidioso prefácio para o belo romance que irá ler a seguir. Graças a essa fé vive e move-se de um lado para outro.

Deitado de lado com a mão esquerda pousada na coxa, aguarda o sono, esquecido do tempo não faz ideia há quantas horas permanece assim. A sua nudez é bela, pela magreza, o seu corpo já não ser jovem tem outro poder que a virilidade da juventude não possui ainda, embora não se importasse nada de ser mais novo. O sono como sempre atrasado, talvez por vir a pé, a sua condição não lhe permite um relaxe de primeira classe, a pressa também não é muita, trabalho não lhe falta principalmente de noite, as sextas deixaram de ser possíveis há muito tempo.

Aguarda paulatinamente, fuma mais um e observa o altar improvisado no psiché do quarto alugado, onde se juntam muitos parentes divinos. A sua fé não é inabalável confessa-lhes, por vezes sente-se esquecido, a falta de um amor a seu lado. Prostra-se no soalho e clama "Que mal terei feito para merecer semelhante abandono, não serei eu o morto que assiste ao próprio funeral, merece a minha vida tamanho

esquecimento? Como é que morrendo a vontade o corpo ainda vive? Porque não me foi reservado o contrário? Calava-se-me o coração e poupava-se a Alma, assim pelo menos poderia voar para outro lugar, outra dimensão mais próxima do Céu, o simples soprar da brisa e despedia-me do corpo morto. Mas não, estou preso à realidade, condenado ao exílio forçado da minha espiritualidade. Se já nada era, agora sou o que não é, dividido, deixei de ser o que julgava ser, embora respire estou morto, nunca pensei que a morte pudesse ser assim" adormece no chão, profundamente.

.....

Diário, 18 de outubro 13.47

Tive um sonho, na estação de comboios, sentado a meu lado, estava Vitorino Nemésio... permanecemos calados... antes de embarcar no Regional deu-me um livro de sonetos do Bocage prefaciado por si em mil novecentos e cinquenta e seis "Tenho a certeza que vai amar a Monteguy" de facto assim foi, no Entroncamento já estava perdidamente apaixonado «...Anna era dura e ardente, e da intimidade do sucessor de D. Francisco de Almeida passara bruscamente para os braços alvares de um preto. Quando Bocage tal soube corou de indignação e de vergonha» corei também de cumplicidade. Observei a realidade a fugir pela janela do trem o resto da viagem.

.....

Um antigo cliente que em tempos o dispensou quando este sugeriu a leitura do Novo-Testamento, mandou-o chamar à sua casa-de-praia onde provavelmente queria expirar, foi o que deduziu da conversa do mensageiro “Pede a sua presença urgente, está muito mal, não sobra muito tempo. Vamos por favor” a viagem foi alucinante, num carro de alta potência infringiram várias vezes a lei. O motorista era o mensageiro, provavelmente o braço-direito, é hábito existir este personagem na história dos homens de poder. O leitor não deixou de notar, para isso teve tempo, a viagem demorou o suficiente para sentado no banco de trás confirmar a parecença do indivíduo relativamente jovem com a do velho cliente, apesar deste ser mulato.

A mansão domina a paisagem no alto do Monte-Estoril, ocupa todo o quarteirão, da estrada só se vêem os telhados negros, o resto está coberto por um antigo jardim que pelo desleixo se tinha tornado floresta luso-tropical, pinheiros e palmeiras, trepadeiras e capim, oliveiras orladas por fetos mediterrânicos. Várias estátuas, figuras do antigo bestiário pagão espreitam escondidas no mato, maltratadas pelo tempo, uma até tinha sido decepada pelo tronco caído. O leitor acha graça às próprias observações dignas de um policial clássico e deixa-se ir. Entram pelo portão principal que a custo foi aberto à mão por uma empregada fardada “à antiga”, sorri. Piscina vazia toda rachada, teria preferido um cenário à James Bond cheio de miúdas giras, mas estamos no Estoril que poucas parecenças tem com o sul de França onde o zero zero sete habitualmente

espia os mafiosos. Evita entrar na sala, onde está gente, pede para ir à casa-de-banho que se bem se lembra é a jóia-da-coroa do velho, toda em talha dourada com espelhos embutidos, loiças e torneiras com banho-de-ouro, o chão em mármore-leite. O fausto despropositado não sabendo bem porquê torna-o bem-humorado, ri-se para o espelho, está pálido e como sempre a pila na mão contrária.

“Como vê pelo meu estado e aspecto estou a morrer, e está a demorar mais do que tinha imaginado, sempre pensei que aparecesse por acaso, de repente e fosse de tal maneira fulminante que nem desse pela sua chegada, afinal aproxima-se devagar, não posso fugir dela... A ideia, está a compreender?” leva a mão ao peito, tem um ataque de tosse “A verdade é que na vida tudo me aconteceu por acaso, quando dava por isso todos os actos presentes já eram passado, todos os pensamentos eram em função do eu, vivi na prisão de mim-mesmo, todos os que me rodearam foram reflexos atrás da minha imagem... num espelho rachado” olha-me nos olhos inclinando a cabeça com grande dificuldade “O que a morte me diz com a sua lenta aproximação, em silêncio, é que afinal não sou Deus” o nosso leitor, que neste momento virou confessor, não pode deixar de sorrir, o confessado também solta um riso tossico, está a lacrimejar “Não quero fazê-lo perder mais tempo, nem eu o tenho, mesmo que queira com isto atrasar a sua chegada a qualquer momento” a respiração a ficar lenta, o leitor pousa a mão no peito do doente junto ao coração que bate apressadamente “Diga o que quer saber de mim?” a voz sai

límpida demais “Como é que nestes últimos momentos, de uma vida esquecida, vou acreditar Nele?” olha para cima. O leitor pousa a cara nas mãos, fica assim algum tempo, por fim responde já de cabeça erguida “Não pense nisso, provavelmente não tardará a vê-lo a seu lado” as palavras ficam suspensas no ar pesado do quarto, o corpo já está morto “Mais um dia de trabalho”.

.....

Diário, 21 de outubro 12.16

Encontrei-te, por acaso, no comboio, ignoraste-me com desdém, poderia ter respondido na mesma moeda e talvez tivesse sido melhor, não há pior castigo que ser ignorado por quem amamos, mas confesso, chorei.

.....

Fixa uma pomba na calçada, a sua figura é absolutamente normal, talvez nem tanto porque a sua idade varia nas sombras, os traços da vida raramente têm essa flexibilidade. Particularidade visível somente a um olhar mais atento, mas faz toda a diferença, está imaculadamente limpo, asseado.

Gosta de beber um copito de mistura na tasca da esquina ao fim da tarde antes de voltar para a pensão. Discursos anormais, a ignorância patética dos bêbados fazem-no sorrir, imperceptivelmente por respeito, agrada-lhe a ideia de estar presente em local que contradiz a divindade do ser humano, esparramada em palavras e gestos bruscos, tão diferentes da

imagem de propaganda que a inteligência impõe à história. A situação desmascara a enorme fraude que é a humanidade, afinal um cenário imaginado e nisso até os escritores têm culpa, nunca encontrou ninguém que se assemelhasse, nem tenuamente, a um personagem clássico. O que podem pensar de si há muito que deixou de interessar, uma coisa era certa, não está aqui por acaso. Gosta de achar a diferença, a impossibilidade, carta fora do baralho de um naipe que não existe, a isso chama fé, impede o suicídio. A esperança está num olhar que tarda a chegar. Não admite a hipótese de procurar em lugar sofisticado, seria falso, parte integrante na tal fraude, então se for consciente disso, achar-se-ia na presença de alguém próximo do diabo, tem de ser em lugar improvável que desmascare o estabelecido, no meio da maralha invariavelmente ansiosa por um salvador que sofra por si. Se Jesus surgisse do meio daquelas almas, faria todo o sentido, imediatamente se tornaria seu apóstolo, mas nisso alguém (não propriamente no melhor cantinho) foi inteligente, crucificou para sempre essa possibilidade, e enviou-a para o reino dos céus “Posso oferecer um copito” dirigido ao homem a seu lado, estranha empatia, não tinha a certeza se o deveria fazer, mas tava feito, olhos nos olhos, e o que ocorre dizer, ficam doces. Não se quer deixar impressionar, mas nele sente estranho poder, abre parenteses (Esta mania de ex-jornalista, uma lapa que se me cola à mente, perverte-a com a curiosidade, a possibilidade de notícia, seja lá isso o que for). Brindam com as taças, faz sinal para se olharem nos olhos e diz “Sete anos de

mau sexo” o sorriso todo aberto sempre lhe foi difícil dar, para o convidado é absolutamente natural, pensa que um sorriso assim conhece bem a felicidade, não se atreve a perguntar seja o que for, a bolha filtra a totalidade do que entra em si, tenta adivinhar, embora sinta que é permitido explorar toda a sua intimidade sem segredos. Como sempre desilude-se consigo próprio por ainda ter tantos medos.

A pomba está envenenada, cambaleia no meio da estrada em frente à porta do café, todos os olhares desde o balcão se fixam nela, alguma coisa está prestes a acontecer... é esmagada pela roda do camião que trava em cima dela “Ó manel, andas a envenenar os clientes?” sai do cockpit, risos abafam o telejornal. Olham-se novamente “Se isto não é o inferno, então é o quê?” o sorriso meigo responde “É um grande desafio, num clima destes, vir a merecer o Céu, mas não é impossível!”

De regresso ao quarto sente-se mais animado.

.....

Diário, 22 de outubro 14.18

Lembro com saudade determinada leitura em voz-alta do Bartleby na aula de desenho-de-modelo na escola d'arte, até que ponto isso afectou os esboços não faço ideia, o que me encantou foi ter sido lida do principio ao fim, sem interrupções, são sempre as leituras que me dão mais gozo, curtas e fortes, com a excepção, claro, dos monstros da literatura.

Os romances parecem-me quase sempre demasiados extensos, perdem-se nos pormenores, roubam imaginação ao

leitor, pensam que compensa a falta de interesse, o não acrescentarem nada de novo à escrita, que chatice!.

Irritam-me particularmente os escritores novos, julgam que escrever muito é dizer imenso, enganados com certeza pela história-da-arte que alimenta a ideia, romântica, que aos trinta se sabe tudo. Não se sabe quase nada! as raras exceções de sábios novos, foi à custa da entrega total, das carências, do sofrimento que os matou aos quarenta já velhos e alguns santos, mas isso foi antigamente e não esqueçamos, como sempre, a grande maioria que não aprende nem escreve nada de jeito até morrer, basta entrar numa livraria para ter a prova disso. Lembro a frase de Goethe sobre Victor Hugo “Devia trabalhar mais e escrever menos” ou a de Matisse mais ou menos assim “Não se tem nada de interessante para dizer, digamos antes dos setenta” essa é que é essa.

Gosto de alguns escritores não pelo que escrevem concretamente mas sim o que as suas palavras trazem agarradas, o subliminar infinito, o poder sobre todas as coisas, os vislumbres de transcendência "Se todos os homens usassem a maravilhosa faculdade da alma associada à mente tínhamos uma humanidade de escritores".

Hoje caduca o meu seguro de vida.

.....

Diário, 26 de outubro 19.13

Estive doente, uma tosse funda, a voz do meu único pecado, o cigarro. Agora estou melhor, tomei xarope, estive deitado a ler,

já me sinto outro, entretanto registro o pensamento do homem na posição-de-morto:

«Que mal terei feito na vida anterior que me fez vir parar ao inferno, onde vivo na companhia de pecadores cuja existência não tem esperança para além da redenção que dá hipótese à morte de renascer no Céu. Se na história procuro casos de sucesso não deixo de constatar que muito poucos o conseguiram e só pelo auto-sacrifício, a maioria deixou-se levar na ideia demoníaca de estar em proveito seu à custa dos outros, alimentando o mal de um demónio que nem se digna aparecer. Não basta disto ter consciência [não me parece que haja muitos filósofos no paraíso] só os ébrios de Deus deste suplício se livraram, integraram totalmente a Alma Nele, a especulação transformou-se em redenção, a imaginação fundamento da razão, transformaram a Cruz em sinal de libertação e a morte porta de salvação [por isso duvido da ressurreição que incarna na alma ideia de missão mas não deixa de ser causa perdida] já me assaltou a vontade do suicídio, mas, seria voltar à casa de partida. Deixo-me estar, observo a natureza ignorando todos os seres que se enganam a si próprios. Olho para o céu sabendo que sou ovelha-ranhosa para satã.»

.....

Poder-se-á pensar, na leitura menos atenta desta vida, deste personagem, que a infelicidade é a principal residente desta Alma, mas não é verdade, no íntimo admira a coragem de existir assumindo a tristeza da humanidade, uma tristeza

sosegada pelo entendimento, abençoada em vez de forçadamente feliz. Por isso é obrigação prevenir uma mente mais distraída - ler pode ser perigoso! há fortes possibilidades de sem querer o eu perceber que não vale nada perante a grandeza da vida e nesse instante o Espírito a quem essa Alma pertence abre a pestana e repara em si, a partir desse momento não tem desculpa, nem pode voltar atrás...

Os outros dormem, Apolo pousa o livro e pensa que não pode ter a pretensão de entender a sua vida, resta-lhe andar às apalpadelas, em demanda de alguma luz sobre a abordagem a este problema, ao enigma que é a sua existência, e não são todas as vidas um enigma? viver coisas reais juntando-lhe coisas impossíveis. Admite que, embora nunca tivesse coragem de o revelar a ninguém, não ter memórias era bastante agradável, sentia que a maioria dos problemas nos outros podiam atribuir-se às recordações, a problemas do passado, Ela por exemplo era nitidamente uma mulher com problemas de afecto, talvez uma infância com pouco carinho fosse a causa de hoje ser uma mulher relativamente fria, ainda não tinha demonstrado qualquer tipo de amor em relação a si, uma carícia no mínimo ou um beijo na face, o único sinal de que havia entre eles algo mais que amizade foi quando o montou na cama em Londres e atingiu o clímax como se estivesse a montar um garrano, e isso não é amor pensou Apolo. O tumulto de passos e gritos abafados no corredor trouxe-o à realidade, algo se passava e não era de certeza nada de agradável, o mal presente-se muito antes de se revelar, a porta do quarto abriu-se de rompante, Ela deu um grito e agarrou-se ao lençol que a cobria, Tony caiu do beliche, Apolo levantou-se de um salto e bateu com a testa na armação de ferro... Policia, ninguém se mexe!

Enquanto o inspector à paisana consulta os documentos de identificação dos três suspeitos sabe-se lá de quê, dois agentes revistam o quarto, Apolo sente o galo na testa a crescer e faz esforço para manter a calma, necessária em situações de conflito e em que as posições no terreno são desiguais, mas perante o silêncio insistente das autoridades ali presentes não se contém, os senhores não podem fazer isto, o inspector levanta por instantes os olhos do passaporte do Tony como se não mais que isso merecesse o comentário daquele personagem duvidoso, não podem chegar assim e revistarem quem quiserem, no mínimo precisam de um mandato. Um dos agentes aproxima-se do superior e diz, nada, está limpo. Ela está em estado de choque sentada na cama envolta no lençol, não era justo chamar-lhe gorda, era de facto firme e forte, volumosa talvez se pudesse dizer mas não tinha pneus nem carne em excesso, estava em harmonia consigo própria, talvez o pescoço fosse um bocadinho grosso, já Tony é o oposto, pele e osso, as pernitais parecem alicates, esfrega os joelhos magoados com a queda, os seus movimentos parecem tiques nervosos. Suponho que os seus companheiros não falem português dirige-se o inspector a Apolo, não falam não senhor responde ele antes que Ela se desmascare, então diga-lhes para não saírem da pensão enquanto o senhor nos acompanha, vista-se diz agressivamente um dos agentes enquanto o inspector devolve os documentos a Ela.

A pé para a esquadra, a meio da fila indiana daqueles que são considerados o lixo da humanidade, Apolo olha para cima e

observa nas janelas e varandas dos prédios perfilados em ambos os lados da rua estreita, figuras distintas na raça e cor que o observam com alguma piedade misturada no sentimento de revolta, de vez em quando soltam-se no ar insultos anónimos dirigidos aos carrascos, a multidão sempre está do lado dos mais fracos pensa Apolo tendo presente a memória do calvário, por momentos julga sentir o que Jesus sentiu e sorri perante a imagem de se ver a si próprio crucificado na Praça da Figueira.

Porque é que a memória da sua vida está oculta? é o que Apolo se pergunta, e será que ela existe no mais fundo de si, ou apagou-se definitivamente? e precisa ele dessa memória, para quê? para se conhecer a si mesmo precisa de saber quem foi ou basta-lhe saber quem é no preciso momento em que pensa nisso, muitas dúvidas assaltam-no enquanto espera pelo interrogatório sentado na sala de espera da esquadra, um travesti com a maquilhagem borrada pede-lhe um cigarro, não tem e mesmo que tivesse ali não se podia fumar, o ar cheira a suor misturado com perfume barato, a porta do gabinete em frente abre-se, um homem é atirado para o corredor com violência e cai no colo de Apolo, tem o nariz ensanguentado e os olhos cor de sangue, o guarda encorpado que estava com ele lá dentro dá-lhe um pontapé nas costas e diz pira-te preto do caralho, Apolo repara nos olhos raiados do policia apontados para si, você, lá para dentro... assim que entra na sala de tortura decide que não vai abrir a boca sob pretexto nenhum «o silêncio é a melhor arma de defesa do torturado»

surgiu-lhe como uma consciência histórica do sofrimento. O carrasco com uma lista telefónica na mão pergunta-lhe como se chama, Apolo não responde e mantém os olhos baixos, na verdade não sabe bem o que responder, temos aqui um atrevidote diz o guarda para o inspetor que está encostado a um dos cantos da sala a limpar as unhas com um palito, sente uma dor aguda no alto da cabeça e cai da cadeira, afinal as páginas amarelas era para isso que serviam, agredir sem deixar marcas, leva uma biqueirada na barriga e não se lembra de mais nada.

Desperta deitado na maca no corredor das urgências do hospital de São José, as enfermeiras que passam não lhe ligam nenhuma, Apolo deixa-se ficar a olhar para o teto desconjuntado, a calha de lâmpadas fluorescentes emite silvos de mau contacto, uma auxiliar debruça-se ficando com a cara demasiado perto da dele, então está melhorzinho pergunta, estou fuck do estômago responde Apolo e ela ri-se. À saída depois de ter sido despachado pelo médico colombiano que o observou, com uma receita por aviar na mão, o corpo habitua-se lentamente à dor aguda alojada no estômago, repara que no televisor da sala de espera o primeiro ministro com ar empertigado insiste na ideia que Portugal é um país moderno. Apolo não podia fazer considerações sobre os outros, os poucos que conhecia, não possuía matéria de análise suficiente, não fazia ideia porque é que havia homens tão brutos como os da esquadra, ou o que provocava aquela sede de violência, no entanto apesar da sua existência ser tão curta

já tinha percebido que a condição humana era muito mais complexa do que à primeira vista parecia, e algo que o deixava perplexo era o facto de não conseguir aplicar o conhecimento que tinha dos livros à realidade, ver as pessoas como personagens de uma história, que era a vida, mas também para ser honesto consigo próprio teria de admitir a existência de certos conhecimentos adquiridos com a leitura, por exemplo o amor e o ódio não serem sentimentos estranhos entre si, complementam-se, são degraus infinitos de uma escada que tanto sobe como desce, e não leva a lado nenhum, o objeto do pensamento dificilmente é expresso em palavras, daí a necessidade das metáforas. Acha graça às suas próprias considerações enquanto regressa à pensão, a luz de Lisboa é tão diferente da de Londres, agrada-lhe aquele céu azul mas também gosta do nevoeiro de Inglaterra, as coisas completam-se com o oposto, um pensamento perigoso enraizado na condição humana herdado da natureza mas pervertido, lembra-se de uma frase sem origem determinada «no fundo o que todos os seres vivos principalmente fazem é comerem-se uns aos outros» lembra-se d'Ela e a erecção dormente insiste, faz uma bolinha de papel com a receita e tenta acertar no caixote do lixo agarrado ao candeeiro da rua, falha «mas tenho alma, o princípio supremo do mundo» cita em voz alta enquanto sobe a Almirante Reis «a alma pertence a uma expressão que se amplia a si mesma».

Os seus companheiros foram-se embora e deixaram isto para você disse o dono da pensão entregando-lhe um embrulho em

papel de jornal, Apolo surpreendido pergunta, mas foram-se assim, não disseram para onde iam? o homem cofia o bigode pidesco e diz num tom que lança no ar a dúvida, talvez a hipótese de ganhar algum suborno mesmo não sabendo nada de concreto mas somente algo que lhe saísse na hora e satisfizesse o forçado subornador, se disseram eu não me lembro.

Apolo lembra-se praticamente de tudo o que leu, e daquilo que gostaria de ainda vir a ler, não se lembra é de nenhum acontecimento em que se visse a fazê-lo, não se lembra de ter lido algum dia um livro fosse onde fosse, se na cama, na biblioteca, no jardim ou num átrio de igreja como aquele onde descansa agora, faz-lhe confusão ser a primeira vez que tem a sensação física de um livro na mão «uma ideia que custa a entrar mas depois é digerida com enorme prazer». Olha para o livro que escreveu e anda a ler, que Ela & Tony lhe deixaram num simbolismo talvez oculto na primeira página do jornal feito papel de embrulho «Roberto Carlos faz setenta anos» não deve ser isto. Será possível, deixarem-me assim, fugirem de mim? Apolo inclina-se com tal profundidade que uma tremura percorre o corpo, descansa a cabeça nas mãos pousadas no colo e combate o desespero com ironia, será assim tão terrível conhecer um deus Tuga... o riso primeiro pulsa no estômago, depois lateja no peito e por fim explode em gargalhadas. O riso abre a porta às oscilações da opinião, a indiferença instala-se. Na fome revelam-se os sintomas de uma droga, uma qualquer reação química opera-se no interior, desloca-se no corpo,

oferece-lhe a dormência, os pensamentos seguem os mesmos caminhos que seguiam antes, mas rodeados de visões, pequenas alucinações como flores que compõem o ramallete, perde a vontade de pensar em coisas práticas, observar as coisas na sua forma infinitamente vulgar, a fome dá um sentido superior à vida, talvez porque através dela a vida extingue-se. Apolo seguia os passos que ordenavam, olhava à volta e eles eram o centro de tudo, às vezes parecia que dançavam ou tinham vontade disso, pôs-se à escuta, como se essa outra presença contrariasse o que sentia, mas nada, nenhum som, olhou para as mãos que cúmplices dos pés não lhe obedeciam, abraçaram-no, ali no meio da rua, sentiu uma enorme paz, e então reconheceu uma voz que lhe disse agora tens de rezar. Com uma certa angústia no coração, olhou para trás, para os acontecimentos que passaram, e pareceu-lhe tudo um pouco surpreendente na sua inutilidade, o que é que eu estou a fazer aqui, pensou. Desprovido da memória dos factos achava-se num estranho cenário onde nada era real, as coisas eram nomeadas mas não existiam, e o mais difícil era aceitar essa inexistência, sem o apoio do amor e da beleza. Para Apolo mesmo que não quisesse dominava-o a indiferença, daquele que consegue sempre o que quer, do que vê em tudo o que existe obra sua, e desanima, aquilo que criou é uma provocação a si próprio, o que acontece vem inferido de sintomas, de uma vida que desconhece, mas é a sua, não será assim com toda a gente? diz Apolo a entrar na igreja dos Anjos. Diz Deus como alguém gosta por vezes de chamar um amigo,

mas com sentimento de posse falso porque ele não tem amigos, diz Deus como o charlatão que só o chama quando lhe convém. Tudo o que sabe é um tecido de enigmas que aludem a uma insondável natureza divina, essa trama de enigmas é a aparência de Deus, manifestações sensíveis que são vestígios do oculto, o próprio mundo que o rodeia é um enigma, não passa de um tecido ilusório, toda a multidão é um enigma que tece a unidade, o Deus que está por trás «todos nós somos pequenos deuses cercados de poderes que temos e não gozamos» abre o livro pela marca deixada, o train-tiket de Londres, antes de começar a ler olha para o altar e no seu olhar reconhece-se uma súplica indefinida.

“EXPERIÊNCIA COM O TEMPO”

Sensações estranhas

o comportamento dos humanos

a absurda organização da vida, sentimentos frágeis

...andsoonsoonandsoon...

tudo falso, torcido?

Imagine-se Dedicou a vida à procura do erro

A que conclusões chegou esse pretense atleta do pensamento?

questiona-se

Que fluxo de estados de consciência não jorram dessa mente de profeta do Quinto Evangelho? em cuja face se encontra sorriso de Alquimista.

Na mão aberta a Luz Divina de sal reflector.

Sente o rosto iluminado, olhos tristes, húmidos.

Espírito do vinho a deitar álcool destilado

pelo sitio por onde vê Noites em que a lua se solta e caí do Céu

Pirilampos lá de cima - dádivas de luz.

É capaz de seleccionar infalivelmente os dados e edificar um discurso assim houvesse alguém que quisesse ouvir... Como os primitivos homens sentados à volta da fogueira acesa, ardem ervas alucinógenas libertando fumo pela boca da caverna. Senhor do pensamento, dono do vocabulário e da totalidade da experiência.

iluminado!

No cérebro todos os pensamentos
se encontram nos seus lugares.

Seria feliz se a felicidade pudesse justificar a existência.

Corpo cansado das caminhadas

Alma impassível, olha as tábuas lisas, aguarda a inscrição de novos valores.

Todo o saber deixou de ser inútil.

No olhar tem um verniz transparente que cores factos e pensamentos não alteram.

Palavra como:

Som

Lugar

Conceito

Percorre as seis dimensões do espaço, espalha a sua força.

Gosto na tolice

Riqueza de ser pobre

Posição interior

Atitude moral

O que realmente conta:

"Eu quero a vitória sobre mim próprio"

Aquele que vê sem inveja a felicidade nos outros.

Nessas noites sem luar sente-se só:

Apesar de tudo falta alguém que nunca me visita

De manhã a luz do sol mistura-se caprichosamente com os lumes artificiais, tempo de voltar mais uma vez à vulgaridade universal, a tecnologia que gradualmente toma conta de tudo para se vingar em surdina da forma como sempre foi tratada.

Dantes assustava-o:

-a pressa dos humanos

-a inquestionável ausência de finalidade

Tejo - buraco vazio à noite, Lisboa suspensa no nada

Ponte Salazar

Toda a obra humana edificada no sacrifício de explorados

A história onde não encontro nada que dignifique realmente o ser humano.

- a dor na alma que os químicos deixaram de aliviar

acidente na ponte!

...a mão que toca o morto há muito que perdera a tendência para o luto fazendo acordar a indiferença nos homens...

...INEM ...tinoni...tinoni...

BASTA!

amor non celantur, a beleza irradiante das mulheres deslumbra, inebria o cérebro, a prudência não o pode abandonar, por vezes gosta de se escapulir deixando-o a chafurdar num rio imundo. Apartamento vazio, prédio degradado sempre imponente, memória do Estado-Novo, o porteiro de charuto e chapéu de abas nas orelhas há muito que deixara de esgravatar. Duche de água fria que percorre a gorgolejar os canos enferrujados:

- Lá está o travão estridente do autocarro, suave paragem no tempo.

Sente-se leve sem a barba que o escondia demasiado, os músculos respondem oleadamente, as mãos do pai, o cabelo cinza, dão conta da passagem do tempo, a aproximação da morte... o sabor a reбуçado do champô do LidL.

Clarim supremo de estranhos gritos fundos silêncios cruzados por anjos e por mundos. Palavras roubadas a Lisboa à qual volta não sabe bem porquê, cresce, diminui, projecta-se no arco da rua Augusta para encontrar o tejo maltratado. Pendurado no vinte-e-8 sente o vento apimentado. O rosto sorri. Sé, miradouro Nossa Senhora da Graça... maré de lembranças. Se

for à feira da ladra chora de emoção, mesmo assim contida não gosta de se descentrar. Por vezes parece que não aguenta tanta beleza junta. Palma da mão aberta, espelha a cidade, absorve energia dos locais. Penha-de-França com traseiras para Istambul. Inspira a saudade perdida no ar que o aproxima do mundo. Os jornais chamam no impulso da chegada, tudo na mesma: um não sentido roubar às palavras a sua verdade. Existência terrena região de exílio lugar de Paracelso, testemunha de atrocidades, luxúria dos nossos adultérios, incestos, das paixões, doenças e injúrias. Todos assassinos, cada um a tentar matar a solidão do outro, para cúmulo do erro erguemos o triunfo dos agravos convertemo-lo em sede do crime.

Pensar que o sol já foi Luz Divina: aquele-que-tudo-vê! antes da descrença o maior de todos os males.

Olha o castelo memória de um poema atravessado no passado distante, para onde quer que dirija o olhar maravilha sempre a admirável curvatura da Abóboda Celeste, a harmonia das esferas, a sua música divina vibra nos ferros do elevador de Santa Justa. Entra na igreja sem tecto (mifami). Assaltam-no imagens do passado, por mais que esforce por controlar o pensamento, milhões de ideias atravessam-se umas nas outras, explosões de imagens sem nexos.

Num instante nada faz sentido nessa auto-flagelação mental, a Alma tem fome dos falsos valores e palavras ilusórias, a dependência do crime: "o leão do espírito não se resigna nem é

respeitoso”.

Eu e mim inúteis tentativas de desmascarar o não mascarado Deus que lhe contraria a racionalidade, inferida de sintomas vem-se, a fim de escapar ao pessimismo consequente do exercício honesto e severo da razão. Regresso arrependido, os olhos inundam-se de lágrimas perante a vergonha do que vê.

Exorta o espírito poeticamente impressionado que há em si, uma ânsia que fala a ela própria a linguagem do amor, amante interior a alma é o canto de um amoroso que o impede de estar sozinho no seio das trevas mais cerradas. Encontrasse o novo Ser e reconhecia-o sem nunca ter visto essa presença transcendente, seria uma prometedora revelação que traria alguma paz: não! cabe-lhe o papel pessimista na não-história que não deixa de fulminar pela sua excepcionalidade. Procura o enredo na sequência de acontecimentos de que perdeu o fio condutor, reconstrói: evitar o bricolage metafísico.

Se o sublime se fartasse da sua sublimidade, fizesse o que decidira fazer dar um fim à humanidade, um je ne sais quoi fá-lo hesitar, fardo demasiado pesado para transportar.

A má consciência passeia-se pelos telhados do quarteirão, gosta dos arrepios que dá a vertigem, o factor risco, necessidade que conforta, um final esmagador no sentido literal a queda pronto: I am Man and I am falling, na descida a janela aberta da sala aspira-o para o interior, absorve toda a acção, colunas fortes de baquelite suportam o vazio, no soalho, senhor do território, destacam-se efeitos na madeira mais clara, um

estranho verniz rejeita a poeira empurra-a para os cantos, os reflexos do néon da pensão, estranho ar de festa no salão demasiado grande para particular, o único objecto inerte encosta-se à parede seduzindo a tomada em angústia. (riscar o curioso funcionário da funerária que liga a tv enquanto aguarda a certidão de óbito do meu suicídio, o maldito faz o que o insujeito quer não pode fugir ao destino traçado pelo inominável estranho).

Começa a absorver a dimensão da coisa:

um novo ser
possuído
sem o eu.

he is nothing in himself.

Se é dono do conhecimento resta-lhe a suprema missão: libertar-se de si, aniquilando todo o singular, substituindo-o pela nova dimensão o eu plural. Aquilo que parece claro no pensamento, soa a falso quando tenta verbalizar uma tão vasta sequência de raciocínio, tem pensado tanto, corre o risco da mente se emaranhar: Tempo de agir, comer sabe bem resolve o problema. A ordem numérica no teclado, palavra mágica, a máquina cospe dinheiro em obediência: serpente de fogo que alimenta o conhecimento puro, presa das garras sufocantes dos poderes materialistas, ironiza, as notas transpiram a mão, uma sensação desagradável formiga o corpo, o poder que tanto temeu alimenta mais uma vez.

Receia ver os filhos, as crianças fazem sentido na inglória procura de uma finalidade, justificam a existência física. A noite

manchada pela nostalgia, com um pânico de memória. Serão mais felizes sem a sua presença: agora não dá !.

Atravessa o bairro de sombras com energias esquisitas: tudo na mesma, submundos, provas da confrangedora realidade. Ritos de passagem em todos os jardins e cidades, de partida em todas as portas, o racional faz cruzamento de dados em erro do sistema com resultados infectados, e julga profeta que concilia amor pelo ser humano e desprezo pela humanidade - flash - soa a demência.

Tocam os sinos.

Não fosse a vida uma viagem de regresso ao lugar mágico que concilia corpo e alma...

Repõe energias:

descanso do guerreiro!

Acorda com o habitual sabor amargo, resíduo dos dias perdidos, o caos entra pela janela, vidro partido [hipotipose] fila perdida de máquinas motores sobreaquecidos, o sol procura a custo o colchão no meio da sala, o tecto sente falta do lustre que se desenha para si na baforada do primeiro cigarro, com saudade da aparelhagem com cabos de ouro e o amplificador Naim tem remorsos por pensar assim, ouve avé maria em acústica celestial: o tapa-buraco gosta de mim...

Não há nada que possa dizer que defina a pressão que trazia na alma, nada era normal, o normal faz-se quando se apanha o hábito do anormal: um quarto de hora antes de renascer ainda estarei vivo.

Esfrega-se na parede, coça as intimidades, o tédio é menos insuportável que a angústia: vale a pena viver! parece que deixou de cair agora é caído e portanto cá está nesta marmelada, nesse mal encontra o seu bem. A preocupação está em si jaz lado a lado com uma certa fé. (como é que és como és?) o pássaro foge da gaiola porque é como é, os pensamentos fogem de si e são o que são, a rosa sem porquê floresce porque floresce

“die rose ist ohne warum; sie blühet weil sie blühet.”

Alma pertencente, espírito, corpo, peixes, jesus, quanto mais longe dos homens tanto melhor, absorve o fluído etéreo proveniente dos astros que altera todas as coisas sublunares. Na presença dos outros sente-se fora de si (na idade sob o domínio do esplendor o efebo poupado ao imaginário dilúvio) não se pronuncia fora da arca, não arrisca o perigo de perversão [corrosão], um dia ainda estaria onde não queria com o corpo a servir de alma que a idade não perdoa.

Ao nascer a Alma luminosa desce a escadaria das sete esferas até à terra, às vezes gira no abismo outras ocupa o centro, outras ainda estende-se alongada no espaço imenso, vai acima, vai abaixo, recua, avança, para a direita, para a esquerda (um elefante branco de seis dentes não é um animal estranho) mesmo no centro do firmamento deixa esvoaçar os seus cabelos, tortuosa com inocência: mente sempre! utilizando a razão pilota um barco à deriva: I have been here before, elegíaca, chora-se muito, Deus a perdoe, deixa-se iludir pelo sentimento devastador e fulgurante de existir. A barbárie é

assim; os desejos privados alimentam-se a maior parte das vezes à custa dos outros, o amor deixa de vir da carne mas da ideia, tornando-se patético, angústia antes de alguma coisa demasiado substantiva: angst vor etwas. Nascimento | milagre absurdo (diz a bic cristal de escrita fina).

E então, pouco antes do meio-dia, com nuvens a tapar o sol, repentinamente percebe que está tudo bem, vale a pena pensar. Já tinha vivido constantemente atrasado, desviando-se frequentemente do caminho certo, acrescentando uma hora, pedindo emprestado minutos, regateando mais alguns segundos, mesmo sem lhe tocar o tempo apoderava-se de toda a sua energia. Numa época conturbada e confusa viveu noutra realidade, em episódios fugazes, mal-entendidos não esclarecidos, distrações improdutivas (a pensar em Hofmannsthal).

Acorda uma manhã apaixonado por Deus! sente o sol suspenso pronto a comunicar, o amor torna-se ideia generosa cantante, afinal sempre há recompensa na disciplina que impôs a si mesmo, passou a ser olhado pelos anjos e disso ser responsável, nada vale como o seu amor passivo. A lugares elevados por veredas apertadas só se ascende à glória e à virtude vencendo grandes obstáculos: ad augusta per angusta.

Olha atento para não deixar cair palavras enquanto a vê a comer a sopa, mais que possui-la e ou tê-la, quer escrever - q u e r o t e r t e - dar espaço à palavra para lá do que está escrito na terra onde tem corpo, as pestanas fazem ruído quando pisca os olhos, levanta-se, senta outra vez, tamborila

os dedos finos no tampo do balcão, ela provavelmente nem o viu com aquela grossura de lentes, a camisa de folhos parte-o todo, só mesmo no Galeto e «atrás da sebe mal aparada viu johana deslumbrada um homem demasiado alto para ser normal que passava do lado de cá».

Olha para o céu vê cirros, nuvens leves a que chamam vulgarmente carneirinhos. Finalmente sabe-se realmente louco, não ser louco era ser louco numa outra espécie de loucura que desgastava. A dúvida que pairava sobre a validade da razão encontra-se doravante afastada, tira do bolso o cianómetro e regista o pantone da densidade do azul celeste na Cova-do-Vapor.

Plantariam árvores à beira tejo se tivessem alguma importância os milhares de estorninhos que sobrevoam o Cais-do-Sodré ao fim da tarde sem terem onde pousar, o cacilheiro aproxima-se do terminal, pés correm para a saída acalcanhovelam-se no soalho sempre húmido, semi-salgado, ânsia de chegar cada um ao seu não lugar. Como personagem mantém a calma numa irrelevância que acompanha um qualquer herói no regresso a casa, a ideia precedida de todas aquelas de que depende acompanham-no, a adição do estranhamento à beleza no que o rodeia faz todo o sentido, é uma boa forma de sobrevivência e não é pecado, a não participação, (escravo sem grilhetas) fantasma igual aos verdadeiros que distingue entre a multidão apressada, enquanto procura o narrador envergonhado em admitir até onde pode levar a história que não consegue discernir. Não fosse a fé que o sustenta, o deixar ir, a luxúria

espiritual, e há muito tinha deixado de escrever: atrás do quiosque o matrimónio do sossego com o entendimento traz alegrias a que o homem deve aspirar. A magia bate à porta e diz que não cede entrada às fraquezas vulgares mas ele olha para a peida da alma que acaba de ultrapassar, ri-se por ceder a pequenos pecados que o põem bem disposto, gosto de caminhar nas ruas com almas a transbordar. Nos bares bebe macieira com gelo, pergunta por Barleycorn, ninguém sabe de quem está a falar, é normal haver loucos por ali a deambular. Sobe a rua Alecrim, descansa nos degraus de um dos palácios de Jesus no Chiado, reconhece que talvez ainda não esteja de uma maneira completa para que se sinta realmente seguro em qualquer lugar, condena a vontade quando não afirma só o que o entendimento percebe com evidência, ironiza demasiado o valor da razão, enfim! sente-se criado a la diable.

Janta com alguns espíritos amigos na sopa dos pobres, os Anjos degradaram-se ultimamente, em silêncio observam a solidão, o sofrimento, a esquizofrenia, os habituais carochos, em todos se revela uma certa paz na sua chamada triste condição, deixaram de reparar em algo arrojaram-se ao todo: por acaso o João da Cruz também cá está com um belíssimo roupão turco roubado no Corte Inglés. Enfim família a canja está na mesa e hoje tem letrinhas.

Nalguns momentos passa-se com pormenores que nada faria crer que atravessassem da indiferença para o juízo louco, na esquina do antigo Condes um carro demasiado caro parado no vermelho, encostado à passadeira que o protege: isto é uma

vergonha! berra repetidamente para o condutor trancado no Ferrari, ansioso pelo verde que o autoriza a sair daquela loucura inesperada, da atenção alterada que suscita a sua ostentação na ralé que se acumula no semáforo, graças a deus não tem a capota aberta, a sua vontade era passar aquele bêbado a ferro - vrrumm - não morre atropelado por centímetros. Recupera a lucidez no meio da estrada, uma manada tresmalhada dos restauradores aproxima-se perigosamente, nada a fazer, a necessidade de provar o perigo é orgânica, chega calmamente ao passeio a pensar se a loucura não o estará a ultrapassar?.

Regresso a casa, sobe a Avenida, descansa junto à palmeira com a marca dos tiros na implantação da república, diz-se que os russos aprenderam a fazer arroz de pato e comeram os cisnes, Adamastor hoje em dia aponta o tridente em vão, a cascata não emite som: amanhã a ver se me lembras de tomar duche na fonte luminosa, diz para Jesus que mesmo que não se veja está caminhando a seu lado, cambaleia pela calçada, cai redondo num vão de escada no Marquês. Acorda com as buzínadelas da alvorada.

Deixa-se ir enlevado pela mão que domina e produz palavras simples, desenhadas no papel, cada uma símbolo de si própria, do que sente, quando escreve seja o que for; as sombras rasgadas dos automóveis, a calçada meio-fanada, as árvores sem verde clorofila asfixiam numa bondade sem limite reconhecível. De a símbolo de ar a z número atómico constitui-se o mundo em ordem desordeira sujeita a tudo até ser nada.

Irrita-se com o livro pousado no chão, teima não permanecer aberto, por volta das seis e meia, excitado, debruça-se na janela e reconhece o aroma que antecede a jovem florista com Émile Zola pelo braço, chegam, levantam os olhos, trocam olhares, por vezes esboçam um sorriso cúmplice de homens perante a luz imanente daquela jovem trabalhadora das mais delicadas: I love thee with an everlasting love.

O resto do dia verborreia-se todo no papel, anota «tablete rajá comacompão da infância» depois mais nada.

Acorda ante a enormidade do pecado finalmente vê luz, então cai de joelhos e confessa-se a Deus porque lhe apetece. Dantes o seu amor era sentir falta de todos quanto amava. O maior dos pleonasmos não descreveria o que realmente significava a ausência dos seus amores terrenos, antes de ter vestido a estringe flutuante, cuja vermelhidão da aurora tingia cor de sangue as religiões a que nenhuma pertence «all tongues and prayers belong to me but i belong to none of them». Será o cavaleiro da fé de Agamemnon na encruzilhada do desejo e dever, o Superhomem de Z, o eco a sombra de Borges, o soldado que dormiu no leito de Cleópatra, o Eurico da Hermengarda, sei lá... a vaidade enfraquece: vanitas vanitum est vanitas. Longe de querer ser, o que preocupa é como é que se pode não ser.

Livros acumulados nas extremidades da secretária, braços pousados, mãos acariciam inexplicavelmente o telemóvel que aguenta estoicamente a invasão das letras que o cercam. Na esquerda «A minha morte» por baixo a agenda [calendário]

relação na qual ainda não reparou Emile Zola «Horto aberto» por abrir o pensamento do exterior «Klaus Klump» em cima de «Alquimia e Misticismo» grosso a valer, ao lado «São João da Cruz» sente-se um pouco esquecido tem saudade do «Livro das Comunidades» que deve andar algures pela casa, na terceira fila «Eurico o Presbítero» cobre o «Fogo e as cinzas» de Manuel da Fonseca entalados sem nenhuma intenção aparente «Os bichos» do Torga «Vermelho» da Mafalda «Labirinto da Saudade» do Lourenço planam sobre o «Jogo de nuvens» de Goethe. Na penumbra «Os religiosos princípios da realidade natural» São Tomás de Aquino e Meister Eckhart em cima do «Diccionario Inglez-Portuguez - por p. Júlio Albino Ferreira edição do autor revista pela exímia Professora de Phonetica na Universidade de Londres, Miss E.E.Quick, sob a direcção do eminente phonetista Daniel Jones, e pelo Distincto Professor da Universidade de Coimbra, Mr. John Opie». «Discurso do Método» logo à esquerda do «Cânone Ocidental» que projecta sombra no «Dicionário da Língua Portuguesa» em equilíbrio instável, no «Cântico à Humanidade» Hofmannsthal versus amigo dos livros e o papagaio verde do Sena sentem-se encantados pelo sentido de humor notável. Actimel & Unisedil encurralados encostam-se ao copo de vinho, escutam «fantasia em d menor» que paira no ar...

A visão do ser natural tropeça na modernidade, o perfeito lazer advém da devassidão perfeita «le ciel dans une chambre» tímida riqueza de quem não tem nada, anda de vela acesa em plena luz do sol. Flauta entra sem pudor o seu vibrar percorre-

lhe os sentidos, eriçam-se os pêlos, ao fundo ouve-se o mar, a nostalgia resvala pela intensidade no precipício da melancolia onde não gosta de cair. É assim a vida em cujo diálogo soube ter o privilégio de lhe caber a última palavra, concedeu a si próprio tempo para viver com o pretexto de que se esqueceu de alguma coisa, anywhere, percorre a inquietude sem matéria fingindo ser alguém, mas foi na solidão sem mariquices que ouviu acordes de música divina, quando do seu nome se esqueceu, esse anônimo, responde mão que domina demônio e anjo, a certa altura não podia fingir que não via e foi ver, tuum est videre.

Triângulo sagrado das cores, o amarelo é bondade, é perdão, tolerância, compaixão, entendimento, relaciona-se a sabedoria, o vértice do amor vermelho de entrega e partilha, enamora-se da vida, azul é humildade, simplicidade, renúncia ao supérfluo, às honras do eu discreto, vigilante. Cores que misturam sentimentos sempre que olha e vê complementares. Sem porquê recorda os passos seguros de Nelson Mandela no dia da libertação. É isso, o passado deixa de ser lembrança passa a ser memória do caminho: é tão triste ter razão.

Partiram todos, os móveis, amigos, estranhos, fantasmas, o piano saiu pela varanda, deixou na casa alguns acordes desafinados que se perderam no zumbido de contentamento do silêncio, tantos pregos nas paredes, quantas imagens que esqueceu, familiares que não eram seus. No sítio do sofá senta-se, levanta-se, vai ao ar, agacha à escala da infância, recebe imagens sem sentido. Sentado no cadeirão ao canto

abre livros pela última vez antes de os dar. Com sorriso nos lábios acompanha Dolores à porta que a atravessa sem se virar, gostava de a ver deslizar no corredor quando saía do duche matinal. Acaricia as paredes, encosta o peito, deixa cair o corpo, apesar de tudo alguém gosta de si com clara evidência, renasce, veste a gabardina, sai para jantar.

Aprecia sobretudo música, o pensar, e as matemáticas, por causa da exactidão e da evidência, as equações aproximam-no de Deus naquilo que têm de transcendente, a relação fortíssima que mantém com esses três elementos fundamenta-se na sua não-relação, porque para ele a matemática a música e a alma não pensadas por ordem são seres absolutos, três criações divinas, número sagrado, isto é-lhe perfeitamente claro, fundem-se sem qualquer relação original entre elas. Questiona a filosofia, o pensamento, quem criou a nota si, o número três: «a matemática existe, Deus existe» já lhe tinha ocorrido, a música e a matemática para as quais não encontra outras palavras pela sua perfeição são a afirmação da existência de Deus, a alma na imperfeição a sua negação. Deus plural, diabo singular: valha-nos isso, e suspira o corpo de alívio.

Não pode confessar aquilo em que acredita, quebrar-se-ia irremediavelmente o feitiço, além disso não tem a certeza se a passagem do testemunho não será vontade de se afirmar em vez de sincero altruísmo. O segredo [milagre] que fazer? por mais que procure metáforas menos se faz entender, a revelação custar-lhe-ia a vida, doenças, sofrimento, embora isso seja normal, o que amofina mesmo é o estranho

pressentimento que as tais palavras que consomem a existência ao serem escritas seriam profanas numa prateleira qualquer encostadas a outras confissões muito mais importantes que se acotovelam no altar do esquecimento: porra.

Gostaria de fazer algo específico que soubesse fazer bem, [o] dominasse o mais possível, justificasse estar vivo sempre, usa e abusa da linguagem, embora tenha adoptado o silêncio, o pensamento continua a falar alto e demais, reflexo do que pensa, espelho traiçoeiro: um fingidor. Somos todos. Alto aí! diz a exceção, cuidadinho com o plural. Ria-se, como é que alguém assim pode fazer algo sério? quanto muito não passa de um semi.

Às vezes chora a ouvir seixos remexidos pelas ondas num determinado local, recorda uma mãe distante, a ausência dos outros, o ridículo nó na garganta da música no coração. Procura o vazio impossível entre cada pensamento até perder a paciência e decidir fazer algo com as mãos, espelha as palmas que percorrem autónomas o espaço que as rodeia, ouve-se Bach a entrar com o barulho do mar, braços abertos afastam as paredes manchadas, ouve o som, deixa-se ir, faz isso numa das salas vazias do apartamento e tásse bem.

Procura o silêncio só para saber se ainda lá está, se por acaso não viu o tal vazio, queria dar-lhe um abraço. Agora mora com a alegria mais imortal que a violência e a dor juntas, demasiado tempo, tudo foi como um sonho: boa noite! os deuses do alto batem palmas, o corpo emprestado ao

pensamento acompanha a aventura do repouso a ler, eis que a poesia em prosa adquire um novo significado, as frases não cortadas no seu sentido libertam-se da pontuação sem maiúsculas homéricas, o texto solta-se fluído abre-se em todas as direcções aceita a independência moral livra-se de preconceitos, hölderlin o caminhante em prosa «solitário olhava as desérticas planícies africanas lá ao longe do olimpo chovia fogo torrencialmente quase tão pouco suavemente como outrora quando aqui a montanha foi formada fendida pelo deus em altura e profundidade mas sobre ela não jorra verdejante nenhum bosque que encha o ar de som abundante e magnifico a frente da montanha não está coroada quase desconhece ribeiros inquietos a fonte raramente alcança o vale ao meio-dia não há rebanho que passe pelas águas da nascente não há telhado acolhedor que nos aguarde por entre árvores sob o arbusto pousava um pássaro grave mudo mas quais caminhantes passavam apressadas as cegonhas aí não te pedi água ó natureza no deserto é o piedoso camelo que fielmente ma guarda pedi-te o canto dos bosques ai os jardins do pai que a ave passando evocava na saudade da pátria mas tu disseste-me também aqui se encontram os deuses imperam grande é a sua medida mas o homem gostava de medir a palmo a voz impelia-me a procurar algo diferente cheguei navegando ao longínquo pólo norte a vida estava tolhida dormia em silencioso invólucro de neve o sono férreo esperava o dia já há longos anos porque o braço do olimpo não cingia a terra aqui como o braço de pigmalião envolvera a amada não lhe

tocava o peito com o olhar do sol nem lhe falava amigavelmente através da chuva do orvalho de tudo isso admirado perguntei irreflectidamente ó mãe terra será que assim viúva sempre perdes tempo não gerar cuidar com amor do filho na velhice nele não se rever é a morte mas talvez te venhas a aquecer aos raios do céu o seu hálito aprazível te arranque do mísero sono como uma semente romperás a casca de bronze o mundo assim liberto expande-se saúda a luz todas as forças em unísono deflagram em primavera copiosa as rosas ficam incandescentes o vinho espumeja no norte escasso foi isso o que disse agora regresso ao reno à terra natal ternamente como outrora sinto o sopro das brisas da juventude as árvores abertas amigas que outrora me embalaram nos seus braços sossegam o coração e o sagrado verde sinal da ditosa profunda vida do mundo refresca e devolve-me a juventude entretanto envelheci o gélido pólo empalideceu-me no fogo do sul perdi os anéis do cabelo mas ainda que chegado ao seu ultimo dia de vida mortal alguém vindo de longe exausto até ao fundo da alma tornasse a ver esta terra as cores voltar-lhe-iam à face e o seu olhar quase extinto voltaria a brilhar ditoso vale do reno não há colina sem vinhedos muros jardins coroam-se de parras os barcos que navegam vão carregados da bebida sagrada cidades ilhas estão ébrios de vinhos e de frutas mas sorridente sério repousa em cima o velho taunus que livre inclina a sua frente coroada de carvalhos»

O sonho sai à rua encontra o vizinho do lado que pela primeira vez não rejeita o olhar, motores libertam aroma, mecânico

roseiral ondula na mudança do sinal, as pessoas beijam-se antes de atravessar, com alguma pressa: o pingo doce está a dar? procura em vão portas fechadas, todos vêm ver o que se está a passar, com surpresa descobrem que em tudo já não há mal, foi-se, os olhos estão meigos: quem havia de dizer, o mundo está a mudar. Batem levemente com receio de o acordar, será o porteiro será gente não é certamente e o porteiro deixou de andar de andar em andar, o alter ego disse que um dia vinha visitar, não atende, o sono deixa-se embalar pelo besouro que insiste no besourar, adormecido profundamente.

Uma taça de vinho tinto com gasosa e fica bêbado: Graal inebriante da alma, sangue fresco pelo canal, sente a aura, estranho aroma da peixeira da bica ao lado, roça no balcão volumoso corpo com avental: dá tesão, adora sardinhas depois repousava nas suas mamas: não é impossível, outro penalti, bom dia!

Ladrão de palavra[s], das mais diversas origens, carregadas de significado, às vezes a letra roubada a um pensamento faz todo o sentido, um escritor esquecido ressuscita numa preposição, o verbo transitivo bem escolhido muda a humanidade, do texto claro. Quando lê o que alguns escrevem maravilha a riqueza subliminar que se revela para além do reconhecível, que lindo, há frases que são como certas linhas, o flash no snif, pensa e pronto. Afoito a malabarismos procura «a simples essência que tem o poder sobre todas as coisas» embora o mais provável é ser procurado diz o livro, a mão de Deus se a tivesse, não

fossem as coisas divinas de outra ordem «Weltschmerz» tristeza pela incapacidade do mundo corresponder às expectativas próprias, adora certas palavras estrangeiras que o pensar adopta com exactidão amorosa.

Poderá alguém satisfeito procurar mais satisfação a não ser a do belo perder tempo? a vida parece tão bela aqui como em qualquer outro lugar, exerce sobre ela a atracção do comprometido, não sente necessidade de fugir, não pontua sem querer, não é tão fraco como se julga tão pouco esperançado como se imagina, uma coisa é certa: se fosse sério não escrevia.

Veio trazer a sua paz ao mundo que a [não] recebe da forma que entender, tem um universo de ideias para oferecer não quer dizê-las todas já: temos tempo, calado, olha a folha amarelada, receia a sua virgindade, a nódoa, fim da imaculada reputação: comme une image - pupilas grandes espantadas com a cena, procuram a beleza pelos cantos, no limite da realidade que se impõe no corpo franzino demais para além de tudo. Um sentimento novo, puro, a lágrima antes da partida ama sem correspondência. Aquele estranho sal nos olhos desfoca o papel amanteigado onde escreve:

«Noite estrelada de Jerusalém, descalço, passadas pensativas. A lua entristece-me a figura, olhos baixos, todos os pensamentos do mundo sentidos nas pupilas dilatadas, corpo decididamente magro, cansaço visível na forma como me pendem os braços, [só] na terra dos homens sinto-me de ânimo amoroso misericordioso cheio de alegria, impassível irradio-me

em todas as direcções, para cima, para baixo, reconheço-me em toda a parte, em todas as coisas, atravesso com os meus raios o mundo inteiro com ânimo inalterável, amplo, profundo, ilimitado purificado de toda a raiva e rancor. Um lençol branco estende-se nas lajes que vou pisar, ultimas manhãs agradavelmente mágicas, a luz que ilumina as casas, a presença de Deus em tudo, de Betânia a Jerusalém designo o destino do mundo, humildemente sorrio a quem me beija o olhar, atinjo na profundidade a beleza de cada ser, ou não me chame 'dgi:zes»

Fez tudo para ficar por isso não fica: não basta mudar tudo alguma coisa para que tudo fique na mesma, que tipo de herdeiro seria, que herança deixaria? também não quer viver na estética subterrânea, será paladino que concebe propósitos novos, oxalá não lhe faltem as forças: tudo est étonnant disso não tem a menor dúvida. É condição quando se fala de solidão tê-la como única companhia, senão tá desfasado, um pé no céu outro no inferno, pernas abertas reclamam união: é duro ficar sem ... de vez em quando parece que falta um pedaço de ... com sorte ainda te encontro no olhar das crianças, pirouettes e estou de volta ao aconchego contigo de novo para mim, és a estrela mais linda conceição...

Não sabe se não vale a pena voar para outro lugar, longe de **si**, para perto de quem o deixou no mundo onde predomina a indiferença e o ressentimento, a sua ausência nunca se iria reparar. Um dia quis ser homem agora não quer mais, de tudo se esquece e num instante tudo recorda, anseia sentir mais

alguma coisa para **lá** de... acaricia com as pontas dos dedos a cruz que range embora seja de plástico. Consegue ver através da luz a morte, não encontra justificação para a existência, mete **dó** - mein beister - em marcha à **ré** olha agora o **sol** fogo **fátuo**: ri-se de **mim**.

Agora sou um pássaro, pequenino, não tão amaricado como o rouxinol tão pouco galante comó canário. Um pardal-de-telhado, Miranda pardal aqui contigo. Sou um pássaro que gosta de andar por aí, salvo seja o que sobra nas asas falta nas pernitás. Não lembro o passado, não conheço pais, se calhar batem asas para os lados do Barreiro, sei lá. Acordo na orelha do Santo Condestável, a rede de protecção só serve para pombos, protege-me dos mal-amados que corroem a pedra, os sinos calados deixaram de badalar para não incomodar os vizinhos, vejo os velhos que dão pão, adoram-nos, algumas crianças também não fosse o fascínio de matar que trazem consigo até gostaria de me aproximar. Aterrámos longe deles, uma migalhita e segue o Miranda, na Estrela vamos picar, toma atenção a confusão está instalada demasiadas espécies no mesmo local até canoras fugidas das gaiolas onde algumas no fundo gostavam de estar, na esplanada procura os que estão a ler, não faças nada para manter as aparências exteriores, faz tudo para o interior e as necessidades indispensáveis, nem uma migalhinha de donuts, é a crise. Rodopiamos na vertical direitos ao céu vou mostrar-te uma coisa, sentes o fresquinho vai aumentar, não me perguntes porquê, nós os pássaros não precisamos de explicar tudo, desculpa a limitação, fixa o azul e

a nuvem que se está a aproximar, aí vem ela, sente, envolve-nos o voar, no nada cantarolamos «I am a bird now» aguenta agora o flashar, fecha os olhos abre as asas deixa de as bater caímos para trás - yes - na vertigem alucinante entre céu e mar a Trafaria de pernas para o ar, deixa encostar a cabecita no teu dedo adoro cair contigo a meu lado, juro, nunca senti nada parecido nesta vida apardalada, é fantástico estarmos aqui, bom, agora vou andando, gostei de voar contigo, aproximam-se as ondas do tejo espero que saibas nadar.

Não é sua intenção perder ou ganhar seja o que for, o receio e a esperança anulam-se mutuamente, perdem-se numa sombria insensibilidade. Não censures de para ele o mais vulgar acontecimento ter o seu quê de vida celeste, sem expectativas. Pensa que toda a palavra pronunciada suscita a contradição e o desejo desperta o seu contrário. Aquele que escreve longamente sem elogiar o seu leitor causa desagrado, revela desinteresse por vezes rude pelo seu semelhante, o nosso diálogo por não o ser poderá parecer egoísmo, embora confesse fosse soberbo encontrar resposta naquilo que entretêm a imensa solidão: *fica!* não há nada mais triste que ver alguém alegrar-se por partir mais cedo: um suspiro involuntário escapa-se-me do coração.

A sua mãe-ausente morreu, nunca a senti tão perto como agora, sente o seu cheiro na roupa, o odor acaricia-lhe a testa devolve a criança que esqueceu em si, que fazer quando a pessoa amada não corresponde às expectativas? é difícil nascer por um amor errado ou na falta dele. Hoje é outono na

primeira primavera órfão, agora vai jantar com os loucos que intermitentemente tem visto florir.

Anda preocupado com certos amigos, um chora eternamente a morte do filho único, a dor persegue-o, reflecte-se no desmazelo a que vota tudo, desinteressou-se pela humanidade com uma ausência que se viesse doutro confundia-se com vingança. Outro sempre concedeu pequenos desejos, se tem fome não pode esperar uma cesta de fruta mas prontamente lhe oferecerá uma maçã, anda angustiado, confundiram tudo, como é que é possível haver a menor sombra de dúvida em relação ao seu envolvimento nas mortes em seu nome, estão loucos? onde é que alguma vez se ouviu falar de um verdadeiro deus da morte, alguns parentes afastados de cruzamentos estranhos reclamam a divindade do mal, coitados, como se para se ser, querer bastasse, chega a ser ridículo não fosse a dor e o sofrimento de alguém que é ninguém e de quem no fundo é dos que mais gosta: não se faz isto a um gajo, de vez em quando murmura. Há ainda o que raramente aparece, passa ao largo, acena, com aquele sorriso que anima qualquer um, para ser franco não se consegue imaginar o que lhe passa na cabeça.

Às vezes perdem o sentido cósmico da vida, tudo se reduz ao lugar à rotina, esquecem a noite e o dia, o mundo lá fora, repara nisso e leva-os a sair. Cheiram as mulheres (as deusas não saem de noite) agrada-lhes o odor de todos os homens, sobretudo os característicos do universo que se agita, transpira e sofre, também gostam do bom perfume, que se revela no

poder ou atrás dele, demasiada intensidade, cheiram todos os pormenores. Gostam de dançar, o primeiro agita-se numa energia cheia de ritmo e plana entre a multidão num êxtase surpreendente, o segundo de riso escancarado salta entre os espaços vazios de braços abertos, eleva-se entre corpos de dançarinos anónimos que atribuem tamanho prazer às drogas que tomaram, o terceiro passeia-se entre as colunas observa o Vibe, as cores, os movimentos, detém-se em pormenores, um relógio, um brinco, os peitos abençoados das raparigas, a sua sombra vagueia na pista acompanhando os movimentos do projector laranja. Sente-se que gostam da vida com rara consciência, o um com o sétimo vodka na mão confessa a amizade por um determinado tuga que sabia que «a essência do génio é a inadaptação ao ambiente»: dificilmente em alma lusa alguém chegará mais longe, ironiza com certo cansaço, o outro disse que ia mijar ao primeiro andar mas não volta, o que falta encosta a careca ao balcão completamente mocado. A noite chega ao fim já é manhã, não dá para descrever o flash a sair do Lux.

Diário-de-bordo - Dois passageiros sentados, nas cadeiras de lona no convés se for um barco, metálicas no terminal , banco de madeira no jardim, encontro ocasional ou não observam em silêncio...

...Inventam:

-É de toda a importância o que se olha quando se pensa

-Ou existe apenas o lugar-comum?

-Le moment où je parle est déjà loin de moi

- Quando a palavra pronunciada é memória fresca como uma alface lavada nem sempre nos é servida temperada
- Precisa-se de tempo para digerir o que se olha enquanto se pensa
- As imagens fundidas com sentimentos
- Encontrar então a tal palavra, som inferido de sintomas, as tais imagens, a tal fusão com o que se pensa
- De que divindade indecifrável somos nós homens um espelho quebrado?
- Essa está bem pensada, respondo com: o homem que galgou o muro tinha um muro que galgar se não desse conta do muro não galgaria coisíssima nenhuma
- E o espelho quebrado são sete calpas de azar, tenho impressão que sabemos quem somos sem termos sido formalmente apresentados
- São as tais palavras pronunciadas que reflectem o que olhámos
- Se alguém nos ouvisse ia julgar-nos loucos
- Infelizmente estamos irremediavelmente sós, repare na indiferença daquele pardal

Apolo a olhar para a última página lida e pensa assustado, este gajo é completamente louco, o que o assusta é que este gajo é ele, foi ele quem escreveu o texto. Ele acha, depois do que leu, que esta curta estadia é uma regressão, os eus anteriores reconhecidos na leitura do livro dir-se-ia que estavam um pouco mais avançados no entendimento, as múltiplas dúvidas, ou a inevitável presença da dúvida em tudo, eram sinais do conhecimento, e a determinação em atingir o nível de consciência seguinte, vencer as privações com fé, eram sem dúvida bênçãos divinas. Para Apolo no entanto o que até agora tinha vivido era de uma mediocridade confrangedora, se quisesse perpetuar a sua vida com uma imagem seria a das tais «pernas abertas que reclamam união».

Quando sai da igreja já é noite, e todos os candeeiros das ruas estão apagados, o país está falido já não há dinheiro para a electricidade. Se olhasse as coisas em determinada perspectiva, aquela de quem só procura defeitos, aquilo que transforma a humanidade numa coisa mesquinha e vulgar, teria de forçosamente gravar a ferro quente na superfície da mente a frase que Kant escreveu no seu caderno para vencer o desespero em algo que o ultrapassava «proibido abandonar-se ao pânico das trevas». Apolo queria olhar noutra perspectiva,

aquela que nos transforma em seres espirituais, mesmo que a divindade esteja esquecida, adormecida no mais fundo de nós ela desperta assim que sente oportunidade em se revelar ao estranho que a procura ou ao eu que momentos antes abriu a pestana. De um carro estacionado liberta-se a seguinte melodia que chega ao passeio, onde ele caminha, em volume exagerado «you don't have to be rich to be my girl / don't have to be cool to rule my world...» Apolo não resiste à vontade do corpo e desce a avenida a dançar, de vez em quando pára e deixa cada uma das partes do seu corpo soltarem-se ao ritmo e entregarem-se à voz do Tom Jones, os faróis dos automóveis que passam são luzes psicadélicas, uma figura elegantíssima de chapéu de coco junta-se a ele na dança com um ritmo invejável e deixam-se ir com os corpos a dançar em comunhão, as pessoas que passam olham, alguns param por instantes, a vontade reprimida pela presença muito forte do ridículo impede-os de se juntarem à festa, por isso afastam-se a menearem a cabeça negativamente, e a música também até desaparecer por completo, eles param de dançar e olham-se, o homem do chapéu de coco diz olá eu sou o Beto e o seu sorriso é o mais belo que Apolo alguma vez terá visto. A vida é tão bela, às vezes quase que não aguenta tanta beleza junta, quando os sentidos e os sentimentos se encontram, juntos em comunhão, naquele momento em que se dá uma explosão interior, encontramos-nos com tudo o que há divino em nós seres humanos, nós somos deuses por instantes. Epá, eu preciso de ouvir trance diz Apolo ao novo amigo, a primeira amizade em

que ele se reconhece, no problem diz o Beto estás comigo estás com deus...

Não lhe é de todo indiferente a ideia do vagabundear, predisposto seja para o que for, open mind. Começa a chover a cântaros, Apolo e Beto correm na rua subitamente alagada por uma água barrenta, o alcatrão submerso dá um tom sinistro à corrente que transforma a estrada num rio em fúria, açoitados pelas bategas obliquas, a água escorre-lhes pelo rosto. Subitamente Beto pára e desata-se a rir, Apolo também pára um pouco mais à frente e olha para o amigo com rosto de afogado, iluminado pelo néon verde da farmácia de serviço, ali ficam a rir com as roupas encharcadas, Apolo sente uma enorme paz e uma exultação que o faz correr de novo, pulando obstáculos como um puto, vertiginoso e ágil «como um ser prodigioso movendo-se, sem limites de tempo e de espaço, possesso de um arrebatamento cálido, infinito».

Talvez por esta ser uma terra de encruzilhada de interesses obscuros não se encontra muito civilizada. No centro comercial do Martim Moniz a vida decorre ali numa cadência em que o elemento espiritual é uma conformação. Definida outrora como uma Medina, hoje não passa de uma ténue sombra com um passado muito abalado, significa agora apenas um mercado de géneros comezinhos e medíocres numa atmosfera de estagnação «tinha passado tempo em que a frequentavam os mercadores do Oriente», era no entanto o território do Beto. Subindo no elevador que transforma passado e futuro numa coisa obscura chegam à porta de um escritório «àfriká – import

e export Ida.» com a mão suspensa em posição e os anéis prontos para o toque Beto procura os olhos de Apolo e quando se encontram o tempo pára, o que Apolo percebeu daquele olhar foi que naquele momento ele lhe iria dar um enorme voto de confiança. O toc-toc do metal na madeira desperta-o e a porta abre-se, uma senhora idosa espreita, uma mãe de santo. Vó este é o Apolo diz orgulhoso o neto apresentando o mano branco, o senhor esteja à vontade responde ela com voz arrastada e regressa ao banquinho do tricô junto à janela para a rua da Mouraria. Vou fazer um chazinho diz Beto e dirige-se para a kitchnete improvisada com grades de cerveja vazias e um tampo em mármore de uma antiga credência onde repousa o fogão elétrico e o alguidar da loiça suja, Apolo senta-se no divã disfarçado com uma manta colorida e almofadas de crochet encostadas à parede a fazerem de costas de sofá, a chuva insiste e fustiga a vidraça ao ritmo do vento desordenado, de vez em quando era como se uma onda maior chocasse com o prédio e se esmagasse no vidro, Apolo adormece.

Ele e o livro perderam-se em altura indeterminada, durante a tempestade imagina, mas não se lembra de o ter deixado cair ou de o ter esquecido na igreja, o livro encharcado entretanto prevendo o desfecho inevitável do papel numa tempestade, agita-se e separa-se em páginas aos pares que partem no vento tristes por terem sido abandonadas na noite escura, Apolo grita, um grito incompreensível para si próprio, um urro que leva o desespero para bem longe de si. Tem de encontrar

uma forma de sair airoso da situação difícil em que se encontra, e mudar de vida, que é como quem diz supercalifragilisticexpialidocious, que também significa quando não há mais nada para dizer, nesse instante a Mary Poppins sobe lentamente agarrada ao chapéu de chuva e acena quando passa em frente à janela do escritório do Beto, a vó sorri e tem o mesmo sorriso do neto.

Isso é que foi dormir e ele desperta quando ouve a voz do amigo, sentado na cadeira de empresário em mau estado, aquele canto era o office propriamente dito, navega no portátil pousado em cima da secretária reformada da função pública, a tua avó? pergunta Apolo reparando na ausência da anciã, foi jantar lá abaixo, os meus primos têm um restaurante, e não tarda nada também nós lá vamos dar ao dente responde o Beto satisfeito, levanta-se e sacode as asas de grilo amarrotadas do fraque coçado, o chapéu de coco aparece por milagre na mão e desliza como um arco pelo braço até que o ligeiro impulso do ombro o projeta para a cabeça do artista, realizado, termina a performance com aquele deslumbrante sorriso, abre a gaveta tira um saquinho de veludo preto que guarda no bolso secreto da jaqueta e pergunta let's go?

Tenho o domínio quase absoluto da língua diz Apolo surpreendido consigo próprio, um dia destes tens de me contar a tua história diz Beto antes de outra garfada, sentados na esplanada do Centro nunca nada lhe soube tão bem como aquela cachupa, nem podia porque não se lembra de ter comido antes fosse o que fosse. Não tenho dinheiro nenhum

diz com o quindim a empastelar-se na boca, no problem responde o amigo, que horas são? nove e um quarto informa Apolo, esse Rolex deve valer umas massas comenta Beto a sorrir, o sócio da ourivesaria dá-te bom guito por ele, e por momentos a atenção concentra-se no televisor colocado estrategicamente de forma a que toda a esplanada assista à comunicação que faz ao mundo o presidente Obama, com regozijo mal disfarçado anuncia que acabou de mandar executar Osama Bin Laden e que a partir de agora o mundo está mais seguro. Já o Bush disse o mesmo quando mandou enforcar o Saddam diz o Beto, e quem é que nos salva da América? pergunta a Apolo e sem esperar resposta dá uma risadinha muito própria, o som sibilante atesta o facto de ter acabado de ser surpreendido pelo insólito com que a vida constantemente o presenteia.

Apolo devia tentar reconstituir a sua vida, há muitas histórias assim, de alguém que perdeu a memória e se dedica a reconstruí-la, procura nas cinzas do passado a chama e o fogo que se extinguiu, tenta reconstruir-se a partir de algo que praticamente não existe, ele dúvida dessa busca, desse reacender, mas sem a certeza que se não o tentar escolhe o melhor caminho, por muito tentador que esse caminho por ser novo seja. Recusa as origens mortais porque dúvida que aquilo que encontrar seja verdadeiro, pode simplesmente estruturar-se em algo falso, mais uma fantasia, então para quê o desgaste na procura de algo que à partida dúvida. Parece clara por instantes ser essa a mensagem do que escreveu no livro, fica claro que a

sua individualidade não existe, ele é algo de plural como a própria vida.

Depois de concretizado o negócio do relógio, mediado habilmente pelo Beto, Apolo tem um pé-de-meia razoável mesmo tendo dado metade de comissão ao intermediário, qualquer valor é satisfatório para quem não tem nada, às dez em ponto Beto liga o telemóvel e anuncia show time! de imediato as mensagens atropelam-se umas às outras, isto hoje promete diz o destinatário e Apolo ri-se sem saber na realidade do que se trata. Enquanto um escolhe uns óculos escuros no bazar chinês, o outro concentrado organiza a correspondência, analisa os conteúdos e dá respostas curtas a todas as solicitações, temos de ir diz Beto dando por terminada a tarefa, a risada sibilante aprova os óculos em massa preta de lentes amarelas e a t-shirt verde com o Bob Marley estampado a laranja que o amigo veste. Assim que saem do centro entram no taxi que os espera e Apolo estranha o facto do taxista lhes abrir a porta como se fosse um motorista particular, cerimoniosamente cumprimenta, boa noite senhor Beto. Repara que há demasiado movimento de pessoas para aquela hora, o céu está baixo e ele tem um pressentimento estranho que tem a ver com violência, vem à memória a imagem de um arco com a aljava de flechas e uma bandeira vermelha com um galo negro ao centro que baila ao vento.

Em frente ao intercomunicador do condomínio fortaleza no centro da cidade Beto pousa para a câmara como se fosse tirar um retrato, prime o botão e a porta do prédio abre-se com uma

rapidez suspeita, a ansiedade habitual para Beto mas que Apolo estranha como é hábito estranhar tudo. São recebidos com uma euforia mal disfarçada pelos donos da casa e alguns amigos, Beto lança a cada um o seu sorriso hipnotizador e anuncia apontando para Apolo este é o meu brother, vamos ao quarto diz a dona da casa agarrando a mão do salvador que com a outra faz sinal para o mano aguardar na sala de estar, Apolo percebe, apesar de ser o mais ingénuo dos homens não é parvo, que o amigo está no negócio dos estupefacientes como peixinho na água, por isso decide desfocar a sua visão amarelada ignorando os presentes e como se com isso relativizasse a sua cumplicidade no business, concentra-se na música ambiente que é de uma vulgaridade confrangedora, é mesmo irmão do Beto pergunta incrédulo o cabeça de casal com dentadura saudável demais para ser de origem, os outros olham para ele de uma forma estranha mas pode ser só impressão, Apolo responde com o sorriso amarelo que não diz nada e felizmente o amigo regressa dando por terminada a visita, vamos embora. As visitas têm de ser rápidas, reduzidas ao essencial, nota-se um certo desconforto geral... no elevador de costas para a porta os dois olham-se ao espelho, tu és o guarda costas perfeito comenta Beto, nada melhor que ter um segurança com ar de psicopata, fuck you responde Apolo com afeto e pergunta logo de seguida quem eram estes? não os conheceste? interroga o amigo admirado, Apolo responde com a expressão que significa não faço ideia, são todos atores de novela, os seres mais patéticos da televisão profere Beto como

uma sentença, por isso é que olhavam daquela maneira, para perceberem se eu os estava a reconhecer.

O trânsito é caótico, os sinais intermitentes no laranja reafirmam o perigo que se move de noite, passam carros de bombeiros e ambulâncias, cruzam-se chamadas de urgência, viaturas militares paradas em algumas esquinas estratégicas, os ânimos estão agitados, as coisas estão a ficar fora de controle diz o motorista do táxi e no rádio anunciam que Moscavide está a ferro e fogo. O lixo amontoa-se no lugar onde estiveram os contentores, recolhidos entretanto para evitar servirem de barricadas ou alguém pegar-lhes fogo...

Apolo alberga em si os sentimentos de vários homens, não se pode definir como um homem forte nem como um fraco, não se pode dizer que sabe o que quer, sobre seja que matéria de reflexão que lhe assalte o pensamento. Sobre si próprio é incapaz de formular uma opinião, algo que consolide um sentimento de amor, ódio ou compaixão. É várias pessoas ao mesmo tempo, não conseguindo nunca fixar-se numa opinião, procura sempre várias possibilidades para qualquer questão e não se fixa em nenhuma, porque todas lhe parecem prováveis, ou não raras vezes nada daquilo faz sentido, que fazer então? por enquanto deixa-se ir aos sabor dos acontecimentos, o acaso domina a existência, e receia que seja assim para sempre. Olha-se ao espelho e embora não veja a imagem de um jovem também não se pode dizer que seja velho, por enquanto o que se vê no espelho é um homem de meia-idade que não se lembra de ter sido novo e muito menos, por ser

inverosímil, se recorda de si mais velho, merda, afinal quem sou eu? pergunta enquanto mete a pila para dentro na casa de banho de mais um cliente do Beto para os lados do Largo do Rato, a cosmografia da polis é sempre a mesma, o centro da cidade habitam-na os privilegiados, na periferia junto à costa estão instalados os estrangeiros, nas zonas suburbanas moram os bárbaros e os selvagens. Acha incrível a quantidade de merdas que as pessoas usam na higiene pessoal, ele é cremes anti-envelhecimento, pastas de dentes branqueadoras e anti-tártaro, uma lavagem de manhã outra de noite e o listerine pelo meio desinfeta a boca, soro fisiológico para lentes de contacto, água-de-rosas para lavar a face, perfumes de verão e de inverno que se distinguem no adocicado da fragrância, quanto mais doce pior o tempo, compensa-se o frio no corpo com o odor das flores da estação quente, falsifica-se o aroma do verão, e também se estratifica as classes sociais, quanto mais intenso maior a denúncia na origem rasca, mas esta consciência só têm as camadas dirigentes, os operários como sempre mantêm-se fiéis ao Old Spice faça o tempo que fizer para o homem que sabe o que quer, chegar a casa tomar duche e vestir o fato-de-treino.

Sentia um vazio na cabeça como se vislumbrasse qualquer coisa de que deveria recordar-se, mas de que não se recordava, como algo que pertencesse a recordações alheias era a expressão adequada, naquele momento teve a sensação de ser um outro que se estava observando a partir de fora, alguém o observava e tinha a sensação de não saber quem

era mas já tinha visto em qualquer lado.

Apolo por vezes observava as coisas como um deus exilado na Terra, onde os homens tinham substituído os grandes ideais pelas cruzadas individuais, cada um tenta construir o seu pequeno império com as mesmas táticas de sempre, o sacrifício dos outros e uma determinação imparável que não olha a meios. Formaram-se assim mini-castas reconhecíveis nos nomes de família, os Azevedos, os Soares, os Almeida, os Salgados e os Melos, não deixando de haver alguma confusão própria da modernidade na profusão dos bastardos, sendo possível o contínuo do banco ter o mesmo apelido do chairman não havendo no entanto qualquer relação de parentesco. Onde estão então os sinais da distinção, como identificar o Oliveira desgraçado do Oliveira da classe dominante? procurando sinais dessa distinção não será assim tão difícil separar o trigo do joio conclui ironicamente Apolo, basta olhar para os sinais exteriores de riqueza, estar atento à linguagem, e sobretudo observar as dentaduras... os portugueses têm na sua grande maioria os dentes estragados, um pormenor bastante elucidativo do seu atraso e disfuncionalidade para quem vem de fora. Menos inocentemente do que se possa pensar nunca ninguém se lembrou de incluir o dentista no sistema de saúde, criando assim o principal sinal distintivo da diferença social, uma tristeza desabafa Apolo, com outras raças e etnias residentes a história é outra, nalgumas o sistema ainda é feudal, o caso do Beto por exemplo, filho de soba com um negócio rentável no estrangeiro.

A matéria prima pura chega por correio diplomático, depois é sujeita a um processo minucioso de mistura de componentes adicionais de forma a conseguir o dobro da quantidade no produto final, os agentes acrescentados devem realçar os efeitos secundários e atestar o grau de pureza, um diurético solvente à venda na farmácia sem necessidade de receita médica dá a volta ao estômago, sal em pó para a esperada dormência nos lábios, por fim medem-se as doses na balança de ourives e embalam-se em saquinhos brancos (os pretos estão associados à heroína) de uma e duas gramas que são selados com um isqueiro aquecendo a ponta fundindo o plástico, e como o marketing está em todo lado a marca neste caso chama-se “white widow” e é sinónimo de qualidade. É fundamental um pouco de coca para soltar a língua explica Beto a Apolo, é maravilhosa para infundir confiança nos deprimidos, levantar o espírito, torná-los activos e optimistas, é remédio santo enquanto o efeito dura, depois ou se aguenta a ressaca ou se compra mais, que é o que acontece na maior parte dos casos, por isso é que há tantos agarrados. Apesar da atividade ser duvidosa não deixa de haver uma certa moralidade, Beto rejeita dealar as drogas muito pesadas, à heroína, katamina e ácidos chama-lhes “morte lenta”, embora em relação ao crack, ou base como os tugas lhe chamam, a tentação é grande e leva-o a quebrar esse compromisso de honra mesmo sabendo que a cocaína fumada é das drogas mais potentes e viciantes.

Por volta das duas da manhã dão por terminada a noite de

trabalho a comer um brioche no Galeto, ruptura de stock, desliga-se o telemóvel e a noite é completamente diferente. Primeira paragem na casa de fumo da tia Niquinha. Este é o Apolo apresenta-o Beto à anfitriã que responde numa voz pausada pelo efeito do crack, até os deuses me visitam, sorri e deixa descair a cabeça adormecendo por instantes. A sala parece um armazém de velharias, televisores antigos empilhados a um canto, sacos de roupa usada distribuídos aleatoriamente no espaço, duas máquinas de lavar uma em cima da outra encostam-se ao frigorífico enferrujado, o íman da coca cola segura o folheto com o número da telepizza em destaque, bibelôs candeeiros apagados e muita tralha usada como moeda de troca encosta-se às paredes dando espaço à clareira central demarcada pelo tapete de linóleo onde descansam alguns mocados apoiados em almofadas de vários feitios e tamanhos, o sofá de três lugares em veludo verde escuro é o centro dos acontecimentos. O ar impregnado da mistura de odores, do amoníaco, da coca e de suor do cavalo. Niquinha sentada no lugar do meio com uma secretária em frente a si prepara o cozinhado e distribui as doses pré-pagas pelas garrafas de plástico já armadilhadas e alinhadas por ordem de chegada no tampo da secretária, quando eles chegaram estava-se na fase do raspar as páginas amarelas, o ritual era muitas vezes interrompido pela chegada de mais clientes e pelos intermitentes sonhos da Niquinha. Tia viemos dar um bafinho, pode ser? atira Beto para o ar sabendo que não viria resposta, a rapariga de olhar esgaziado esparramada

no sofá levanta-se para dar lugar ao recém chegado que o cede a Apolo. Senta-te usamos a garrafa dela diz ele autoritariamente reafirmando assim a sua importância naquela casa, e tomando conta das operações puxa do banquinho por baixo da secretária, perante o sorriso complacente do segurança, um gigante sentado na outra extrema do sofá e onde a Niquinha apoia a cabeça e ressona, ou custa-lhe a respirar. Apolo enche a barriga e os pulmões no primeiro bafo, fecha os olhos e liberta o fumo lentamente. Nem quer acreditar na moca que aquilo dá. Depois de uma tontura até ao limite do desmaio, grande expansão horizontal da sala, todos os presentes ficam matizados e cómicos, ao mesmo tempo revela-se as suas auras, o cómico não se vai buscar apenas às caras, mas também às acções, busca-se um pretexto para rir disso, há uma evidência poética em tudo principalmente nos sons, alguém disse “há muito tempo” e foi evidente a percepção de um período de muito tempo na sonoridade das duas palavras. Ao sorrir sente crescerem em si pequenas asas, falas muito longas têm a ver com a expansão horizontal, surge muito levemente, num momento de introspecção, qualquer coisa com a vontade de estilização de si próprio, do corpo, tudo acompanhado pela sensação de um grande enjoo e a de entender muito melhor as coisas. Abre-se a porta para um mundo grotesco, mas Apolo não quer entrar. Não tem vontade nenhuma de conversar, está apegado à esfera intelectual como por vezes alguns obcecados de sexo, completamente absorvido por ela. Alguém perguntou «quem me leva os meus

fantasmas», Apolo apura o ouvido e fica encantado com a melodia que se espalha de mansinho na sala, fica comovido, a angústia começa a instalar-se e Apolo diz para o amigo é tão fácil alguém perder-se, não me lembro de ter fantasmas, Beto ri-se e responde ironicamente todos temos os nossos, às vezes vêm de longe e usam óculos de lentes amarelas. Lá fora ouvem-se sirenes e algumas explosões distantes.

Apolo nos últimos momentos de uma lucidez exagerada, formulava hipóteses, era um herdeiro que se dedicou por completo à herança, tornou-se um leitor compulsivo, leu os filósofos, os teólogos, os poetas, devorou o cânone era uma expressão engraçada, e a dado momento percebeu que tinha uma enorme dívida, aquela herança salvou-o de um destino apagado, sem consciência. Tinha aprendido o que significava viver plenamente, consola o facto de as suas dúvidas serem as mesmas de sempre, as de uma humanidade que pensa, e atrás de uma vem sempre outra e isso é o que há de mais fascinante na vida. Cresceu em si a obrigação de pagar a dívida de alguma forma, e era a escrever, claro, embora não se lembrasse de ter escrito uma linha. Fez cruzamentos com tudo o que leu, ligava frases, sentidos, e até estilos, o resultado seria a visão particular de um determinado pensamento coletivo, fundamental para a existência do ser humano, se com isso acrescentasse algo de novo, por mais ínfimo que fosse, a dívida estava paga. Infelizmente pelo caminho, algures durante o processo perdeu a memória de quem era, por outro lado apossou-se de si a ideia que era o deus que a recuperou.

Vamos embora diz Beto e quando dão por isso estão a descer a Calçada do Combro, uma multidão segue-os, o silêncio quebrado por alguns sussurros, bloquearam todas as entradas da cidade, fecharam a Expo, estão a assaltar os supermercados e as bombas de gasolina, tudo dito em voz baixa e com um certo regozijo. A Assembleia da República rodeada por um cordão policial, a bandeira nacional hasteada baila ao som do hino nacional num volume despropositado, centenas de pessoas paradas olham para ela como se estivessem hipnotizadas. Alguém disse que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas, quem não tem princípios morais envolve-se geralmente numa bandeira, a identidade nacional é o último recurso dos desesperados. Não se ouvem palavras de ordem nem insultos porque pela primeira vez na história não há um inimigo, e o inimigo é o amigo dos povos, faz sempre falta alguém a quem odiar para justificar a própria miséria. Observam a cena a uma certa distância, como se tudo aquilo não lhes dissesse respeito, a tua tia está tão fraca comenta Apolo, não há nada a fazer, entregou-se à desgraça por um desgosto de amor, ela amava o Eusébio respondeu Beto... quem é o Eusébio pergunta Apolo e o amigo desmancha-se a rir. Era como se se estivesse a assistir ao fracasso de uma conspiração muito antiga «para impedir que o povo descubra por si uma qualquer nova linha de acção política, trataremos de mantê-lo distraído com várias formas de divertimentos: jogos gímnicos, passatempos, paixões de vários géneros, restaurantes, e convidá-lo-emos para competir em provas

artísticas e desportivas. Encorajaremos o amor pelo luxo desenfreado e aumentaremos os salários, mas isso não trará benefício ao operário, porque simultaneamente, aumentaremos o preço dos produtos mais necessários, com o pretexto dos maus resultados dos trabalhos agrícolas. Minaremos a base da produção, semeando os germes da anarquia entre os operários e encorajando-os ao abuso do álcool. Procuraremos dirigir a opinião pública para toda a espécie de teorias fantásticas que possam parecer progressistas e liberais» durante muito tempo parecia que estava tudo a correr como previsto... mas de repente perde-se o controle da situação, e antes que as causas sejam reconhecidas e corrigidas, instala-se o caos. O “projeto europeu” morreu à nascença diz Beto adivinhando os pensamentos do parceiro, mas eu estou é preocupado com a minha velhota.

Porque seria que ainda havia homens que não acreditavam em Deus? o simples milagre de existir é uma afirmação de Deus. A minha mãe sofreu dores de parto nove dias e nove noites sem que eu nascesse, começou assim Apolo a história caminhando à beira rio com Beto a seu lado ouvindo atentamente, diz-se que a causadora de tanto sofrimento foi a legítima esposa de meu pai, quando descobriu o romance voltou a ira para a minha mãe, impediu a parteira de ir em socorro dela, mal ela sabia que iam sair gémeos e que a minha irmã Artemis já tinha nascido antes sem assistência. Dizem que cresci muito depressa porque uma amiga da minha mãe me deu a comer ambrosia divina, seja lá isso o que for, imediatamente tornei-me

adulto e músico também, acompanhava com a lira um coro de musas, não sei se estás a ver, depressa fui corrido de casa, o meu pai era um homem muito importante, tinha uma imagem a defender, e eu não era propriamente aquilo que ele esperava de um filho homem. Vagueei pela terra à procura de um lugar, quando o encontrei pedi dinheiro emprestado e comprei, um autêntico Templo na encosta de um monte, o sítio ideal onde guardar as minhas tralhas, que eu nunca fui de assentar arraiais por muito tempo no mesmo lugar. E onde é que fica essa casa pergunta Beto enquanto esperam que o sinal fique verde para os peões. Epá isso não me perguntes que eu não te sei responder já foi à tanto tempo responde Apolo dando a mão ao amigo para atravessarem o Cais do Sodré. E ainda te dás com o tua irmã gémea? interessado em ouvir o resto da história até chegarem ao Terreiro do Paço. Nunca mais a vi, a minha irmã é uma mulher de excessos, da embriaguez, da orgia, das emoções descontroladas, da transgressão, uma apaixonada pelos mistérios ocultos, a última vez que falei ao telefone com ela andava a pintar a macaca nas noites de Telavive, mas já me disseram que agora é fadista em Atenas. Saturado de coca dava corpo às sombras produzidas pelos seus delírios, reinventando a história, sabia-lhe bem vestir a pele do imortal Apolo «regulador do céu e preservador da ordem do mundo, mantendo o sol sempre no seu curso, fazendo disso o símbolo do caminho da sabedoria, com a pontaria infalível das suas flechas de luz ilumina o intelecto humano, tem o dom da profecia» por muitas asneiras que tivesse feito sentia-se um

digno intermediário entre os deuses do universo e o mundo dos mortais, a sua missão era a de elevar as almas humanas. Não sabia era exactamente como cumpri-la, há muito que se tinham esquecido dele, com a ascensão do cristianismo os deuses pagãos caíram no esquecimento, mas o que os padres nunca admitiram foi que Jesus era Apolo «o Cristo ressurreto tornou-se assim o novo Apolo, um homem-deus triunfante na sua ressurreição». Sendo uma personagem ambígua em muitos aspectos era um fraco e uma das suas maiores fraquezas era a sua relação amorosa com os mortais, a mesma fraqueza que o consumiu no passado, consome-o agora também. Arrepia-se todo quando se lembra de uma profecia «na sequência das idades do mundo a última será regida por Apolo» a última será esta? lembra-se também de ter olhado para o relógio da esquina, aquele que em tempos marcava a hora oficial, e eram seis e um quarto, o dia nasce de repente com uma cor arroxeadada e algo muda na estrutura do seu pensamento quando o amigo pergunta:

- Quando é que é a festa? [daqui ao fim da linha é o silêncio]

- Amanhã à noite!

- E como se chama?

- «Thargelia Trance Festival»

- Ajudas-me a levar a velhota à minha irmã e depois vamos juntos, o que é que achas?

- É perfeito!

E volta tudo ao normal. Se considerar o passado de Apolo como sendo seu sente-se muitas vezes injustiçado pela

história, há episódios mirabolantes como o de ter obrigado Orestes a matar a própria mãe e depois tê-lo purificado com o sangue de um porco. Não cabe na cabeça de ninguém, até Platão ficou irritado e teceu severas críticas àquela maneira de interpretação dos deuses na arte. Em várias lendas é dito que tomou amantes masculinos, uma recorrente alusão para pretensamente justificar a pedofilia nos dias de hoje, um disparate, na altura tomava-se a cargo a educação sexual de determinados jovens prestes a atingir a puberdade, na altura era o processo natural da descoberta do prazer sexual, o apoio de um mestre, lembrou-se da Arte de Amar sentados nos degraus do Cais das Colunas onde por momentos fruem a alba. A Praça do Comércio tem pouco movimento porque os cacilheiros não chegam nem partem estão em greve, pessoas cirandam sem rumo certo e curiosamente interpelam-se umas às outras, colecionam versões da situação, o tema quente do dia é a falta de pagamento dos ordenados da função pública, anunciado como a bomba que faltava para o país implodir. Não há nada que possamos fazer para resolver esta situação, somos os impotentes na concepção da humanidade, Beto fixa o olhar no rio, tem os olhos raiados de sangue, resta-nos a consolação de não termos contribuído para esta enorme conspiração, nós somos marginais não te esqueças, Apolo meneia afirmativamente a cabeça acende dois cigarros em simultâneo e passa um ao parceiro. A culpa é da linguagem, antes não havia mentira, com a linguagem começou o julgamento e a condenação das coisas nomeadas... os teus

antepassados por exemplo falavam aos estalidos, Beto solta uma gargalhada e fuck you Apolo remata o diálogo. Apesar do cenário ser inebriante a energia no ar é esquisita e os dois amigos decidem abandonar o local, atravessam o Terreiro como se não se passasse nada, mas no alto do Arco da rua Augusta Apolo vê um anjo disfarçado de estátua a disparar flechas envenenadas como se fosse um sniper, o elefante da estátua de D. José está todo cravejado, chama-se Salomão mas os anjos tomam-no por Troiano, inimigos portanto conclui Apolo. Um polícia enlouquecido saca da pistola dispara para o ar e diz impropérios sem saber que a loucura trouxe-a a flecha invisível que lhe atravessa o peito. Ainda levamos uma flechada, e aceleram o passo. Dão de caras com uma barricada policial instalada na Praça da Figueira, ouve-se um apito, sem pensar desviam para a rua da Madalena cruzam a esquina da Polux e correm como loucos. Ao pensamento de Apolo ocorre-lhe a melodia da Luz Casal «correremos por las calles / gritaremos tu y yo / que el amor es un misterio / e que importa solo a dos» o sol um enorme projetor laranja rasga com luz as fachadas. Quando chegam ao escritório já a vó está pronta à espera deles, adivinhara a partida iminente.

Os telemóveis deixaram de funcionar, felizmente Beto sabe onde mora o taxista e como é relativamente perto vai lá chamá-lo a pé, prevenido com um generoso molho de notas. Apolo e a vó sentados no sofá aguardam, ela ajeita a pulseirinha que traz no pulso direito e ao mesmo tempo chocalha a Pandora no esquerdo, uma prenda do neto aposto, todos os meses me dá

uma medalhinha desde que estamos juntos, e os inúmeros penduricalhos concordam chocalhando, levanta-se com a ajuda da mão na anca e tira de um saco com fecho o lcd portátil que pouso no chão, com a ajuda de uma previdente extensão liga-o à corrente e senta-se novamente com o comando na mão «...um homem de trinta e cinco anos, diabético, presidente do Clube de Futebol Gafetense, morreu no balneário do clube desportivo de Vila Nova de Poiares depois de ter jogado quinze minutos para testar o novo equipamento, sentiu-se mal e acabou por falecer no duche, enviámos um repórter ao local que entrará no ar daqui a instantes. Uma menina de doze anos morreu atropelada no dia em que fazia anos...» os dois olham para o ecrã numa apatia total embora o televisor dispare metáforas de um mundo a desfazer-se.

Já muitos tentaram ser Apolo a começar por Luís XIV o rei-sol, numa clara colagem ao deus da luz, da beleza, das artes e da razão, apresentava-se publicamente em bailes e festas como uma personificação da divindade solar, um Apolo abonecado com um chapéu de plumas e gestos amaricados. Como é que um gajo assim tem condições para manter uma imagem divina? pergunta à velhota a despropósito enquanto penteia a cabeleira aos caracóis, se calhar devia cortar o cabelo responde ela sem desviar a atenção do televisor.

O toque combinado para avisar que o taxi estava lá em baixo à espera por pouco não coincidiu com o desligar da máquina de rapar cabelo que a vó tinha na mão e devolvia ao necessaire vermelho, a Sansonaite chinesa. Nem de propósito diz Apolo

distraído a sacudir a cabeça rapada e os caracóis soltos nos ombro para o saco de plástico aberto em cima do tampo de mármore. Que tal? pergunta à cabeleireira reformada do salão africano em Luanda, mas a vó já tinha saído porta fora com as bagagens.

Cortaste o cabelo, isso não te tira os poderes? pergunta Beto a sorrir quando se encontram à porta do Centro e arrumam os sacos no porta bagagens do taxi, estás a fazer confusão com o Sansão, e onde está o taxista? pergunta Apolo vendo o taxi sem motorista, não quer vir, teve medo, diz que estamos à beira da guerra civil, voltou a pé para casa, aluguei-lhe o carro por um preço obscuro, espero que saibas conduzir e interroga Apolo com o olhar. Para te ser franco não me lembro de alguma vez ter conduzido responde este olhando fixamente de olhos semi-cerrados para o veículo como se com isso conseguisse reavivar a memória. A atmosfera carregada de cinzas e uma nuvem negra por cima deles, o Chiado está a arder, e os chineses que descarregam as carrinhas olham para o céu a pensarem onde diabo se vieram meter.

Apesar de Apolo ser um mito o seu oráculo de Delfos marcou a humanidade para sempre «ó homem conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo» é uma frase ainda válida nos dias de hoje e provavelmente um eterno dilema. Enquanto se dirigem para a auto-estrada do norte, com Apolo a comandar a viatura que parecia de alguma forma ter os comandos ao contrário, e guiar pela direita então era uma sensação deveras esquisita, em Londres teria carro? ouve lá, interrompe Beto os

pensamentos sentado ao lado do condutor enquanto liga o taxímetro, e em relação aos amores qual é a tua história, a vó adormecida no banco de trás esqueceu-se de pôr o cinto.

O meu primeiro amor foi por uma Ninfa, fui possuído por uma paixão intensa, parecia enfeitiçado, ela rejeitava-me mas eu não a largava, acabou por se mudar para o campo e nunca mais a vi. Fiquei de tal maneira perturbado que envolvi-me logo a seguir com a namorada de um amigo, andávamos os dois com a Quione e isso como é óbvio acabou por dar maus resultados, não fiquei com ela e perdi o camarada, disseram-me que essa rapariga morreu passado pouco tempo. Digamos que não começaste da melhor forma concluí Beto, podes cortar aí à direita vamos pela nacional a auto estrada deve estar controlada, prepara-te que a partir daqui as coisas vão aquecer, é preciso estar atento, não paramos sob pretexto nenhum ouviste, agora continua. As minhas relações amorosas foram sempre complicadas, a Marpessa trocou-me por um homem mais velho, a Cassandra era uma mentirosa, namorei Musas, Sibilas e até algumas mulheres casadas, tudo um disparate, fui feliz com a Cirene enquanto durou e já não me lembro porque é que a relação terminou, talvez tenha adormecido e acordado noutra vida. No fundo a história dos deuses não é muito diferente da dos mortais, até porque foram eles que a inventaram, por isso não vejo de que forma poderemos sair disto, desta desilusão que é a humanidade. O seu vulto é o de um deus que intervém no drama, mas que está acima dele, o braço apoiado na porta com a janela aberta, o olhar

concentrado indica uma participação activa, quer a vitória mas, como compete à sua condição divina, não intervém no combate, contudo há no seu corpo uma tensão e concentração de forças que tornam duplamente impressionante a sua calma aparente «o olhar de Apolo está cravado no Centauro que quer raptar Hipodamia, a noiva do rei dos Lapitas. Assisitimos a uma outra conquista do estilo severo: a violenta luta não se exprime através da acção e dos gestos mas pelas emoções reflectidas nos semblantes, repulsa no rosto da jovem, dor e esforço desesperado no Centauro. Um escultor arcaico não saberia, de forma alguma, combinar as figuras num grupo tão compacto e tão pleno de movimentos»

Atravessam Sacavém, a Bobadela, São João da Talha, Santa Iria de Azóia e a Póvoa em direcção a Vialonga sem problemas, não se vê viva-lma. Onde é que estão as pessoas pergunta Apolo, devem estar em casa borradas de medo, ninguém estava à espera que as coisas descarrilassem desta maneira desabafa Beto, para ti não deve ser novidade, supostamente és da Grécia que foram os primeiros a descambar, Apolo sorri enquanto o companheiro mete a cassete no leitor do rádio. Ace Ventura a bumar e os dois amigos a abanarem o capacete ao ritmo das cento e oitenta pulsações por minuto, senão quando dois gigantes mitológicos se atravessam à frente do taxi, Apolo trava a fundo e a vó sai pelo pára brisas da frente reduzindo-o a estilhaços.

Mataste a velha grita Beto.

Numa situação dita normal seria um milagre aquilo que

aconteceu, mas nada é insólito quando um deus está presente, saem do carro temendo a morte previsível da anciã, mas encontram-na aconchegada nos braços de um dos matulões que se puseram à frente do carro. Ela caiu-me no colo, diz atónito para o parceiro que tem uma pistola na mão, caiu-me no colo repete. A vó apesar de parecer inconsciente na verdade continua a dormir, não deu por nada.

Eu sou Apolo e aquele é o Beto, apresenta-se ao matulão da pistola e aponta para o taxi onde os outros protagonistas do desastre e testemunhas do milagre dão assistência à vó que entretanto desperta com ligeiros arranhões na cara e nos braços. Eu sou o Narças e aquele é o Gazua, ela caiu-lhe nos braços repete enquanto guarda a pistola atrás-das-costas, precisamos do vosso taxi indo direto ao assunto, os outros dois aproximam-se e Beto dirige a palavra ao amigo como se os outros não existissem, eles precisam do carro. Apolo entra no jogo, eu sei mas como é que chegamos a Vialonga com a velhota naquele estado, o Gazua interrompe, nós somos do Forte da Casa. Conheces o Moja, e o Naty que foi muitos anos namorado da Nicole de Alverca aproveita Beto a deixa para arrefecer os ânimos. Não tou a ver, mas fazemos o seguinte, depois da cena que se passou e por vocês serem dos nossos levamo-los a Vialonga e depois voltamos para trás, dito com o tom de quem acaba de praticar uma boa acção, a vó aproxima-se visivelmente abalada e diz baixinho vamos embora meninos!?



Saem do Morgado da Póvoa, antiga aldeia de Ereyne (iria) pelo túnel aberto na muralha defensiva com a auto-estrada por cima, Apolo lembra-se de acontecimentos do passado como se tivesse em tempos estado naquele lugar. No período romano andou por aqui um tal Julius Rufinus como representante do Império, depois foi a invasão dos bárbaros e os Visigodos instalaram-se, mais tarde vieram os árabes e tomaram conta da situação até à Idade das Trevas da qual o presente é legítimo sucessor. A explicação despropositada fez sorrir os dois gigantes sentados à frente com Narças aos comandos. Uma floresta suburbana domina a paisagem, a flora é vegetação selvagem em betão, os caminhos línguas de alcatrão esburacado, os riachos são esgoto a céu aberto onde vive uma nuvem acastanhada pela acumulação dos produtos químicos e alimentada por incêndios dispersos que libertam fios de fumo negro. Uma barricada popular aguarda-os lá ao fundo, no fim da descida para o vale. A rua chama-se Quinta da Piedade, Apolo repara que o autocarro meio destruído atravessado na estrada ostenta o brasão da cidade, o escudo vermelho com o

leão de ouro armado e linguado de azul, segura uma roda dentada símbolo da indústria, a coroa mural de cinco torres de prata e o listel branco com os dizeres “Póvoa de Santa Iria” a negro.

Organizam-se as milícias de bairro, nasce um exército em cada rua, os chefes eleitos reúnem-se e preparam o assalto a Lisboa, explica Gazua e faz o ponto da situação enquanto o taxi desliza em ponto morto rua abaixo. É uma questão de sobrevivência, precisamos de mantimentos, armas e gasolina justifica Narças a planeada investida sobre a capital, na nossa zona há muita gente para alimentar embora isso seja um grande trunfo a nosso favor, esta região é a que tem mais juventude, um exército numeroso, temos mais guerreiros que a Amadora diz Gazua orgulhoso. Quando nos encontrámos íamos a caminho de uma missão muito importante que não pode fracassar, temos de falar com o pessoal da Portela, parece que tomaram as armas do quartel, queremos pedir algumas emprestadas, mas não vai ser fácil eles estão cercados pelo exército do governo.

O chek point da entrada e saída mais discreta do Ribatejo é controlado por um bando de jovens, armados de bastões, tubos de ferro e uma caçadeira de canos serrados que empunha o líder dos sentinelas. A face não aparenta mais de dezasseis anos, mas o corpo é o de um deus africano, na pele muito escura ressaltam as palmas da mão pálidas os dentes impecáveis e o branco dos olhos, espreita desconfiado para dentro do carro e logo abre a boca grande de lábios grossos,

Apolo reconhece aquele sorriso. Finalmente tio, estávamos à tua espera diz para Beto, o que é que aconteceu à vó? os dois espões do Forte da Casa comportam-se como sendo a escolta de um dos líderes da revolta. Beto aproveita e com um incisivo sentido prático começa logo a dar ordens, desimpeçam a estrada temos pressa, a minha irmã está à nossa espera, enquanto enrola o potente charro que vai funcionar como charuto da paz e salvo-conduto. Reunidos em círculo a rodarem a broca, Jony o sobrinho faz o relatório sumário dos acontecimentos. No dia anterior tinham assaltado os hipermercados, sem resistência os seguranças e funcionários juntaram-se logo aos assaltantes e ajudaram na organização do avio de toda a gente que ocorreu assim que perceberam que o assaltos tinham resultado. Na televisão chamaram-nos terroristas e que o governo ia enviar tropas especiais de combate ao terrorismo para os territórios ocupados, os jovens guerrilheiros riem-se orgulhosos por serem notícia, o mais novo não tem ainda dez anos e faltam-lhe os dentes da frente. E quem é que comanda as operações pergunta Beto ao sobrinho, quem é que havia de ser senão a mãe, tio?

Apolo sabe que uma pessoa necessita de disciplina, de distanciamento, de clareza de pensamento e objetividade, tudo o que não há ali, naquela revolta. É doloroso profetizar a derrota mas aquela batalha está à partida perdida, aquela guerra é feita à sua imagem, a da vida à espera de concretização, a de uma juventude que nunca atinge a maturidade. Nietzsche acreditava que as figuras divinas

gloriosas apareceram aos mortais primeiro em sonhos, e que o valor dos sonhos estava em que o homem esteticamente sensível mantinha uma relação com os sonhos que era a mesma que os filósofos mantinham com a realidade da existência, para ele Apolo era o deus dos sonhos.

«No dia vinte de maio de mil quatrocentos e quarenta e nove teve lugar ali no Campo de Alfarrobeira onde actualmente está instalada a fábrica da cerveja Sagres, a batalha sangrenta onde morreu o infante D. Pedro, alguns nobres e milhares de soldados. O seu corpo permaneceu três dias no campo de batalha, as tropas inimigas não se aventuravam a mexer-lhe, dentro da armadura resplandecente, deitado no meio dos mortos, parecia levitar, à espera do terceiro dia em que a alma se eleva aos céus».

Durante alguns séculos ele foi um deus que interferia no sono dos mortais, orientava-lhes o destino, tomava posição nos conflitos gerados pela loucura dos humanos, nunca deu bom resultado, remendava de um lado rasgava-se do outro, por isso aos poucos as suas profecias acabaram por ser desacreditadas, em seu nome inventaram-se outras e fizeram-se as maiores atrocidades, quando sempre foi claro que a sua intenção era a contrária. Assim não há divindade que resista, o sol no zénite e Apolo delira de estômago vazio.

Seguem os sinais em direcção ao cemitério, Apolo de volta à condução depois dos espiões verem gorada a intenção de se apropriarem do taxi, mas com a promessa do Jony lhes arranjar uma motorizada, a vó sentada atrás desta vez tem o cinto

posto. As ruas estão desertas embora conforme se aproximem do quartel general da revolta se distingam grupos armados estrategicamente colocados em certas esquinas, Apolo acha estranho no meio dos revoltosos se encontrarem alguns policias fardados. Certos vultos curiosos espreitam das janelas como se a passagem de um taxi fosse um acontecimento extraordinário. Beto com o braço de fora agita o cachecol do Benfica que lhe deu o sobrinho, sinal que o carro pertence às tropas revoltosas. O comércio local está fechado, algumas montras com os vidros partidos e outras entaipadas com paletes, as caixas multibanco e as agências bancárias foram assaltadas, um ou outro café aberto como se nada fosse é local de encontro dos anciãos, entre um copo de três e um cálice de abafado discutem-se e inventam-se acontecimentos com a descontração de quem já não tem nada a perder, alguns falam por falar sem terem nada para dizer, dissociando a fala de qualquer pretensão de comunicação.

Pelos vistos a tua irmã é a líder da revolta rompe assim Apolo o silêncio com vontade de tirar nabos da púcara. É uma mulher do caraças diz Beto como se o dissesse para si próprio, mulher grande e sem complexos, que merece o respeito de todos, sabias que ela tem um curso superior? e continua sem esperar resposta, o tio Jonas tinha grandes planos para ela, mas foi abatido que nem um cão, cravejado de balas, morto numa emboscada, cabrões... e fica-se num silêncio magoado. Desculpa que te diga mas não percebi nada dessa história desabafa Apolo. Então deixa que te conte começando do

princípio, Beto endireita-se no assento puxa de um cigarro acende-o e começa, em Angola há muitas etnias, nós somos Ovimbundo que ocupam o planalto central, a terra dos diamantes, Sumbe Benguela Kuito e Huambo são as cidades principais, fomos os que, por várias razões, mais sofremos na época da colonização dos portugueses, separaram-nos, tiraram-nos as terras e trataram-nos como escravos até que em mil novecentos e sessenta e um, altura em que dissemos basta nos organizámos e começou a guerrilha armada, encabeçada pelo meu tio Savimbi, um guerreiro formidável, puxa de um lenço de pano guardado no bolso interior do fraque e assoa-se com enorme sonoridade. A vó era mãe dele pergunta Apollo, não ela é de outra etnia, os Bakongo. Então vó, isso vai? pergunta ele baixando a pala que protege do sol e procurando-a através do espelho para retoque de maquilhagem, mas ela não responde. Bom mas continuando e abreviando a história que estamos quase a chegar, antes do cemitério temos de virar à esquerda e dar umas voltas maradas mas eu explico-te, a urbanização chama-se Pátio do Castelo II. Depois foi a independência que veio com a revolução dos cravos aqui em Portugal, mas ainda não a tínhamos celebrado quando começou a guerra civil, principalmente entre nós e o MPLA que dominava a capital, havia outra força libertadora que era a FNLA, mas o líder acabou por desistir e abriu uma farmácia no Congo, o Holden Roberto era primo da vó, mas ela não simpatizava muito com ele não sei porquê. A vó desperta de repente e diz que o parente era um selvagem. Deixe estar vó

isso são águas passadas diz Beto para acalmar os ânimos da velha e continuar a sua exposição. Uma guerra sangrenta que durou até dois mil e dois e acabou com a morte do meu tio, ele adorava a minha irmã, pagou-lhe os estudos na Europa e tinha esperança de ela um dia vir a servir o país, mas com a derrota da Unita nunca mais regressou a Angola... e agora aqui está ela líder da revolta numa terra que nem sequer é a sua. Como é que se chama a tua irmã pergunta Apolo para reanimar o amigo que caiu na sonolência ao concluir a história. A minha irmã chama-se Tina Wilson e automaticamente descai-lhe a cabeça entrando no sono profundo.

Toda a gente tem uma família normal, aceitando que o normal se faz com o hábito do anormal pensa Apolo. Só eu vivo agarrado a um parentesco de deuses e figuras mitológicas inventadas. Começa a perceber que não se pode lutar consigo mesmo porque nesse combate só há um perdedor, será que tudo aquilo estaria mesmo a acontecer, ou não passaria de um sonho, será que não seria simplesmente mais uma história que andava a escrever, o que distingue a realidade da imaginação? Depois de muito mais voltas do que aquelas que eventualmente seriam necessárias chegam ao estacionamento do condomínio, que de castelo não tem nada, sem ter sido preciso acordar o Beto. Chegámos! e a vó sai logo do carro com a energia de quem tem de satisfazer alguma necessidade fisiológica. São escoltados por dois elementos da guarda pessoal da Tina, que Apolo picado pela curiosidade tem uma vontade enorme de conhecer, até ao elevador do prédio incharacterístico onde à

porta estavam estacionados dois carros da policia que deixaram Apolo apreensivo, Beto arrasta-se em pleno estado sonâmbulo. São recebidos no hall da entrada alcatifado a cor de rosa por um homem baixinho mas entroncado, a boina na cabeça e os óculos com lentes de fundo de garrafa lembram uma personagem da banda desenhada, a gravata vermelha sobre a camisa branca e os suspensórios que sustentam a calça de linho vincada demasiado grande para o seu tamanho compõem a imagem cómica do ajudante de campo da generala e o merceiro do bairro. Sem mais nem menos Apolo nutre grande carinho por ele. Sejam bem aparecidos já sabíamos da vossa vinda, ó Betinho estás num estado miserável e a vó como tem passado vejo que vos acompanha este ilustre desconhecido, diz de rajada com sotaque provinciano enquanto os encaminha para a cozinha, ides agora comer qualquer coisa enquanto a Tininha acaba a reunião com o chefe da policia, a vó foge para a porta entreaberta da casa de banho.

A meter o rolinho de funge na boca Apolo tem uma premonição, algo inacreditável vai acontecer, um suor frio atravessa-lhe a espinha e perde a vontade de comer, um cansaço extremo apodera-se dele ao ponto de quase desmaiar, olha para Beto como que a pedir auxílio mas o amigo dorme sentado à mesa com um quiabo na mão. A Tina vai recebê-los agora anuncia o ajudante de campo entrando na cozinha e arrebitando Apolo que acorda Beto com um safanão, levantam-se e dirigem-se para a sala onde estão várias figuras presentes. A vó entra primeiro e ouvem-se cumprimentos efusivos, a seguir é Beto e

uma exclamação de espanto feminino solta-se para o ar, ai querido estás com tão mau aspecto. Quando entra na sala a primeira coisa que vê é as costas do oficial da policia fardado, que quando se vira e encara Apolo, o altivo e garboso militar, um homem que aparenta estar na flor da idade, cinquenta anos portanto, faz-se mais pálido que um morto, Tina Wilson prevendo o insólito pergunta, conhece este rapaz?

- É meu filho!

E Apolo vencido pelo cansaço desfalece.

Desperta de repente e Tina Wilson olha para ele com ironia e malícia, mas não como a um homem, tão pouco como se reconhecesse nele um deus, há no seu olhar o fogo do desejo que só uma deusa se atreve a ter. O corpo volumoso onde sobram rolos de carne na cintura e barriga das pernas, os enormes peitos prestes a explodirem do decote elevam Apolo também a esse grau divino do prazer, o traseiro empinado como uma gigantesca melancia rachada cor de cobre hipnotiza-o, agarra-lhe o olhar, e Apolo deseja perder naquele cu a virgindade sodomítica. Adivinha que debaixo daquela aparência calma, nas entranhas, crepita uma fogueira que na altura certa se torna vulcão, transbordando lavas de prazer, e cujo epicentro da erupção vulcânica é o enorme clítoris em espasmos que emerge da densa floresta púbica. Apolo não aguenta mais, o seu falo pulsa arritmicamente, o desejo contido no esquecimento assalta-lhe a memória com imagens nítidas de orgias passadas em templos e lugares sagrados. Sem se mexer atinge o orgasmo ali mesmo, esparramado no sofá da

sala enquanto o estado-maior debruçado sobre a mesa das refeições estuda no ecrã do portátil a movimentação das tropas usando o google maps. Tina Wilson com a peida voltada para ele aperta as nádegas no exato momento em que ele se vem, confirmando com o gesto que os deuses têm uma ligação espiritual muito forte. Não era só a líder da revolta e irmã do Beto, ela é Vénus a deusa do prazer, quem disse que uma mulher gorda não pode ser bela? satisfeito consigo próprio Apolo levanta-se apalpa-lhe desavergonhadamente o traseiro e como quem não quer a coisa segreda-lhe ao ouvido, posso ir tomar um duche?

Apesar de não reconhecer naquele homem a imagem do pai, Apolo sente uma espécie de orgulho no facto daquele militar condecorado, quem sabe por ter andado a matar pretos no ultramar, tomar o partido dos revoltosos, das forças beligerantes, mesmo não sendo por amor à causa mas simplesmente para que por via do diálogo se evite uma carnificina, em que aquela gente era a vítima da matança, pensa no duche enquanto lava as partes baixas e a erecção dormente regressa. O pai foi-se embora enquanto ele esteve desmaiado, ou adormecido, não sabe bem como definir o seu estado, mas deixou o recado que regressaria mais tarde para falar consigo. Apolo começa a desconfiar das causas daquilo que lhe acontece, desconfia de que algo premeditado no pensamento provoca os acontecimentos, e ele, até agora, nunca tinha tido consciência disso, seria assim com toda a gente ou era uma característica exclusiva dos deuses?

Tina Wilson entra na casa-de-banho afasta a cortina do polibã, puxa-o por um braço e abraça-o encharcando a kaplana que se cola ao corpo roliço, beija ardentemente, o seu hálito tem o poder de um feitiço, almiscarado pensa ele sem se lembrar de alguma vez ter provado almíscar, dá-lhe a mão deixa-se levar até à cama e deita-se em cima dela. Apolo louco de desejo só tem um objectivo, o desejo primordial, diz com uma autoridade em que não se reconhece, vira-te e deixa-me montar-te. Tina com uma agilidade surpreendente assume a posição de cadela oferecendo-lhe o sumptuoso traseiro... e assim perde Apolo a virgindade tardia, como diz o ditado vale mais tarde que nunca pensa ele. Mas como em todas as coisas proibidas que se realizam o facto perde logo a importância excessiva que se lhe atribuía, e o que o preocupa, aquilo que lhe veio à ideia disse-o em voz alta logo após consumado o acto, tenho que me ir embora antes que o meu pai volte.

Sempre aparentou mais idade do que a que realmente tinha, talvez por ter crescido muito depressa, a sua infância acabou cedo, pelo menos no tempo em que a viveu onde se podia ser criança até tarde, mas nem sempre foi assim, uns séculos atrás aos treze anos houve quem comandasse exércitos, aos doze as meninas eram tomadas em casamento. Os tempos são outros, hoje aos trinta ainda se pede a semana aos pais, que no seu caso foram quem provocou o precoce crescimento, a sua disfuncionalidade obrigava-o a tomar conhecimento de coisas que não lembravam nem ao diabo mostrar a uma criança, discussões violentíssimas, insultos obscenos, agredirem-se até haver sangue, as chantagens emocionais que a mãe enlouquecida encenava, usando-o para se vingar daquele amor que se ia esfumando à sua frente. O pai acabava sempre por fugir, batia com a porta, era um covarde, não assumia a paternidade, não havia nele um pingão de instinto de protecção que é suposto um pai ter pelo filho, ou talvez por ter sido pai muito novo esse instinto ainda não se revelara. Até que se foi embora de vez, fugiu para o Ultramar e só o voltou a ver muitos anos mais tarde, num encontro ocasional, tinha ele acabado de fazer dezoito anos. Reconheceu logo a figura que

vinha direita a si no mesmo passeio, em Campo de Ourique onde vivia com o avô que tinha uma mercearia. À distância é difícil lembrar-se do que sentiu sem extrapolar emoções, o momento é muito frio, quase exclusivamente físico, arrepios, suores, e, disso lembrava-se bem, uma enorme fraqueza nas pernas, o medo de elas lhe falharem e estatelar-se na calçada aos pés do progenitor. Mas não foi o que aconteceu, aqueles passos dados até se cruzarem foram os mais difíceis da sua vida, olharam-se nos olhos e ele não o conheceu... que pai era aquele que não reconhecia o olhar do filho? foi o que mais o impressionou e ocupou por completo o pensamento enquanto continuava o seu caminho sem se virar, as lágrimas caíam dos olhos sem autorização. Apesar do desgosto sentiu também orgulho e uma enorme coragem. Tinha superado a prova, aquele acontecimento ficou marcado para sempre como o momento da passagem a adulto, como a prova que faltava, o ritual sagrado. Se algum Deus existisse tinha-o posto à prova de uma maneira bastante espartana, aquela a que só os fortes resistem «pendurou-o agarrando-o por um pé e mergulhou-o em água gelada», a sua disciplina preferida era História.

A mãe nunca superou a partida do homem que amava, aquele com quem tinha perdido a virgindade, o amor da sua vida, e fez dessa perda a razão da sua existência, arrastou-se o resto da sua curta vida nas traseiras da mercearia onde moravam com o avô. A histeria crónica diagnosticada pelo médico de família deu cabo dela, com a ajuda dos Lorenines dos Valiuns e mais não sei quantos medicamentos que tomava em doses

excessivas morreu cedo, com o estômago envenenado e os intestinos desfeitos. Ele foi crescendo como todas as crianças, aprendendo a alhear-se dos problemas que o rodeavam, entre os estudos e a ajuda que dava na mercearia os anos passavam sem dar por isso.

Aconteceu tudo no mesmo ano, o dos dezoito, o do encontro com o pai, o desse verão onde ela apareceu. A Luz (dos meus olhos) cegou-o nesse summer de fim do mundo. A cidade morta, ardida pelo calor e pela idade, o cenário de caos sempre lhe agradou tinha qualquer coisa de mágico, inspirava a liberdade, tudo colocado ao acaso ou por uma lógica de conveniência prática, os sinais de trânsito quase no meio do passeio ocupado pelos carros, os reclamos luminosos dispersos nas fachadas novas e velhas, alguns gastos pelo uso outros que se renovam constantemente. O comércio de rua naquele bairro não se podia queixar até fazerem as Amoreiras, aí começou a grande depressão, que se arrasta no tempo. Os comerciantes não abdicavam de certos privilégios com as horas contadas «informamos os estimados clientes que estamos encerrados no mês de Agosto».

O Bairro é plano, extenso e desordenado, os carros fluem lentamente pelas ruas, os elétricos guincham na esquina da Ferreira Borges com a Saraiva de Carvalho,

José Ferreira Borges nasceu no Porto a oito de junho de mil setecentos e oitenta e 6, formado em Cânones pela Universidade de Coimbra foi um dos fundadores do Sinédrio do Porto, uma associação secreta com misteriosas intenções, era

dos que acreditava no Protocolo de Sião. Exerceu vários cargos públicos e foi o pai do primeiro Código Comercial Português, dizia-se que era um homem que se fosse preciso vendia a alma ao diabo. Viveu em Londres e foi membro activo da maçonaria, morreu aos cinquenta e dois anos na sua cidade natal.

No ano seguinte em Lisboa Francisco e Jacinta Saraiva de Carvalho deram à luz Augusto Saraiva de Carvalho, um aluno brilhante que se veio a formar em Direito também na Universidade de Coimbra. Foi fundador do Clube dos Lunáticos, também conhecidos por Rotos, grupo de jovens talentosos que rejeitavam o sistema e mais tarde deram origem a um novo partido, o Partido Popular. Impulsionador do movimento social e político da Janeirinha que lhe valeu a eleição para deputado pelo círculo da Encarnação. Foi Ministro dos Negócios da Fazenda durante nove dias, o governo caiu e ele afastou-se da política activa, voltando uns anos mais tarde para ocupar a pasta das Obras Públicas até o governo cair novamente. Já doente regressou ao parlamento eleito pelo círculo da Covilhã, ainda assim assumiu a liderança da questão do caminho-de-ferro de Salamanca. Morreu em Lisboa a vinte e nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e dois e nunca se livrou da alcunha “o Roto”.

A curiosidade era a sua principal virtude, e também o seu pior defeito, os colegas achavam-no um chato, conhecia de cor e salteado a toponímia do bairro, cruzavam a esquina e lá vinha a história do personagem que dava nome à rua, o que os outros não percebiam era o apimentado dos enredos, cozinhados pela

imaginação fértil, inventava que a Maria da Fonte tinha sido amante do Teófilo Braga e namoraram precisamente no Jardim da Parada onde passava as tardes de verão com os amigos.

Numa perfeita coordenação, colocava os compinchas em posição, os graves sentados no banco, os agudos nas costas do mesmo, o Pintas e o Minorca assobiavam, o Bazílio fazia o som dos pratos e o Gordo o do tambor, ele era o maestro e vocalista do «Hino à Maria da Fonte». De braços abertos e a Bic a fazer de batuta dava o sinal de arranque, e a melodia arrancava aos soluços, subia de tom, os músicos entusiasmados entravam no ritmo, os velhos a jogar cartas sorriam, algumas pessoas paravam, outros insultavam porque nesse tempo ser monárquico era ser fascista, assim a República sempre limpava-o-capote, e a voz do tenor projetava a letra para o espaço,

«Viva a Maria da Fonte
Com as pistolas na mão
Para matar os Cabrões
Que são falsos à Nação»

virava-se para a pretensa plateia e com gestos teatrais continuava a plenos pulmões,

«É avante portugueses
É avante não temer
Pela santa liberdade
Triunfar ou perecer
...
Triunfar ou perecer»

de repente a expressão do seu rosto mudava, abria muito os olhos, como se falasse a crianças e cantasse em voz baixa,

«Viva a Maria da fonte

A cavalo e sem cair

Com as pistolas à cinta

A tocar a reunir»

e enchendo o peito de ar lá vinha o refrão, e por incrível que pareça um coro de vozes nascia dos vários cantos do jardim, ele elevava a voz e marchava parado, um dois, um dois... foi precisamente num desses momentos que viu a Luz (dos meus olhos) pela primeira vez.

Não era do bairro, tinha-se mudado há pouco tempo de certeza, senão já teria reparado nela, onde seria a casa dela? A curiosidade espicaçava-o e uns dias mais tarde, num domingo, vendo-a sentada na esplanada da Ruacaná não resistiu e foi lá dentro com a intenção de perguntar aos manos, que tinham herdado o café e foram colegas de escola se a conheciam, mas não teve coragem, ia ser gozado, eles eram dos que não perdoavam um bom pretexto para a chacota. Os dias passaram como se não tivessem passado, uns iguais aos outros, a pasmaceira de sempre, para cá e para lá a fazer entregas e recados. Leva-me esta bilha de gás ao trinta e três da Almeida e Sousa e podes ficar com a gorjeta disse o avô como se o recompensasse antecipadamente, ele era assim, daqueles para quem a intenção equivale ao acto. Aquela rua era um enigma toponímico, o apelido não tinha origem definida, ou então era uma homenagem imerecida a todos os Almeida e Sousas. O

trinta e três era conhecido como o prédio dos Almirantes, moravam lá dois, o Leonel Cardoso e outro com um nome alemão, subiu os três andares com a bilha às costas e chegou lá cima com os bofes de fora, naquele andar não morava nenhum dos militares, nem ninguém que ele até à data conhecesse, nenhum cliente habitual para ser mais concreto. Tocou à campainha ainda mal feito e sentou-se na bilha à espera que abrissem, mas quando a porta abriu deu um salto como se tivesse tido um choque elétrico, porque quem atendeu foi ela, fardada de criada com um vestido negro cintado e acima dos joelhos salientes, a golinha bordada fazia pandam com o aventalzinho imaculadamente branco, sorriu para ele e ele estupefacto não disse nada. O seu olhar era azul-fulminante e crepitava, parecia uma rapariga recatada, inibida, um pouco desenxabida até, mas aos olhos dele era a mulher mais bela que existia.

Na sua inocente consciência, aquela em que acreditava que a cada um o seu lugar, a sua condição social, que lhe negava a convivência com as raparigas burguesas do bairro, operou-se um milagre e deu-se a bênção, não havia nada mais certo do que o amor de uma criada com um merceeiro. Levou a mão ao boné da Mobil que lhe tinha dado o agente para usar em serviço, segurou por um instante com dois dedos a pála e achou logo o gesto de saudação mais ridículo que tinha feito até á data, mas a ela agradou-lhe aquele cumprimento profissional, deu-lhe confiança para pedir que ele entrasse e colocasse a bilha no sitio. Finda a tarefa voluntária da ligação

do redutor, com ar de profissional confirmou a segurança das ligações, adia a despedida, sentia na presença dela uma enorme vontade de viver, renascia para uma existência nova, o seu cheiro inebriava-o, uma mistura de sabão e leite, o odor de um sabonete conhecido, não se lembrava era da marca. Na despedida ela meteu-lhe na mão, como se lhe passasse secretamente um bilhete amoroso, uma moeda de cinquenta escudos, ele recusou e quis devolver-lha mas ela determinada disse aceite não é meu é do patrão. Deslizou escada abaixo com o vasilhame na mão e nunca uma bilha lhe pareceu tão leve, o peso da sua vida também se alterou no instante em que a viu, sentia-se outro, e uma esperança enorme em algo que não conseguia definir.

No seu quarto, um anexo construído no pátio das traseiras da mercearia, pensou pela primeira vez na possibilidade de ter uma namorada, e o que significaria isso? andar de mão dada, ir ao cinema e beijá-la durante o filme todo, apalpá-la num vão de escada, levar a mão ao seio e apertar-lhe o biquinho excitado, arriscar tudo e os seus dedos exploradores não descansarem enquanto não lhe acariciassem a pintelheira... não aguentou mais, deitado na cama agarrou o sexo duro, deu duas bombadas e veio-se logo. A mãe com voz histérica gritou no pátio, Paulo César a comida está na mesa.

Nada correu como tinha sonhado, aliás podia até afirmar que tudo tinha corrido ao contrário. Quem tomou a iniciativa foi ela, apareceu na mercearia e convidou-o para sair no domingo, os primeiros avanços também foram da sua autoria. Deslizou a

mãozita delicada desapertou-lhe a braguilha e bateu-lhe uma no cinema Império, enquanto a cowboyada cavalgava no ecrã panavision, o filme chamava-se «Ouro de Mackena» nunca mais se esqueceu disso, o Gregory Peck masturbava-se a ver a índia boazona com fio dental a tomar banho no rio Canyon.

Aquela chama ao vento, aquele fogo-fátuo que ela era transportaram-no para um mundo em que a realidade e imaginação se confundem. Tão depressa faziam marmelada num beco da Maria Pia como liam poesia deitados no divã do quarto da criada. A sua sombra deslizava nas paredes do corredor depois dos patrões se irem deitar, como um ladrão de sonhos, um amante secreto como os que havia antigamente, o Don Juan de Campo de Ourique, que na verdade nunca consumou o acto sexual, era demasiado apertada e ele nunca conseguiu penetrá-la, talvez nunca tivesse tido coragem de ir até ao fim, ignorar os gritos de dor e romper-lhe o hímen, ela como não era moça para se ficar insatisfeita dizia, com a boca, lambe-me a coisinha, Paulito.

Essa limitação pode ter sido fatal ou não, o facto é que o estado de encantamento durou pouco, mas valeu por uma vida. Num fim de tarde já de fim de verão, na praia de Carcavelos, com a brisa fresca a beijar-lhe o rosto encheu-se de coragem e falou-lhe do futuro, podiam casar assim que ele acabasse o curso comercial nas Oficinas de São José, um dia herdaria a mercearia e teriam filhos ...ela dizia foda-se como quem diz amo-te, com uma graciosidade desarmante, tu achas que é isso que quero para a minha vida, casar com um merceeiro, Paulito?

As ondas rebentaram furiosas, as entranhas revolveram-se, a areia queimava-lhe os pés, uma tontura imensa desfocou tudo o que (não) via, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos, a vida extinguiu-se à sua frente e ele não conseguiu dizer mais nada. A Luz (...) talvez percebendo que se tinha esticado disse vamos embora. E ele pela primeira vez, na plataforma da estação a ver o comboio a aproximar-se, pensou na hipótese do suicídio.

A situação ultrapassara-o completamente, arrastava-se com a indolência de um louco, perdeu a vontade naquela praia maldita, Campo de Ourique era uma ilha distante toda coberta p'lo mar como cantava o Max no rádio da mercearia.

O enamorado acha que ninguém percebe o seu estado de paixão, pensa que para os outros continua a ser o mesmo, mas não há nada mais falso, não há nada que seja mais evidente do que o comportamento de um apaixonado. Pode até ser patético, o Paulito de vez em quando ficava imenso tempo parado em frente à prateleira dos sabonetes, fixava os Rexina de narinas dilatadas e inevitavelmente chorava. O avô aparentava ser um velhote simpático, humilde, mas de uma humildade falsa, um servilismo de conveniência, na intimidade era uma besta, não deixava transparecer um pingo de bondade, e se a tinha devia estar alojada no mais fundo da sua atormentada alma. Assim que percebeu que a coisa tinha dado para o torto não se conteve em soltar o habitual palpite maldoso, metes-te com galdérias e depois estavas à espera do quê? dali nunca poderia vir um gesto de conforto, nem ao neto em sofrimento, quanto muito era bem feita com uma pontinha

de ironia. A mãe foi talvez a única que não deu por nada, para os amigos era evidente que o Paulito não era o mesmo, até os clientes notaram uma certa frieza no atendimento, agora ela não. Estava ausente, aquele mundo já não era o dela, o seu universo era o das telenovelas, que passava os dias a ver na salita contigua à mercearia, acendia os cigarros uns atrás dos outros e metia uma pastilha de duas em duas horas. E se ele até aí nunca lhe tinha dado muita importância, com o desgosto que vivia e sentia na pele, passou a vê-la de maneira diferente, estranhamente solidário com aquele luto antecipado da morte da pessoa amada, ou o luto por si própria, Paulito nunca conseguiu perceber muito bem a que penas se entregava com aquelas roupas escuras. De facto um desgosto de amor pode ser fatal. Sentou-se no sofá e encostou-se à progenitora, tirou-lhe o cigarro da mão, deu uma passa e apagou-o no cinzeiro pousado na mesinha de apoio, apoiou a cabeça no seu ombro e viram juntos a novela até ao fim.

«Eis-me exposta junto à linfa
que aqui mana deste monte.
Serei dela a clara ninfa,
serei Maria da Fonte...»

« nunca te esquecerei, Paulito »

O poema que Camillo atribuiu ao padre Seixas e a promessa do não esquecimento no bilhetinho que lhe deixou antes de fugir com o patrão, um Diplomata muito importante, comoveram-no. O escândalo rebentou, uma bomba em Campo de Ourique, e

por alguma razão obscura, envolveram-no na trama, como se no fundo ele tivesse culpas, tivesse sido cúmplice do atentado, quem fica é que paga, Paulito. Os amigos desconfiavam que ele sabia mais do que aquilo que dizia, embora na verdade não dissesse nada, os clientes evitavam o olhar, as putas das beatas cochichavam à sua passagem, o avô insultava-o por tudo e por nada, e tudo isso impregnava o ar, que Paulo respirava, de hostilidade maléfica. Defendendo-se numa dormência espiritual nunca antes sentida passou o resto do verão no quarto a ler. Livros que comprava ou o dono da livraria lhe emprestava, porque conhecia desde puto o seu interesse pela leitura.

Paulito não gostava de determinada literatura, geralmente aquela que mais se vendia, literatura dos tempos livres. Chama-lhe literatura crochet « o escritor sai do trabalho, pode ser num banco ou na redacção do jornal, chega a casa às oito, toma duche, janta, uma refeição frugal bem pensada em termos de calorias, a mulher preocupa-se com ele, trabalha demais. Levanta-se da mesa e diz agora vou escrever um bocadinho para o meu escritório. Se o formos espreitar passado algum tempo vamos encontrá-lo a tricotar com as teclas da máquina de escrever, a fazer um rendilhado de palavras. Escreve tudo o que lhe vem à cabeça, a descrição de determinado personagem levada ao extremo é aquilo que para si significa criatividade, a imaginação levada aos píncaros. A acção, o enredo é um mal necessário, por isso vai buscar inspiração aos filmes que vê na tv, e as notícias no telejornal também são

excelente material de trabalho. O que está na ordem do dia são os atentados, por isso o seu protagonista vai ter que ser um infiltrado nas organizações terroristas. Faz uma pausa na escrita para se dedicar à pesquisa, procura na Enciclopédia tudo o que diga respeito ao Médio Oriente. Passado uma hora sabe tudo o que precisa sobre aquela gente levada da breca. São duas da manhã e tem de se levantar às sete, a mulher lá adormeceu mais uma vez insatisfeita, não se pode ter tudo. Os dias repetem-se e o trabalho avança. Quando dá por isso tem nas mãos um romance de setecentas páginas, admira a própria capacidade de trabalho, em vez de um naperon tricou uma colcha para cama de casal». Paulito gosta de escritores que escrevem mantas de retalhos.

Levava-o pela mão, conduzia-o na descida, se é que era uma descida, depois entravam no café, não era um café qualquer, tinha de ser aquele, fumavam um cigarro a meias, envoltos no fumo do tabaco desejavam-se com o olhar e bebiam carioca de limão. Na rua fugia dele, de repente desatava a correr e ele, sem perceber nada, perseguia-a. Via uma igreja e entrava, escondia-se lá dentro, ele procurava-a, encavacado se na igreja estivesse gente, descansava no banco corrido, fingia que rezava um bocadinho, ajoelhava-se, escondia a cara nas mãos e contava, um dois três quatro, a missa começava, procurava-a com os olhos, espreitava por cima das cabeças dos fiéis, e ela nada. O padre no centro do altar com as mãos ao alto dizia uma prece de olhos fechados, o sussurro na bancada despertava-o, olhava para trás, e ela saindo da sacristia a

agarrar as pontinhas da saia avançava timidamente, pedia desculpa baixinho, fugia pelo corredor central e saía pela porta da esquerda, ele ao mesmo tempo escapulia-se pela da direita, encontravam-se frente a frente, ela atirava-se ao seu pescoço, e beijava, beijava.

Acordava transpirado, aquela cena inesgotável reproduzia-se nos sonhos, alterava-se, ou acabava repentinamente.

A curiosidade nunca esmoreceu, era um jovem disposto a aprender com tudo, mesmo aquilo que tivesse custos elevados. Não há nada pior que a ignorância, uma praga, um flagelo nacional, a preguiça mental alastra, ainda por cima a ignorância não precisa de fazer nada, é instantânea, calma Paulito.

Anos passaram numa amena rotina, ou não se passou nada na perspectiva de Paulito, mergulhou na leitura, banhou-se em águas tépidas, nos limbos do Pacífico, navegou por mares nunca dantes navegados com algum estudo pelo meio, cálculos contabilísticos nas pausas da Odisseia, para si ficou claro, fez-se luz (e as lágrimas vinham aos olhos) sobre o conceito do Deve e do Haver. A livraria era a sua sala de aulas preferida, vasculhava prateleiras, saltava de tema em tema, a Teologia agarrava-o, queria-o à força como discípulo, reviver uma tradição antiga, de neto de merceeiro fizeram-se muitos padres jeitosos. Mas ele de santo não tinha nada, antes pelo contrário achava-se um pecador, e por cobardia tinha deixado fugir o amor da sua vida. Ganhou uma aversão à mercearia que só lá o levava a necessidade, desviar da registadora o sustento sem o velho dar por nada. Aquele momento na praia foi marcante,

as aspirações alteraram-se, ser marçano era a condição mais desprezível da cadeia social, e puta que pariu as criadinhas de serviço. Quanto mais sobes maior a queda, Paulito, proferiu o avô quando ele lhe disse que merceeiro nunca seria.

Foi então que abriu o Alcântara Mar, e a noite, Paulito, nunca mais foi a mesma. Revolta cabeleira aos caracóis, magreza excessiva alimentada a álcool drogas e pouco mais, os RayBan de lentes amarelas para usar de noite. Demasiado grandes para a tua tromba, Paulito. Camisinha branca com decote em V, jeans Wrangler e o homem da night raramente era visto de dia.

A voz engrossou e ele arriscou o Fado, mas o Fado caído em decadência, tinha sido durante muito tempo associado ao tempo da outra senhora, a redenção ainda só dava os primeiros passos, senão ele teria sido uma referência para as gerações de fadistas vindouras, a sua voz era de bagaço servido em copo de cristal. Era uma chama que pecava por ser tardia. E o estilo Leo Ferré tinha passado de moda, a eletrónica desabrochava, como uma flor venenosa impregnada de estupefacientes, embora para alguns fosse uma espécie de salvação, ou adiamento, trocaram a heroína pelo ecstassy que embora também fosse veneno não era tão mortal. Felizmente as gerações mais velhas, mesmo por uma diferença de poucos anos, têm saudades do antigamente, nostalgia das melodias do passado. Paulo'sBand mostrava a sua arte nalguns bares fumarentos do Bairro Alto. O Gordo no órgão o Minorca à viola e Paulo César com o micro encostado à boca dizia « je pisse, j'éjacule, je pleur ...mais la Solitude». Dividiam o cachet em

partes iguais. Bute de taxi, para Alcântara se faz favor, e durante o caminho da noite faz-se dia «la nuit c'est le jour». E o Gordo empreitado, em cima da coluna a dançar em tronco nú com os seguranças a insistirem para ele descer. É loucura é loucura, Paulito, ou o Gordo na rua encostado à fachada propositadamente num estado deplorável sorri estupidamente a quem passa até se gregoriar todo, o Minorca aterrado no sofá vermelho há muito tempo, e Paulito inquieto a cirandar pelo espaço, não porque aguentasse mais, bebia era menos e odiava a figura patética dos bêbados. De todas as drogas que conheço o álcool é a mais estúpida, não achas Paulito? dizia Dj Géninho que trocava os primeiros pratos. No Alcântara tanto se podia subir ao céu como descer ao inferno, dependia de muita coisa, a energia da noite, as drogas que se tomava, ou não raras vezes era-se vítima do acaso. Havia uma mensagem latente nas saídas noturnas, “de noite nunca se conhece uma gaja de jeito”, todos os relacionamentos são efémeros, terminam quando o dia nasce. Paulito não corroborava a tese, todas as pessoas eram como ele, estavam fodidas, desidratavam até ficarem secas lá mais para o fim da vida. Era penoso urinar, o mijo não saía, os líquidos fugiam pelo suor, a pele empastelava reduzia o corpo a uma massa informe, o mau estar recusava-se a partir, era preciso aguentar, deixar o veneno fazer efeito até começar a estabilizar, sentado na retrete, a retrete da vida, acende um cigarro e deixa vir os pensamentos alucinados.

Estas Mitsubishi são uma merda, conversa consigo, Paulito em

frente ao espelho, e no reflexo por trás de si, alguém sentado na rechte onde esteve ainda há momentos, no compartimento sem porta, faz algo ao homem posicionado para mijar, nas costas da t-shirt a palavra Cocaine com o lettering da Coca-cola. De vez em quando o chavalo abre os braços ou afaga a cabeça, que Paulito imagina, tipo, da namorada. Os seus gestos de certa maneira acompanham o ritmo da música distante, às tantas o homem tem um ataque de espasmos múltiplos em câmara lenta, Paulito sorri para o espelho e ouve-se um grito arrastado, caralho sujaste-me a blusa toda.

Em certos momentos, não sabia precisar quando e porquê, achava que tudo o que vivia era de uma enorme inutilidade, e olhando em volta tudo o que via era obra do acaso. Embora não faltassem explicações para tudo o que acontecia, razões que só surgiam depois das coisas acontecerem, mas que se impunham como se sempre tivessem existido, numa lógica preconceituosa que ainda por cima soava a falsa. O desalento instalava-se, a vontade de viver esmorecia. Meu Deus o que faço da minha vida? e Deus era uma figura de circunstância, podia ser a virgem Maria ou Nossa Senhora da Conceição, qualquer figura sagrada serve ao desabafo existencial.

«Tornai-me a aparecer
entes imaginários
que me enchéis outrora
os olhos visionários»

Com a ajuda de Goethe desistiu da noite, estava determinado a reconquistar o dia, que já lhe era tão estranho, quanto tempo

teria andado perdido na desgraça, no meio de almas mortas, muito mais do que suponha pelos vistos. Tinha impressões contraditórias, quando olhava a rotina do bairro tudo lhe parecia rejuvenescido, os carros eram quase todos novos, as fachadas estavam pintadas de cores garridas, as ruas alcatroadas de novo, por outro lado as pessoas envelheciam anormalmente embora andassem mais animadas. Viva o Cavaco, finalmente temos outro Salazar dizia orgulhoso o avô aos clientes, que sorriam condescendentes. O velho está a ficar xéxé, Paulito.

Bom filho sempre a casa torna, neste caso à Livraria, que estava a morrer de desgosto, os seus amantes trocaram-na por uma jovem das Amoreiras, era agora uma papelaria, e os livros empurrados para um canto amontoavam-se em meia dúzia de estantes sobreviventes da remodelação. Tinha de ser, os tempos são outros diz-lhe o Livreiro de lágrima no olho.

Decidiu estudar algo prático que o ajudasse no sustento, tirou um dos cursos profissionais que proliferavam tipo cogumelos no meio de estrume. Estudou propostas que encaixassem na sua agenda ocupada por nada, de terça a quinta era perfeito, curaria as ressacas (frequentemente a noite ainda o chamava) no Instituto de Formação Profissional e ainda ganharia o generoso subsídio.

O Projeto Final do curso de Marketing revelou-se da maior utilidade, ficou em primeiro lugar e deu-se uma reviravolta no comércio familiar.

Escudo de prata, um corço vermelho entre três flores de liz azul em chefe e cinco burelas ondeadas de azul e prata em

campanha. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro «FRANÇA-BRAGANÇA».



O avô era natural da aldeia mais setentrional do Concelho, e quando lhe perguntavam de onde era dizia sou da França, daí a alcunha do Francês. Que com a teimosia do transmontano, recusou mostrar o IRS e por isso perderam o subsídio para as obras de remodelação, mas o espírito de comerciante do velho falou mais alto, aquilo era bom para o negócio, por isso acabou por pagar as obras do próprio bolso. Não preciso de esmolas de ninguém, Paulito. Na reabertura o neto convenceu-o a trajar de avental branco com burelas ondeadas de azul e no peitilho bordado o logo tipo do estabelecimento, o pormenor a vermelho da boina francesa desmanchou o velho. Abraçou-o com força e disse obrigado, Paulito, isto é a farda que quero levar para a cova, nunca te esqueças disso. Ofereceu-lhe a carta de condução e uma Vannete branca de dois lugares com a imagem da mercearia estampada nos laterais da caixa onde arrumavam as mercadorias compradas na Makro, duas vezes por semana o stock era repostado, e até a mãe sempre com a pirisca na boca dava uma ajuda e decorava a montra com os seus paninhos de crochet.

Acabadinho de entrar no clube dos trinta, deu-se o terramoto familiar, um abanão indecifrável na escala de Richter. A mãe foi internada e ligada ao ventilador, até que o desligaram quando

já não havia nada a fazer, e o avô no mesmo instante deu-lhe um ataque fulminante, morreu ao balcão, agarrado à registadora. Paulito de um dia para o outro ficou órfão, de mãe e avô que do pai não sabia nada. Mas apareceu no velório, mais pelo velho do que pela ex-mulher, embora o avô não o quisesse ver nem pintado. Com o desconforto do militar à paisana. Não sei que dizer, os teus irmãos mandam-te um beijinho, Paulito. Não diga nada, ainda me deixa mais nervoso, eu nem sabia que tinha irmãos, de qualquer maneira obrigado por ter vindo, e pirou-se logo de seguida. Sentado no banco corrido, na casa mortuária da igreja de Santo Condestável, a sua companhia eram os defuntos e as beatas. Talvez o insólito na presença dos dois caixões ao lado um do outro desse um valor acrescentado ao acontecimento, mas Paulito não alimentou a morbidez e manteve-os fechados. O do avô tinha a cobri-lo o avental de trabalho e pousada na cabeceira do esquife a boina vermelha, o da mãe cobria-o uma belíssima colcha aos quadrados coloridos, iguais às pegas penduradas ao lado do fogão, em crochet claro. Afinal por volta das onze da noite o bairro inteiro pôs-se na bicha para um último adeus ao Francês e à sua filha louca, até os Almirantes apareceram, um atrás do outro arrastaram-se com o apoio das bengalas, deram-lhe um passou-bem seguido pelos meus sentimentos e foram-se logo embora. Paulito passou o velório a receber pêsames, dos amigos abraços de conforto, dos clientes um beijinho carinhoso, aos desconhecidos um aperto de mão solidário com a morte. «Se eu não te amasse tanto assim» cantarolava para

dentro, adorava o Roberto Carlos e amava tanto a vida «mesmo sendo ela assim, tão difícil de entender, tão difícil de enxergar o que ela quer de mim» era o único que sorria e o seu sorriso enigmático desarmava os presentes, era demasiado contido para ser de um louco, escapava no entanto à realidade, era um sorriso que vinha da imaginação, daquela que só recorda coisas boas, só guarda o que é belo, e deita fora o que ensombra a beleza da vida. A Madame aproximou-se determinada, uma elegância no seu saia casaco cor de pérola, os olhos estranhamente tinham o brilho do desejo misturado no do pecado, deu-lhe um beijo e segredou-lhe ao ouvido, a seguir passe lá por casa.

A sua discricção tinha qualquer coisa de nobre, e também de marçano, certificou-se que ninguém o seguia, entrou no trinta e três e subiu degraus dois a dois até ao terceiro andar. Três três três uma combinação que agradava a Don Juan de regresso ao ministério, ela abriu a porta, puxou-o para dentro e beijou ardentemente, Paulito, em estado de choque.

Não há nada mais excitante do que aquilo que se faz em segredo e em pecado. Deitado na cama de Bilros, no lugar do marido fugido com a ex-namorada, fixava o teto e pensava a vida é extraordinária se nos deixarmos ir, com um duplo enterro marcado para o dia seguinte, aquela mulher madura e abandonada fazia-lhe naquele momento o melhor sexo oral da sua vida. E ele via imagens, sucessivas, quadros, uns atrás dos outros, alguns tinham mãos de mestre, outros somente pinceladas de habilidoso, mas o pintor era só um, ele próprio.

Nunca digas desta água não beberei, de um momento para o outro passou a ser ele o merceeiro do bairro. E não dá para acreditar, Paulito, adormeceu e faltou ao funeral.

A Tété revelou-se uma boa amiga, e uma amante extraordinária, a mulher perfeita, um misto de amante com mãe e filha. Como amante despertou-lhe a veia de escrevedor, escreveu poemas inflamados de desejo, inspirado por poetas que moravam na biblioteca do trinta e três, e também foram abandonados pelo marido da Tété, com quem Paulito, por estar a olhar para os seus livros, não podia deixar de simpatizar, «A maneira correcta de comer um figo à mesa
É parti-lo em quatro, pegando no pedúnculo,
E abri-lo para dele fazer uma flor de mel, brilhante, rósea,
húmida,
desabrochada em quatro espessas pétalas.

Depois põe-se de lado a casca
Que é como um cálice quadrissépalo,
E colhe-se a flor com os lábios.

Mas a maneira vulgar
É pôr a boca na fenda, e de um sorvo só aspirar toda a carne.

Cada fruta tem o seu segredo.
O figo é uma fruta muito secreta.
Quando se vê como desponta direito, sente-se logo que é
simbólico:

Parece masculino.

Mas quando se conhece melhor, pensa-se como os romanos
que é
uma fruta feminina.

Os italianos apelidam de figo os órgãos sexuais da fêmea:

A fenda, o yoni,

Magnífica via húmida que conduz ao centro.

Enredada,

Inflectida,

Florescendo toda para dentro com suas fibras matriciais;

Com um orifício apenas.

O figo, a ferradura, a flor da abóbora.

Símbolos.

Era uma flor que brotava para dentro, para a matriz;

Agora é uma fruta, a matriz madura.

Foi sempre um segredo.

E assim deveria ser, a fêmea deveria manter-se para sempre
secreta.

Nunca foi evidente, expandida num galho

Como outras flores, numa revelação de pétalas;

Rosa-prateado das flores do pessegueiro, verde vidraria
veneziana

das flores da nespereira e da sorveira,
Taças de vinho pouco profundas em curtos caules túmidos,
Clara promessa do paraíso:
Ao espinheiro florido! À Revelação!
A corajosa, a aventureira rosácea.

Dobrado sobre si mesmo, indizível segredo,
A seiva leitosa que coalha o leite quando se faz a ricotta,
Seiva tão estranhamente impregnando os dedos que afugenta
as
próprias cabras;
Dobrado sobre si mesmo, velado como uma mulher
muçulmana,
A nudez oculta, a floração para sempre invisível,

Apenas uma estreita via de acesso, cortinas corridas diante da
luz;
Figo, fruta do mistério feminino, escondida e íntima,
Fruta do Mediterrâneo com tua nudez coberta,
Onde tudo se passa no invisível, floração e fecundação, e
maturação
Na intimidade mais profunda, que nenhuns olhos conseguem
devassar
Antes que tudo acabe, e demasiado madura te abras
entregando
a alma.

Até que a gota da maturidade exsude,
E o ano chegue ao fim.

O figo guardou muito tempo o seu segredo.
Então abre-se e vê-se o escarlate através da fenda.
E o figo está completo, fechou-se o ano.

Assim morre o figo, revelando o carmesim através da fenda
púrpura
Como uma ferida, a exposição do segredo à luz do dia.
Como uma prostituta, a fruta aberta mostra o segredo.

Assim também morrem as mulheres.

Demasiado maduro, esgotou-se o ano,
O ano das nossas mulheres.
Demasiado maduro, esgotou-se o ano das nossas mulheres.
Foi desvendado o segredo.
E em breve tudo estará podre.

Demasiado maduro, esgotou-se o ano das nossas mulheres.

Quando no seu espírito Eva soube que estava nua
Coseu folhas de figueira para si e para o homem.
Sempre estivera nua,
Mas nunca se importara com isso antes da maçã da ciência.

Soube-o no seu espírito, e coseu folhas de figueira.
E desde então as mulheres não pararam de coser.
Agora bordam, não para esconder, mas para adornar o figo
aberto.

Têm agora mais que nunca a sua nudez no espírito,
E não hão-de nunca deixar que o esqueçamos.

Agora, o segredo
Tornou-se uma afirmação através dos lábios húmidos e
escarlates
Que riem perante a indignação do Senhor.

Pois quê, bom Deus! gritam as mulheres.
Muito tempo guardámos o nosso segredo.
Somos um figo maduro.
Deixa-nos abrir em afirmação.

Elas esquecem que os figos maduros não se ocultam.
Os figos maduros não se ocultam.
Figos branco-mel do Norte, negros figos de entranhas
escarlates do Sul.
Os figos maduros não se ocultam, não se ocultam sob nenhum
clima.
Que fazer então quando todas as mulheres do mundo se
abrirem na
sua afirmação?

Quando os figos abertos se não ocultarem?»

Como uma mãe zelosa ensinou-lhe tudo o que não sabia, mas era forçoso saber, polir o diamante em bruto, como falar pausadamente, sem os nervos à flor da pele, um homem tem de saber estar sem meter as mãos nos bolsos, até no pormenor do sentar era importante o homem não se esparramar de pernas abertas, ou a comer não ser um javardo sem maneiras. Ensinou-lhe as “Regras da Etiqueta”, e Paulito não parecia o mesmo, até fumava de maneira diferente, como um gentleman. Aceitava demasiado o sim e não de tudo dizia-lhe a Tété, um homem tem de ser determinado, saber o que quer... mesmo que o que queira seja fugir com a criada, e desatava num pranto, a lição terminava ali. E de repente ela era a filha, encostava a cabeça no peito de Paulito que lhe dava festas no penteado ondulado fixado a laca, cúmplices no desgosto-da-pessoa-abandonada acabavam a noite a brincar. Com as mamas pendentes em frente à cara quando a Tété estava em cima dele dizia que estava a viver o paraíso, és tão maluco, Paulito.

Não há nada que seja perfeito sempre, pelo menos nada que me lembre desabafava Paulo César a fazer o caixa. Cada dia que passava a noite avançava mais um bocadinho, era testemunha disso porque fechava a mercearia sempre à mesma hora, o Outono chegava e trouxe a Paulito a vontade de sair dali para fora, varrer de uma vez por todas Campo de Ourique do mapa.

O Pincher da Tété metia-lhe nojo, aquilo não era cachorro, aquilo era uma ratazana epiléptica, o corpo tremia constantemente, de frio e medo, embora fosse uma fera. Aparecia a meio do corredor vindo do nada, fixava Paulito a rosnar que não aguentava aquele olhar de berlindes negros e fugia dele a sete pés, aos gritos, até a Tété o apanhar e aconchegar no colo, é muito ciumento o meu pequenote, e ia deitá-lo no cesto a um cantinho da sala. Quando arreganhava os dentes de raiva parecia fruto de uma horrível experiência genética, Paulito tinha de desviar o olhar, não aguentava o bizarro espetáculo. Não se podia dizer que essa animosidade era um problema na relação dos dois amantes, mas criava alguma fricção, ele nunca estaria descansado com aquela besta à solta, ela sabia disso mas recusava-se a prendê-lo. Mas o que amofinava mesmo Paulito é que o bicho despertava nele maus instintos, imaginava que o atirava pela janela, que estando uma noite enrolado com a Tété, inadvertidamente esmagavam o desgraçado escondido entre os lençóis, imagens de violência e horror que nunca tinha tido na vida, sonhava que entrava em casa e via o cão enforcado, pendurado pelo minúsculo pescoço por uma corda fixa no candeeiro do teto, acordava com ele a lamber-lhe a cara, e vestia o casaquinho de xadrez que costumava levar quando ia à rua, felizmente Paulito e Tété evitavam serem vistos juntos em locais públicos, se o Gordo e o Minorca o vissem com aquela mascote de circo pela trela a apanhar cocó no Jardim da Parada iriam jurar que Paulito tinha enlouquecido, herdado o mal de família por vias da

mãe. Um receio presente na sua imaginação galopante, começava a achar que havia em si algo de insano, e que os outros achavam que era um louco, uma sensação de estranhamento formigava-lhe o corpo todo, estaria realmente aos poucos a enlouquecer?

« Sonho que sou louco, e na minha loucura sou mais sensato que num sonho. Ou acordado, com medo que me tenham por louco meus companheiros de sonho. Meu bom senso é diária loucura, para um mundo em vigília que atribui mais vigília e atenção mais funda à razão do que a razão possui. Sonho é minha vida diária, cada dia simula e dissimula até loucura e razão serem ambas semelhantes, e eu ajo enquanto sonho. No sonho, o bom senso e a loucura, o sonho e o dia a dia ligados, entre si todos semelhantes: sonhando ou acordado, sou louco e sou sensato.»

O marido voltou para casa, numa noite de Outono que desde o principio anunciava tempestade, quando a campainha tocou, estavam os amantes entretidos em secretos prazeres, perceberam logo a gravidade daquele toque. Tété levantou-se vestiu o robe e dirigiu-se apressada para a porta, Paulito ficou congelado na posição desconfortável em que se encontrava, tinha a língua dormente, ouviu um grito que não percebeu se era de dor ou alegria, apurou os ouvidos mas o instinto é que lhe disse que aquele grito tinha sido de felicidade. Vestiu-se à pressa e ficou à escuta, encostou-se à ombreira da porta e espreitou, o corredor estava vazio, olhou para a direita e vinham vozes da sala, o gajo tem voz grossa, Paulito, virou-se

para a esquerda decidido a fugir pela escada de emergência que dava para a cozinha, mas ainda não tinha dado dois passos cautelosos e o Pincher aparece à sua frente, não rosna olha simplesmente para ele e avança calmamente passando-lhe por baixo das pernas, um pingo de suor gelado nasce na fonte e escorre pela cara abaixo. Não haja confusões, Paulito não foge com medo do homem, Paulito foge para salvar um casamento. No terceiro patamar para quem desce as escadas em ferro e em mau estado, as soldaduras ferrugentas cedem com o peso dele, o chão foge-lhe dos pés, agarra-se com as duas mãos ao corrimão que o enlaça e se dobra como se o metal fosse mole, a moleza rangesse e quisesse salvar uma vida, pousa-o nas lajes frias, suavemente como um anjo caído do céu, as asas molhadas coladas ao chão, chove torrencialmente na imaginação de Paulito, que se deixa ficar deitado, e chora, chora com saudades do avô e da mãe. Quando chora pela mãe, não sente falta do que ela foi, chora sim pelo que ela poderia ter sido.

Sofrer muito esgota a energia, e é viciante, atinge o seu expoente máximo no sofrer por sofrer, e o sofrimento não se esgota, procura constantemente causas que o alimentem, e não é preciso procurar muito, porque vendo as coisas na perspectiva do sofrer estamos rodeados de sofrimento. O sofrimento na maioria das vezes é inútil, ou completamente escusado. Paulito recusa-se a sofrer por saudades antecipadas, na verdade ainda não tinha sentido a falta deles, sabia que choraria a seu tempo, naquele instante em que

percebesse que estava sozinho no mundo.

Não havia volta a dar, a sua vontade insistia em querer saber o que tinha acontecido à criadita, mas a Tété deixou de lhe falar, quando se cruzavam na rua ignorava-o e ia jurar que via nela o olhar do desprezo. Não voltou à mercearia, por isso Paulito além de perder uma amante divinal perdeu também a sua melhor cliente. Aos poucos capacitou-se que nunca iria descobrir o que aconteceu à sua primeira paixão, o mais provável era ter ficado algures pelo caminho, numa cidade qualquer perdida no mapa e o marido da Tété nem se lembrar onde e como, há um tipo de homem que é useiro e vezeiro em abandonar amantes, e geralmente são aqueles que impõem a si próprios e aos outros a imagem do senhor respeitável, acima de qualquer suspeita.

De um dia para o outro Paulito fechou a mercearia, pôs à venda o imóvel herdado incluindo como oferta a carripana personificada, e foi mais rápido do que pensava, uns chineses mostraram-se logo interessados e pagaram a pronto sem regatear o preço exagerado.

Com a conta recheada, e não lhe apetecia fazer nada, ou tinha medo? é que verdade se diga Paulito nunca tinha saído de Campo de Ourique, e também nunca tinha sentido aquela sensação de liberdade, que o assustava. E agora, o que é que faço da minha nova vida?

Depois da fuga precipitada pela aparição de um pai que desconhecia, mudou completamente de perspectiva. Já não se importava se era ou não Apolo, porque tudo lhe parecia inútil e sem sentido, para além disso percebeu que a vida pode ser uma enorme confusão da qual não há saída e aquela loucura dos deuses começava a incomodá-lo. Não vale a pena tentar organizar a vida quando os pensamentos são tudo menos organizados. Decidido, jurou a si mesmo que depois da festa, na qual mantinha intenção de participar, não fosse ela em sua homenagem, mudaria tudo, passaria a ser outro, adormecesse mais uma vez mortalmente a sua memória ou não, optando secretamente pela primeira hipótese, a afirmativa por se afigurar mais simples e exigindo menos de si, aliás exigindo nada, porque o seu eu actual deixaria pura e simplesmente de existir, no presente e no passado. Abandonou-se a um certo alívio que veio com esta decisão, recostou-se o melhor possível na desconfortável maca da ambulância dos bombeiros voluntários que o levava a Vila Franca a pedido da Tina que prontamente o ajudou assim que percebeu a sua determinação em partir. Tem de ir para o hospital, está com a tensão muito baixa, não queremos a responsabilidade do filho do comandante se apagar aqui à nossa frente, e ele a sentir-se

fraco, as pernas fraquejarem mesmo, e Beto desconfiado, mas como se ele é um deus, imortal?

Um abraço forte consolida a despedida e um segredo ao ouvido confirma a cumplicidade, just because ó ié. É verdade que vão atacar Lisboa pergunta Apolo a Tina quando se despedem com um aperto de mão, a dela trazia um presente escondido. Isso são disparates responde prontamente a disfarçar a emoção e o segredo, vamos é ser atacados, o que o teu pai está a fazer é tentar negociar a nossa rendição antes que haja um banho de sangue. E a ambulância afasta-se com a sirene ligada e Apolo abre a mão que tem o colar, o fio de couro com a medalha, o dente de leão com um diamante encastrado.

A ideia da Tina revelou-se crucial no sucesso da fuga, atravessaram sem parar dois check points que pareciam saídos de uma reportagem da CNN em Israel, com as sirenes ligadas não abrandaram ao aproximarem-se das barreiras à saída da Póvoa, um bando de revoltosos desconhecendo os procedimentos necessários para organizar uma acção daquele género faziam um controle atabalhado, a ambulância ia atropelando um dos guerrilheiros visivelmente alcoolizado. A partir de Alverca o terreno pertencia aos militares, controlavam minuciosamente as escassas viaturas que circulavam no cenário de guerra, mas à urgência deles deram passagem imediata.

Vila Franca cidade em fatias, a auto-estrada e a estrada nacional mais importante do país cortam-na em três bocados, a sua memória não retinha nada que existisse ou se tivesse

passado de relevante naquela terra, talvez o museu do neo-realismo que rapidamente abandonado pela crise se tornou uma ruína famosa por dar abrigo aos sem-abrigo e aos drogados, dizia-se que dormiam em cima das tapeçarias de Portalegre da última Exposição.

A luta de Apolo é uma luta interior, tem pouco a ver com o que o rodeia, para ele a condição humana já não lhe diz nada, porque ele tem os seus próprios problemas, embora eles digam sobretudo respeito à humanidade, à qual ele gostava de pertencer, mas não pode, porque por enquanto está preocupado é em resolver os seus dramas enquanto ser divino. Não haja ilusões, o Apolo de hoje não é o mesmo do passado, ele começou por ser inventado pelos homens, para satisfazer os seu caprichos. Matar Aqueus à flechada e envenená-los para vingar um fiel amigo a quem eles roubaram a filha, não será a desconsideração propriamente aquilo que ele hoje julga ser uma causa divina. Mas atenção, é importante desmistificar a história sem no entanto lhe retirar o glamour, senão não fica nada de que nos possamos orgulhar.

« Apolo, filho de Leto e Zeus. Enfurecera-se o deus
contra o rei e por isso espalhou entre o exército
uma doença terrível de que morriam as hostes,
porque o Atrida desconsiderara Crises, seu sacerdote.»

Apolo evoluiu, aprendeu com os erros, desmarcou-se aos poucos da confusão, até deixar de ser citado. Ele é um deus na clandestinidade, onde todos os homens de bom senso também estão. Mas Apolo não se marimba para a humanidade,

nada disso, antes pelo contrário, ele observa de cima, move-se nela, vive dentro do corpo do eleito, e sente o que ele sente, a paixão o desespero, amor e raiva, o sentimento inconcebível de que não se vai durar sempre, e o envelhecimento a prova disso. Aquele desejo irracional que incendeia o corpo, e só se apaga com a satisfação, como um animal. A qualidade que melhor lhe assenta enquanto humano é o diletantismo, o que cultiva as letras por puro prazer, ou o que se diverte e procura o prazer sem levar nada a sério.

Apolo participa no assalto à loja da vodafone xiraquense, juntou-se a um grupo de jovens e partiram a montra à pedrada, conseguiu sacar o iphone, não precisava de mais nada, a seguir juntou-se à multidão especada na praça da estação, sem saberem muito bem o que ali estão a fazer, talvez à espera de don Sebastião que poderá vir no próximo Regional, ligou o aparelho, sentou-se na base da estátua do Toureiro, o simulacro em betão de uma barreira, vermelha com um círculo branco ao centro, aninhou-se entre as pernas esguias do matador em colans, e protegido pela sua capa em bronze começou a descarregar som da internet, que por incrível que pareça, fazia downloads a uma velocidade galopante.

Depois, de caminhar em silêncio até à entrada da ponte outra dificuldade se apresenta, está controlada pelos militares. Mais uma vez Apolo tem de puxar pela imaginação e atravessar o rio a nado está fora de questão, a corrente é muito forte e arrasta lixo de toda a espécie e feitio, se a meio do percurso fosse abalroado por um pneu de camião era morte certa.

Leve-me à outra margem diz descaradamente ao pescador sentado dentro da embarcação no cais dos pescadores, o homem não responde, fuma o seu cigarro calmamente como se não tivesse ouvido nada, Apolo atribui o silêncio a uma característica particular dos marinheiros, uma ideia assimilada nos livros, gostam pouco de falar. Pago-lhe trinta euros, e o pescador desperta logo, assim já começamos a nos entender, passe para cá o carcanhol e suba para o barco. O cair repentino da noite para ajudar a travessia clandestina, o rio é um buraco negro para quem vê de cima. Até meio do percurso cai numa sonolência, embalado no baloiçar e no som da água revolvida pelo motor Fora de Bordo. O menino vai à festa? pergunta-lhes o pescador, que não parecia o mesmo do momento do embarque, tinha-se transfigurado num velho filósofo, pertencia a outra história, que talvez fosse sua também mas da qual ele não se lembrava. Como é que sabe? e ele não responde.

Agora sim, na outra margem e pronto para se fazer à estrada coloca os headphones, liga o som e Logic Bomb dispara uma batida incomparável, perfeita para fazer a reta do Cabo a pé, « Quando ao início do Verão, o trovão, a energia elétrica, surge novamente da terra e a primeira tempestade refresca a natureza, uma prolongada tensão se dissolve. Há alívio e alegria. A música tem também o poder de dissolver as tensões do coração e a violência de emoções sombrias. O entusiasmo do coração manifesta-se espontaneamente no som do canto, na dança e no movimento rítmico do corpo. O efeito inspirador

do som invisível que emociona os corações dos homens, unindo-os, é um enigma que perdura desde os tempos mais remotos. Governantes usavam essa tendência natural para a música; elevaram-na e deram-lhe ordem. A música era considerada como algo sério e sagrado, que purificava os sentimentos dos homens. Cabia a ela elevar os méritos dos heróis, construindo assim uma ponte para o mundo invisível. Nos templos os homens aproximavam-se de Deus através da música e da pantomima. O sentimento religioso dedicado ao Criador do mundo unia-se ao mais sagrado dos sentimentos humanos, a reverência aos antepassados. Estes compareciam às cerimónias religiosas como convidados do Senhor do Céu e como representantes da humanidade nas esferas mais elevadas. Essa união do passado humano com a Divindade, nos momentos solenes de inspiração religiosa, estabelecia uma aliança entre Deus e o homem. Ao reverenciar a Divindade através dos seus antepassados, o governante convertia-se em Filho do Céu, aquele a quem o céu e a terra se uniam misticamente. “aquele que compreenda plenamente este sacrifício poderá reger o mundo como se o girasse na sua mão”»

Apolo gosta de Trance psicadélico, aquele hardcore do meio da noite, marchar parado ao som dos tambores, quando a poeira levanta dentro da tenda, e os pés já não tocam no chão, é esta ideia que o anima quando atravessado o rio se faz à recta invisível, o reino da escuridão, a noite escura. Lua Nova, mas devia ser de Lua Cheia, não devia?. Dois pontinhos de luz lado

a lado surgem no escuro à sua frente. Caminha balouçando o corpo ao ritmo do som, e avançam também, aos pares e em sentido contrário, no silêncio da noite os pirilampos, vão crescendo, aos poucos metamorfosear-se-ão em faróis de automóvel.

Para ele, na época que lhe coube em sorte nada se aproxima mais da missão do herói antigo, do que aquela que lhe foi confiada: dar forma à modernidade.

O seu aspeto mais autêntico não é no fim de contas o de um Apolo em repouso, mas o de um humano despojado de tudo, onde reside também a misteriosa tecitura de beleza e assombro no dandy.

A dimensão heróica perdeu a sua tonalidade antiga, a patine que os nomes heróicos transportam consigo.

Desajustamento, heroísmo, máscara e vulnerabilidade, excentricidade e dissimulação, fazem justiça ao seu próprio destino, é nisso que consiste dar forma à modernidade: a necessidade supra-individual da sua vida, e até um certo grau, também do curso da sua vida.

Apolo sabe que nunca se sentirá bem em lado nenhum, no mundo reina o sentimento de catástrofe em permanência. O que ele procura é a beleza que a vida contém, e que não é a aparência enganadora, não é o brilho ilusório, mas sim o brilho do mistério da vida. Só através da imaginação a vida para ele faz algum sentido. A imaginação não é a fantasia, a imaginação é uma faculdade divina que apreende as relações íntimas e secretas entre as coisas, as correspondências e as analogias.

As correspondências estão carregadas de recordações, que não parecem provir da vida presente, mas de vidas anteriores, do deus que se adentrou nele, que para o cético não passarão de delírios, mas para ele são histórias bem reais, e através delas o presente faz mais sentido « a imaginação é a mais científica das faculdades, porque só ela compreende a analogia universal, as correspondências ».

Uma agradável cadência de pensamentos e reflexões acompanham-no até meio do caminho. Na estação de serviço encerrada, os faróis de um automóvel, os tais pirilampos, iluminam o grupo de homens que roubam a gasolina do depósito enterrado no chão, os garrafões de plástico vazios deslizam pela corda até se afundarem no combustível, depois sobem cheios, e aos poucos vão enchendo os jerricans que os ladrões trouxeram. Entretidos no gamanço nem dão pela presença de Apolo que escondido na penumbra passa sorrrateiramente sem eles darem por isso.

Erigida no local chamado pelos árabes de Al-Khameh, que significa, sítio da abundância de grão, a Ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com a invocação de Alcamé recorda o milagre, envolto já em lenda, de um campino, que terá sido salvo da mordedura de uma serpente, ao invocar a Virgem Imaculada, a qual encerrou a boca envenenada da serpente com uma maçã. Mandada construir no século XVIII, para o culto divino, a ermida devotada à Virgem sem Mácula, Senhora de Alcamé, permanece até hoje no carinho dos povos das margens do Tejo e das Lezírias, quer sejam, campinos, varinos, proprietários ou simplesmente cristãos devotos e anónimos.

Apolo descansa nos degraus da igreja, talvez na próxima vida venha a ser um Eremita, aquele que já viu tudo o que há para ser visto e no recolhimento procure ver aquilo que ninguém viu.

As fundações foram elevadas para prevenir as cheias, ou darem guarida à cobra da lenda que engoliu a maçã mas não morreu, pode muito bem ainda andar por ali a cirandar. Apolo assobia baixinho e fica à espera. No silêncio da noite ouve-se um restolhar, o ser rastejante sai debaixo dos alicerces, sobe a escada e aninha-se enrolada no colo de Apolo petrificado. Aquele ser temido pelos homens e classificado como repelente tem o conhecimento adâmico, aquele que levou à expulsão do paraíso, é isto que o Eremita anseia ver. Não é pois de estranhar que sejas a protetora do Templo da Imaculada Conceição, pois ela é puríssima quanto à culpa, pois nunca incorreu em nenhum pecado, nem original, nem mortal ou venial. A serpente dá uma risada sibilante e responde isso é um dogma meu caro, isso é um dogma.

A claridade da lua cheia que nasce no horizonte revela a extensa planície, inscreve a viagem no mundo do devaneio e do sonho. A aproximação do devaneio, a noite iluminada, aquela que pode acolher todas as imagens « eis o que se descobre na viagem, na experiência de viajar: tudo rodopia sem cessar, sem intensificação, sem metamorfose, e que contrasta de modo tão inclemente com os que partem por partir, cujo coração ligeiro vai conhecer, nas últimas estrofes, um ardor invencível, irmão da cólera que sente aquele para quem se tornou insuportável mastigar as cinzas da vivência e do choque. A viagem renova as valsas tenebrosas da repetição e as investidas do imprevisto. Todos se encontram sob a alçada deste horror. O uso das imagens do pião e da bola, símbolos

arcaicos que davam conta da intimidade que a criança conhece com os ritmos cósmicos, reforça a violência descrita. Entre os Gregos, o pião e a bola (a que se acrescentam a boneca de trapos e o espelho) eram emblemas de Dionísio em criança. Miragens e enganos dissimulam, multiplicando-a, a experiência infernal da repetição. As chicotadas do Anjo cruel acrescentam lenha para os viajantes se queimarem, a curiosidade é, com efeito, o melhor coadjuvante do tédio ».

O Tanque que esperava pela noite atravessa o túnel desce a ladeira e as lagartas arrancam o alcatrão. Na visão noturna do monstro metálico os putos da barricada, em pânico, desatam a fugir, excepto Joni Wilson. Perfila-se no meio da estrada com a caçadeira apontada ao dragão que cospe fogo, dá o peito ao canhão que aponta para ele, mas não é ele o alvo. A mira foca-se no último andar do Pátio do Castelo, e faz fogo, Joni Wilson segue com o olhar o trajeto do míssil, e vê a casa da mãe explodir com toda a família lá dentro « o presidente da república mandou executar esta noite a líder da revolta no Ribatejo; Albertina Savimbi Wilson morreu! com ela morreu praticamente toda a família e também o Comandante da Policia que apoiava os revoltosos. O presidente dos Santos congratulou-se com o massacre e deu prontamente via FaceBook os parabéns ao nosso presidente. Talvez agora Angola dê mais ajudas a Portugal. Telejornal. sic»

Febo Apolo desceu do Templo com o coração agitado de ira. Nos ombros trazia o arco e a aljava duplamente coberta. Aos ombros do deus irado as setas chocalhavam à medida que

avançava, e chegou com a Lua cheia ao centro da lezíria. Depois sentou-se e disparou a primeira seta, terrível foi o som produzido pelo arco de prata. Primeiro atingiu o presidente e depois os cães à sua volta. Disparou setas contra todos os homens e amaldiçoou a humanidade.

Chegado ao Porto Alto, a reta final até à festa decidiu que era o tempo que lhe restava para concluir a sua história, o epílogo, a conclusão resumida de algo, neste caso a sua vida enquanto Apolo.

Recapitulemos então. A droga perfeita, aquela que faz efeito sem ser preciso tomar nada, a droga da vida é a imaginação. Que todos os seres humanos tomam quando nascem, e que, com o tempo perde o efeito. Na criança a imaginação está na sua força máxima, é, das operações da alma a predominante, logo seguida pela inteligência. A Imaginação e a inteligência não precisam da razão para sobreviverem, com o entendimento e a fé já não é bem assim, embora a fé se manifeste muitas vezes sem a razão, e um suposto entendimento também. Faz-se o herói à estrada depois de comido o bitoque no restaurante, que visto de fora parece um aquário, chama-se «Torre» e não há torre nenhuma, depois dizem que sou eu que deliro diz Apolo mais animado. Para ele a modernidade é uma amante virgem, pronta a ser desflorada, o que nunca acontece realmente porque as solicitações são tantas que nunca se passa dos preliminares, mas ela desperta e ressuscita constantemente as forças do homem exausto. A sua experiência de ser moderno é a ausência de vínculos

familiares e sociais, o exílio, desprezo pela adaptação, amor não correspondido, atração pelo que passa e se desfaz. Ser moderno também é a rejeição de todas as formas da devassidão e crueldade que infestam as relações humanas, e desfiguram qualquer movimento religioso. O que escapa, o inadaptado que se encerra na loucura, se refugia «dans le opium immense» nos delírios que se prolongam na tarde imensa, o que procura o bem no que é belo, o que perdoa e ama incondicionalmente, o herdeiro que desfruta a herança e reclama a dívida, é esse o ser humano moderno, um deus de visita à Terra.

Pelida Aquiles de pés velozes dança à volta da tenda transfigurado num puto serralheiro de Odivelas, a música é leve cheia de floreios eletrónicos «work it out» diz a voz metálica «don't be afraid» responde o coro andróide. Atrida Agamémnon de vasto poder no corpo do Finex que é soldador em Marselha bate com os pés no chão e a terra treme. Uma batida grave, constante, convoca todos para a dança «let me tell you something about God» grita o Dj, e os acordes eletrónicos a fazerem a vez dos instrumentos. Lá está Calpas, de longe o melhor dos adivinhos, que guiara as naus dos Aqueus até Ilion graças aos vaticínios concedidos por Apolo, tem hoje um consultório na Praça do Chile e limita-se a adivinhar o que é óbvio “as pessoas não querem resolver os seus problemas, elas querem confirmá-los para se alimentarem disso” vaticina enquanto marcha parado. Climnestra esposa legítima do Atrida Agamémnon, uma princesa suburbana com um corpo escultural, olha com certo desdém para Criseida que não lhe fica nada a dever, nem de corpo, nem de estatura, nem na inteligência e muito menos na forma como dança. De braços descaídos, corpo curvado, entregam-se à música, ao ritual xamânico, possuídas endireitam-se gradualmente até oferecerem o peito ao céu, e que belos seios se adivinham debaixo das túnicas translúcidas. A deusa Hera de alvos braços que nenhum humano vê, dança abraçada a Briseida por quem Aquiles ainda morre de amores. Pala Atenas cujos olhos faíscam terrivelmente fala consigo própria, as coisas já não

são como antigamente. Nestor tenta acalmá-la, da sua língua flui um discurso mais doce que o mel, já viram morrer muitas gerações de homens mortais, embora as coisas estivessem diferentes na aparência, na essência permanecia tudo igual. Não te amofines tanto, a festa está tão bonita, já foste falar ao Apolito? Aguçada pela curiosidade a conversa ganha novo fôlego, já viste? está tão magrinho, perdeu os caracóis e aqueles óculos de lentes amarelas devem ser da vista cansada... o que o tempo faz a um deus. Nós também não podemos falar muito, apeteceu-lhe responder não fosse ele Nestor das doces palavras. Figuras que agora pertencem , ou sempre terão pertencido ao mundo da imaginação, mas que para Apolo não podiam ser mais reais. Ulisses de mil ardis por quem os Troianos não morrem de amores, inclinado sobre o balcão do bar tenta dar a volta à Sibila que serve as imperiais, o que o homem comum veria, se ali os houvesse seria Marquinho da Costa conhecido como o neto da Dona Branca, mas nenhum dos presentes tem a têmpera de homem mortal. E assim Apolo com regozijo no coração olha a turba de homens transformados em deuses, no meio de uma nuvem de poeira, comove-o a ideia que os portugueses sejam o Povo Eleito.

A maioria dos presentes são deuses reformados, em corpos viris. Diz-se que nem a idade traz o bom senso aos homens, mas aos deuses o tempo traz juízo, hoje não são de guerras que se ocupam os seres divinos, é a paz que os

move, a vontade de Deus, unir os humanos no amor e na bondade em vez de se andarem a matar uns aos outros, destruírem o planeta até não sobrar nada, nem nenhum. E se morrerem os homens para que servem os deuses?

A lua caprichosa desceu molemente a escadaria de nuvens, enchia toda a noite com uma atmosfera fosforescente. Envolveu Apolo com a ternura de uma mãe, depondo no seu rosto a sua luz, as pupilas verdes dos seus olhos dilataram-se, e ela estreitou-lhe o peito com tanto amor que ele ficou para sempre com vontade de chorar, e toda essa luz viva dizia «hás de sofrer eternamente a influência do meu beijo. Serás belo à minha maneira. Amarás aquilo que eu amo e aquilo porque sou amada: as águas, as nuvens, o silêncio e a noite, o mar imenso e verde, a água informe e multiforme, o lugar onde não estejas, a amante que não conheces, as flores monstruosas, os perfumes que fazem delirar, os gatos que se espreguiçam sobre o piano e gemem como mulheres, com uma voz rouca e suave. Serás amado pelos homens, cortejado pelas mulheres. Tu serás o rei dos homens de olhos verdes, procurarás em toda a tua pessoa o reflexo da temerosa Divindade, da fatídica madrinha de todos os lunáticos».

« Se calhar o leitor sabe o que eu devia escrever, isto é, não sabe, porque exatamente espera de mim que eu escreva o que não sabe, mas o que sabe de certeza é a sua expectativa, esse vazio que as minhas palavras deveriam preencher... »

ISBN: ()